



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Palais de l'Elysée, após encontro com o presidente Nicolas Sarkozy

Paris - França, 1º de abril de 2009

Primeiro, [quero] dizer ao presidente Sarkozy da minha alegria de poder passar algumas horas aqui. É importante lembrar que este ano será o ano da França no Brasil, e nós vamos ter a responsabilidade de fazer mais bonito do que a França fez aqui, quando realizamos o ano do Brasil na França. Não sei, talvez perderemos na qualidade do vinho que ofereceremos aos franceses no Brasil. Mas, de qualquer forma, estamos trabalhando para que haja uma evolução na produção do nosso vinho.

Então, nós estamos transformando em realidade um sonho antigo de duas grandes democracias, de dois países importantes, cada um no seu continente, e fazendo com que essa boa amizade e essa boa convivência democrática permitam que haja avanços no campo econômico, no campo científico, no campo tecnológico.

A parceria com a França prevê propostas para a governança mundial. Todos nós sabemos que as turbulências que estamos vivendo hoje são resultado da falta de governança, da falta de responsabilidade, quando permitimos que pessoas, indivíduos ou instituições sozinhas tomem decisões que trazem prejuízos para um conjunto enorme de seres humanos, e que depois cabe aos governantes tentarem encontrar uma solução.

Eu penso que a constituição de um grupo de trabalho entre França e Brasil, sob a coordenação dos nossos ministros das Relações Exteriores – envolvendo Ministro de Defesa, Ministro de Ciência e Tecnologia – além da nossa aliança no campo econômico, vai permitir que quando chegarmos no mês de setembro – quando o nosso presidente Sarkozy será homenageado no



dia da Independência do Brasil – a gente possa formular novos acordos e dar novos passos para essa integração entre França e Brasil.

A segunda coisa é a nossa viagem a Londres amanhã. Eu penso que vocês, da imprensa, devem saber a expectativa que essa reunião de Londres está gerando sobre os ombros dos dirigentes políticos que lá se reunirão. Não serão fáceis as medidas se não tivermos coragem de compreender que as grandes decisões a serem tomadas amanhã serão decisões políticas.

A parte econômica, certamente os nossos ministros, os nossos técnicos, saberão encaminhar. Mas é preciso que nós apontemos os rumos das decisões políticas de que nós precisamos, até porque tanto o presidente Sarkozy quanto eu não queremos assumir a responsabilidade de fazer uma reunião fracassada, uma reunião onde a grande decisão seja marcar uma nova reunião. Isso nós fazemos nos partidos em que participamos. Eu tenho longa experiência de reuniões no movimento sindical. Como presidentes da República, nós temos que fazer as reuniões e tomar as decisões.

Todo mundo já sabe o que tem que ser feito. Também não existe mais segredo, é apenas assumir a responsabilidade. Nós vamos ter que restabelecer o crédito no mundo. (intervenção: Isso aumenta o restabelecimento do crédito no mundo.). Nós vamos restabelecer a confiança que os consumidores franceses, brasileiros, americanos, alemães, britânicos, vão ter para voltar a consumir e fazer girar outra vez a roda da economia.

Ao mesmo tempo, nós sabemos que é preciso criar condições para que as instituições multilaterais de financiamento possam voltar a financiar, sobretudo os países mais necessitados, os países mais pobres, os países em desenvolvimento, para que as economias desses países possam voltar a funcionar normalmente e a gente não transforme essa crise, que começou nos Estados Unidos, em um caos econômico ainda mais grave para os países que não tem nada a ver com essa crise.

Além disso, eu penso que nós estamos de acordo com a necessidade do



fortalecimento dessas instituições, para que elas se dotem de capacidade de alavancar mais recursos e eu penso que [sobre] isso nós deveremos tomar decisões amanhã.

Mas o que é muito importante é que países mais importantes que o nosso, com PIB maior do que o nosso, com também maior responsabilidade na crise, assumam a responsabilidade de normalizar as suas instituições financeiras. Até quando nós vamos ficar colocando dinheiro para salvar os chamados créditos tóxicos? No Brasil nós, costumeiramente, chamamos de créditos podres, somos mais diretos no assunto. Não é possível continuar colocando dinheiro no banco, colocando dinheiro no banco e colocando dinheiro no banco, e esse dinheiro nunca volta como investimento e como crédito. É preciso que a gente, então, tenha consciência de que o sistema financeiro precisa voltar, obrigatoriamente, a estar vinculado ao setor produtivo do Planeta. Ou seja, todo mundo tem o direito de ganhar dinheiro, mas todo mundo tem o direito [dever] de produzir um bem material pelo dinheiro que ganha: ou se constrói uma casa, ou se constrói uma telha, ou se constrói um carro, um pneu, uma caneta, uma camisa, uma gravata ou um sapato, mas é assim que as pessoas precisam ganhar dinheiro, e é para isso que deve servir o sistema financeiro mundial e não para especular, um vendendo papel para o outro, o que não resulta na produção de nada e quando estoura, os prejuízos ficam para quem trabalha. Os trabalhadores nem sabiam que existia essa ciranda financeira no mundo.

Uma outra coisa em que estamos de acordo, e certamente enfrentaremos resistência, é a questão dos paraísos fiscais. Não é possível, não é admissível que no planeta Terra, que tem 1 bilhão de seres humanos vivendo abaixo da linha da pobreza, alguém se dê ao luxo de tirar dinheiro do setor produtivo e colocá-lo no setor especulativo. Não é possível. Não é democraticamente responsável, não é eticamente explicável. Eu diria que é quase imoral.



E nós, como governantes que fomos às ruas pedir votos para o povo, temos a responsabilidade de, em nome desse povo, dizer que é preciso colocar um fim nisso. Se alguém tem dinheiro para guardar, que guarde em um banco, que invista em uma indústria automobilística, em uma indústria de móveis, numa indústria da construção civil, numa indústria de confecção, numa indústria de computadores, mas nunca apenas para especular e ganhar dinheiro sem produzir nada.

Portanto, vocês percebem que será uma reunião entre amigos, mas uma reunião difícil, porque nem todos os amigos estão pensando igual neste momento. Cada um está pensando no seu povo, cada um está pensando no seu país. Nós também fomos eleitos com a responsabilidade de pensar no nosso povo e no nosso país, de pensar também no que vai acontecer com as pessoas que não pertencem ao nosso país, mas que estão na expectativa de que nós tomemos decisões para ajudá-las.

Por isso, eu, como sou muito otimista, Sarkozy, sou por demais otimista, estou convencido de que sairemos amanhã, no mínimo, com uma proposta que possa significar um alento para os milhões de seres humanos que estão na expectativa de que nós sejamos os seus representantes, e que possamos, então, tomar alguma medida que eles sintam que daqui alguns dias vai voltar a normalidade na economia, que eles vão voltar a ter emprego, vão ganhar um salário, vão trabalhar e vão comprar o que comer e o que vestir, tranquilamente.

Portanto, eu quero te agradecer [por] essas poucas horas de reunião, que foram muito importantes para que nós afinássemos um pouco a orquestra para a nossa participação na reunião de Londres. Eu espero te encontrar amanhã com mais otimismo ainda, com mais disposição de lutar, porque a França é um país muito importante, joga um papel muito importante e a disposição que você tem demonstrado nesses últimos meses mostra que a França pode ajudar a fazer com que os outros países evoluam politicamente e



que a gente não tenha medo de tomar as decisões.

O medo foi o que causou a crise. O medo foi o que causou a crise, porque poderia ter se tomado medidas em setembro de 2007 e não se tomou medidas. Portanto, mesmo que tardiamente, acho que nós vamos ter que tomar as medidas.

Por isso, muito obrigado, meu amigo.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em homenagem ao Vice-Presidente da República, José Alencar
Montes Claros-MG, 06 de abril de 2009**

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Cumprimentar o nosso companheiro governador de Minas Gerais, Aécio Neves,

Cumprimentar todos os companheiros ministros que vieram comigo, são muitos, mas cumprimentando a companheira Dilma Rousseff, estarei cumprimentando todos os ministros que me acompanham aqui,

Quero cumprimentar o nosso companheiro presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais,

Quero cumprimentar meus companheiros governadores do Nordeste que vieram aqui, todos, participar desta reunião da Sudene,

Quero cumprimentar dom José Alberto Moura, reverendíssimo Arcebispo Metropolitano de Montes Claros,

E cumprimentar dom Geraldo Majela de Castro, reverendíssimo Arcebispo Emérito de Montes Claros, também,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Celso Cota, presidente da Associação dos Municípios Mineiros, que me entregou um documento com algumas reivindicações dos prefeitos, e que logo, logo, iremos dar resposta,

Quero cumprimentar o prefeito de Montes Claros,

Quero cumprimentar o presidente da Câmara,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Paulo Fontana, superintendente da Sudene, que completa 50 anos.

Quero cumprimentar a senhora Maristela Kubitschek, que tanto nos honra com a sua presença nesta homenagem de 50 anos da Sudene,



Quero cumprimentar cada companheiro que está aqui, cada companheira,

Os companheiros da imprensa, que vão fechar os seus jornais mais tarde. Ou, se não der para fazer uma boa notícia hoje, façam uma ótima amanhã sobre este evento de Montes Claros. Afinal de contas, não é em todo momento na história deste país que uma cidade recebe uma quantidade de governadores, o Governador do estado, mais o Vice-Presidente da República, mais o Presidente. Vieram mais ministros aqui do que na reunião do Ministério, quando eu convoco. Uma coisa...

Antigamente os ministros gostavam muito de ir para Paris, viajar pelo interior do Brasil era mais difícil. Agora, as pessoas estão se habituando que faz parte, para conquistar uma viagem a Paris, a Nova Iorque, a Londres, fazer uma viagenzinha a Montes Claros, a outras cidades do interior do Brasil. Obviamente que os ministros têm viajado muito porque nós temos uma programação muito grande de obras e a gente tem que viajar porque é preciso não só acompanhá-las, mas inaugurá-las. Você, de vez em quando, inaugura obra que ninguém fala nem quem é que fez a obra. Então, acompanhar para que a gente possa inaugurar e o povo saber.

Mas o dia especial hoje é essa homenagem que nós fizemos aqui – três personalidades. Hoje de manhã, nós inauguramos uma usina de biodiesel, e nós demos o nome a ela de usina de biodiesel Darcy Ribeiro. Não poderia a Petrobras ter encontrado um mineiro de Montes Claros mais ilustre para ser homenageado. Eu confesso a vocês que uma coisa que eu admirava no Darcy Ribeiro era a irreverência do Darcy Ribeiro. Eu gostaria que todos os políticos, mais do que a sabedoria do nosso Darcy Ribeiro, tivessem a coragem, a finesse política com que ele fazia as coisas, que para um político conservador parecia normal. Para ele, o normal era ser anormal, nos momentos mais difíceis. Foi uma justa homenagem da Petrobras.



E essa homenagem ao nosso querido Juscelino, por conta dos 50 anos. Às vezes, Maristela, eu fico pensando como a vida é ingrata. A coisa melhor do mundo é a vida mas, às vezes, ela nos causa ingratidões que somente o tempo se encarrega de fazer com que essa ingratidão desapareça. Hoje, todo mundo no Brasil reconhece a grandeza que o nosso querido Juscelino teve antes, durante e depois que passou pela Prefeitura de Belo Horizonte, pelo governo de Minas e, depois, pela Presidência da República. Mas é importante lembrar que ele passou algumas décadas no esquecimento, ou melhor, quase exilado do direito de fazer política neste país.

Aconteceu uma coisa comigo, Maristela, que eu vou contar porque é muito marcante a sua presença aqui. Durante a campanha de 2006, eu gravei um programa de televisão com um jornalista muito importante. E na gravação daquele programa, ele me fez uma pergunta sobre a série que estava passando, do JK, na televisão. Eu disse a ele: eu só espero que aquela série que está passando sobre o JK não esconda o que aconteceu com o JK na política brasileira, dentro do Congresso Nacional, porque poucos homens neste país foram atacados de forma violenta como foi JK, pouca gente. A juventude, possivelmente, não se lembre disso, mas os mais velhos têm obrigação de se lembrar o que o Carlos Lacerda fazia com o Juscelino Kubitschek, dentro do Congresso Nacional.

Eu tinha certeza absoluta, Maristela, de que na hora em que o povo assistisse aquelas cenas dos deputados fazendo desaforo para o Juscelino Kubitschek, chamando-o dos nomes que eu não quero nem falar aqui, eu dizia: o povo vai compreender o que está acontecendo no Brasil, com as acusações de que eu estava sendo vítima. Eu tinha clareza de que o povo iria perceber que havia quase uma repetição histórica. O Getúlio, que governou com pulso firme durante 15 anos, em quatro anos de democracia não agüentou as provocações e o achincalhamento que fizeram contra ele, e foi ao suicídio.

O Juscelino teve mais paciência. O Juscelino, quando todas as pessoas



pensavam que ele ia tomar uma atitude violenta contra os seus agressores, é que o Juscelino crescia na política, muitas vezes perdendo os seus agressores, muitas vezes. Eu dizia: não pensem que o povo se engana, é preciso apenas o povo ver. E levou uns 40 anos para que as pessoas pudessem voltar a sentir orgulho de saber que o Juscelino Kubitschek foi o grande homem público que ele representou no Brasil, desde a sua entrada na política brasileira.

O outro homenageado é o José Alencar. Graças a Deus que você está “vivo da silva”, já provado e aprovado em três operações, essa última de 18 horas, para que você ouvisse as palavras do Aécio, as palavras dos governadores na reunião da Sudene, as palavras de tantas pessoas te homenageando em vida, porque quando a gente está na beira do caixão, todo mundo... Morto, todo mundo é bom. Agora, o que é prazeroso é ouvir os elogios que você ouviu aqui, vivo, na frente dos seus filhos, para que a gente possa saber o tipo de homem que nós estamos homenageando. Muitas vezes, o Brasil não é justo com os seus políticos de renome. Muitas vezes, a ingratidão...

Eu me lembro que fui procurar o José Alencar em um dia de ingratidão. Eu fui procurar o José Alencar... Vocês sabem que eu ficava no hotel do José Alencar, o Hotel Wembley. Me falavam assim: “O Lula, quando vem a Belo Horizonte fica em um tal de Wembley”, que era um hotel três estrelas, mas tinha umas dez estrelas de carinho, porque aquele pessoal, Zé, eu não te conhecia, mas aquele pessoal me tratava bem, os funcionários me tratavam muito bem. Aí, quando foi um dia, me disseram: “Isso aqui é do senador José Alencar”. Eu falei: eu acho que vou ser tratado melhor. Um belo dia, tivemos uma conversa com José Alencar e passei a utilizar a suíte do José Alencar. Já nem pagava mais, chegava lá: “O José Alencar não está aí, está a suíte presidencial aí...”. É brincadeira, mas é porque eu conheci este homem por dentro.



Eu acho que a homenagem que você recebe hoje, Zé, é uma coisa importante, porque nós não temos muitas reservas morais, nós não temos muitas reservas éticas na história dos (incompreensível). Às vezes, os que nós temos, nós fazemos questão de torná-los uma figura secundária.

Por isso é que eu acho que esse gesto de te homenagear é grandioso, da parte do governador de Minas, da parte da Sudene, porque eu acho que tem poucas pessoas no Brasil que têm dimensão da grandeza do José Alencar, poucas.

Possivelmente, o Zé tenha entrado na política tarde. Possivelmente ele, primeiro, quis cuidar da Coteminas, fazer a Coteminas ser o que é, depois ele quis fazer o filho dele se formar e fazer pós-graduação, casar todos os filhos, todas as filhas, ver os netos na frente. Ele falou: “Agora eu não tenho mais nada para fazer, vou entrar na política”.

Eu cheguei ao José Alencar em um dia daqueles, tristes. Ele tinha disputado uma prévia no PMDB, para ser presidente do Senado. Ele estava com um otimismo imenso e só teve o voto dele, só teve o voto dele. Solidão partidária, chama-se isso, solidão partidária. Mas eu tinha conhecido o José Alencar antes. Todo mundo sabe, o José Alencar, quando fala, ele fala que o vice é uma coisa insignificante. Não é não, depende do vice. Todo mundo aqui sabe que eu tinha perdido três eleições. Todo mundo aqui sabe que eu tinha um problema, que era um bloqueio de uma parte da sociedade, que me aceitava até um certo ponto, mas depois tinha um bloqueio de votar em um torneio mecânico, em um metalúrgico, para presidente da República.

Veja o que é o destino. Eu não conhecia o José Alencar, ouvia falar de um homem, que eu ficava no hotel dele, em Minas Gerais, em Belo Horizonte, e um belo dia eu sou convidado para ir a uma comemoração de 50 anos da vida empresarial do José Alencar. Eu fiquei pensando: Mas eu vou? Eu vou a uma festa de um grande empresário? Será que vou a uma festa da grande burguesia mineira? O que eu ganho com isso? O que eu não ganho com isso e



tal... Aí o companheiro José Dirceu falou: “Lula, é importante a gente ir porque o José Alencar tem sido um parceiro”. Aí, eu peguei, fui. Cheguei lá, estavam todos os governadores do Nordeste daquela época, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, de Santa Catarina e outros governadores, muita gente, muitos convidados, muita gente do outro lado, muita gente do nosso lado, muita gente neutra. Eu estava ali, um pouco me sentindo bem, um pouco não me sentindo bem, não sei se foi o Adriano que foi perguntar se eu queria falar. Eu falei: eu não vou falar, não sei o que vou falar aqui. Em uma festa dessa *finesse*, só gente graduada. Eu falei: o que um bagrinho vai falar em uma festa de jaú? Não vou falar.

Bem, aí, a festa vai embora, José Alencar vai fazer um discurso. Eu quero dizer para vocês que na hora em que o José Alencar começou a contar a vida dele e na hora em que ele terminou o discurso, eu falei: encontrei o vice-presidente de que eu preciso para ganhar as eleições deste país. Eu não esqueço nunca. Aí eu fui ao Congresso, nesse dia em que ele tinha sido derrotado, falar para ele: Companheiro, Zé, você não pode ficar no PMDB, você tem que sair do partido para poder ser meu vice. E ele saiu, entrou no PR. Aí, Aécio, foi duro, porque nós fomos lá para a convenção do PT, uma festa enorme no Anhembi, muita gente, muita gente. Não é que na hora em que chamaram o José Alencar para falar, algumas pessoas começaram a vaiar o José Alencar! Vocês imaginem: eu, com um baita de um orgulho de ter conseguido ele para ser meu vice, e alguns companheiros do PT foram vaiá-lo. Aí, a segunda lição de vida: José Alencar não falou uma palavra contra aquela molecada. Não sei se o Zezéu estava vaiando o José Alencar, ou o Waldir Pinheiro... Deviam estar lá, vaiando o José Alencar.

O dado concreto é que o José Alencar olhou para aquela molecada e falou o seguinte: “Olhem, quando eu tinha a idade de vocês, eu já tinha me emancipado, eu já tinha dormido em banco de praça, eu já tinha dormido em corredor de hotel, em Caratinga, eu já estava com a minha loja. Portanto, muito



antes de vocês quererem me julgar, eu vou ser julgado pela minha história e pela minha vida”.

Eu achei aquilo extraordinário, e passei a utilizar o companheiro José Alencar... A gente não anda muito junto, a gente sempre anda um pouco separado e agora, como Presidente, a gente mais não pode andar junto. Eu ando em um avião e ele anda em outro, porque não pode cair e os dois... Não tem Deus para dois. Deus é só para um, então tem que estar separado para ver quem é o escolhido para viver por muito tempo. Eu acho que ele já está escolhido, porque quem agüentou o tanto de operações que ele agüenta... Eu não agüento uma dor de dente.

Pois bem, o que me causava impressão – e aqui é um depoimento, companheiros governadores –, não sei se ele foi na Bahia, não sei se ele foi em Sergipe, no Piauí, o dado concreto era o seguinte: o pessoal mais à esquerda, mais exigente, aqueles que menos queriam que o José Alencar fosse o meu vice, foram os que começaram a fazer convite para o José Alencar ir fazer comício no estado deles, para conversar com os empresários.

Eu assisti a muitos comícios do José Alencar. Eu duvido que alguém fosse mais convincente do que o José Alencar. Não tinha rebuscação, sofisticação, era a história de vida dele. Era a história de vida que era a peça principal. Eu acho, viu, Josué, você que está aqui ouvindo, Josué, é preciso começar a preparar... a contar essas histórias. A gente começa a contar as histórias enquanto as pessoas estão podendo falar, para a gente gravar, para a gente filmar, e isso vai servindo para a gente ir montando um pouco da história deste país.

Então eu queria, José Alencar, dizer para você, porque nós ainda temos um ano e meio de mandato, temos muita coisa... mais de um ano e meio ainda, nós temos coisas para fazer, muita coisa pela frente, e vamos fazer. Mas eu queria te dizer que eu não sei quantos presidentes da República já tivemos no Brasil ou quantos virão depois de nós. Eu não sei se algum terá a felicidade de



ter um vice da qualidade que eu tive, com você na Vice-Presidência.

Nunca perdi um minuto de sono por estar viajando e o José Alencar assumir a Presidência, nunca, porque a minha confiança e a minha tranquilidade sobre o companheirismo dele e a lealdade é total e absoluta. Eu costumava dizer no Sindicato de São Bernardo para a companheirada, eu dizia o seguinte: nem todo irmão é um grande companheiro, porque está cheio de nós aqui que não nos damos com os irmãos. Então eu dizia: nem todo irmão é um grande companheiro. Agora, todo companheiro é um grande irmão. E o José Alencar é um grande companheiro, que eu peço a Deus que outros presidentes tenham, no mínimo, uma pessoa com metade das qualidades dele, que nós já teremos um grande vice-presidente da República neste país.

José Alencar, meus parabéns e meus agradecimentos por tudo o que você tem feito neste país. Eu acho – eu falei de gravar – importante a gente começar a preparar, Zé, a contagem da sua história. Não é para a política, não. É que eu acho que tem muitos jovens, muita menina e muito menino, que precisam saber que se você tiver perseverança, se você não se acovardar nunca, se você estiver disposto a vencer... Eu pergunto: como é que pode? Dois analfabetos, um de Minas, um de Pernambuco, como é que pode um grande empresário e um sindicalista se juntarem para ganhar as eleições e construir a parceria que nós construímos? É a mesma coisa que Tostão e Dirceu Lopes ou Pelé e Coutinho, ou seja, nós jogamos por tabela. Ele não precisa saber onde eu estou porque a bola vai ao lugar certo. Eu não preciso saber onde ele está porque a bola vai ao lugar certo. E, com isso, quem ganha é o nosso querido Brasil.

Portanto, José Alencar, que Deus te dê pelo menos mais uns 20 anos de vida, ou 30, porque as campanhas que você tem pela frente vão exigir muita saúde.

Um abraço, meu querido.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de inauguração da usina de biodiesel Darcy Ribeiro

Montes Claros-MG, 6 de abril de 2009

Meus caros companheiros e companheiras de Montes Claros,
Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu querido companheiro governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,

Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,

Meu querido companheiro ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento, que hoje, às cinco horas da tarde, vai assinar a ordem de serviço para a [BR]-135 e para o Contorno de Montes Claros,

Meu caro José Pimentel, ministro da Previdência Social,

Meu caro companheiro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro companheiro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Nosso querido companheiro ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão,

Nosso querido companheiro Geddel Vieira de Lima, da Integração Nacional,

Nosso querido companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Nosso querido companheiro ministro das Cidades, Márcio Fortes,

Companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,



Nosso querido companheiro José Múcio Monteiro, da Secretaria de Relações Institucionais,

Nosso querido companheiro Antonio Augusto Anastasia, vice-governador de Minas Gerais,

Meu caro Alberto Pinto Coelho, presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais,

Governadores Jaques Wagner, da Bahia; Eduardo Campos, de Pernambuco; Cid Gomes, do Ceará; José Maranhão, da Paraíba; Ricardo de Rezende Ferração, governador em exercício do Espírito Santo; Wellington Dias, do Piauí; Wilma de Faria, do Rio Grande do Norte; Teotônio Vilela Filho, de Alagoas; e Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Companheiros deputados federais aqui presentes,

Luiz Carlos Porto, vice-governador do Maranhão, que representa o Governador,

Nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Nosso querido companheiro Luiz Tadeu Leite, prefeito de Montes Claros, por meio de quem cumprimento os demais prefeitos da região,

Meu caro Athos Mameluque, presidente da Câmara Municipal de Montes Claros, por meio de quem cumprimento os demais vereadores da região,

Nosso querido companheiro Alan Kardec, que acabou de falar aqui em nome da Petrobras Biocombustível,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Demais companheiros diretores da Petrobras,

Meu caro companheiro Miguel Rossetto, diretor de Desenvolvimento Agrícola, Suprimento e Comercialização da Petrobras Biocombustível – ... arrumar menos função para esse nome aqui, porque...

Meu caro Ricardo Castelo Branco, diretor industrial da Petrobras



Biocombustível,

Meu caro Paulo Roberto,

Meu caro Júlio César Monteiro, gerente da Usina de Biodiesel de Montes Claros,

Senhora Maristela Kubitschek,

Senhor João Antônio de Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros,

Caro companheiro Leopoldino Ferreira de Paula Martins, presidente do Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais,

Nossa querida Teresa dos Santos de Oliveira, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar,

Só os nomes que eu li aqui já daria para eleger uns três vereadores nas próximas eleições em Montes Claros.

Meu caro Wilson Luiz da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerais,

Senhora Lidinei Aparecida Mendes Mota, representante dos pequenos produtores rurais,

Companheiros e companheiras,

Depois de ler todos esses nomes, cansei. Eu vou dizer poucas palavras para vocês. Não vou nem ler o meu discurso porque está muito grande. Eu vou deixar o meu discurso para depois.

[Quero] apenas dizer para vocês que a inauguração desta usina da Petrobras é a realização de um sonho que foi composto em três atos. O primeiro deles foi a inauguração de uma usina igual a esta em Candeias, lá no estado da Bahia. O segundo ato desse sonho foi a inauguração de uma usina igual a esta na cidade de Quixadá, no estado do Ceará. Agora a gente completa este terceiro ato do sonho dessa política de biocombustível, inaugurando esta usina aqui em Montes Claros.



Vocês estão lembrados que foi, se não me falha a memória, em 2005 que nós viemos aqui anunciar que a Petrobras iria fazer esta usina. Pois bem, essa política de biocombustível tem uma lógica, não apenas uma lógica ambiental, [mas] uma lógica energética porque ambientalmente ela vai ser menos poluente do que qualquer outro combustível que a gente tira do petróleo ou do carvão. Ao mesmo tempo, ela tem uma lógica social e econômica muito forte. Por quê? Porque está previsto na política de biocombustível, sobretudo na política de biodiesel, a contratação de uma parte dos fornecedores da agricultura familiar para oferecer à Usina qualquer tipo de oleaginosa que tenha no lugar, seja girassol, seja caroço de algodão, seja macaúba, seja mamona, seja pinhão-manso, seja soja ou seja dendê. Qualquer coisa que produzir óleo, nós vamos comprar: sebo de animal, óleo de animal ou até óleo de cozinha.

Aqui em Montes Claros deve começar logo, logo uma cooperativa de pessoas que vão passar de casa em casa recolhendo aquele resto de óleo, depois que a gente fritar o bife, que fritar ovo, fritar “não sei das quantas”. Muitas vezes, de forma desavisada, a gente joga ele na pia, ele vai para o esgoto, que vai para o rio e a gente vai poluindo o Planeta sem saber que estamos poluindo, muitas vezes, inocente. Agora nós vamos que ter que criar uma política de conscientização, para que nunca mais ninguém jogue o óleo de cozinha na pia ou jogue fora. Vamos guardar, que vai aparecer alguém da Usina para comprar isso, para poder produzir biocombustíveis.

Outra coisa importante é que antes, Governador, esses companheiros que hoje estão todos orgulhosos aqui – [está] cheio de camisetas escrito “macaúba” – que fazem parte de cooperativas... Antes, a macaúba servia para fazer óleo para limpeza, para fazer cosméticos, não é isso? Com o resto, se fazia a torta, se fazia a ração animal. E, muitas vezes, os companheiros tinham que ficar procurando um comprador para a sua macaúba. Possivelmente, nem sempre encontravam por um preço que fosse adequado.



Qual é a grandeza de a Petrobras ter criado uma empresa de biodiesel? Qual é a grandeza de a Petrobras ter feito uma usina aqui? Qual é a grandeza do ato daquela mulher que pegou o cartão? É porque agora vocês vão assinar contratos... Já tem 8 mil pequenos agricultores com contratos feitos pela Petrobras, portanto, com dinheiro garantido para vocês entregarem a macaúba de vocês para a Petrobras. Vocês não vão precisar mais ficar correndo atrás, porque vocês sabem que tem uma usina e, portanto, a cooperativa pode vir vender diretamente, para o cumprimento do contrato que vocês fizeram.

Essa é a coisa sagrada deste programa: gerar oportunidade de trabalho e de renda para a maioria da agricultura familiar. Se a gente não fizesse assim, amanhã poderia aparecer um grande empresário e ele, sozinho, venderia macaúba, ele sozinho venderia soja, ou ele sozinho venderia mamona, e a gente não cumpriria a função social do programa de biocombustível, sobretudo do biodiesel, que além de poluir menos o ar, garante uma renda melhor para as famílias pobres. Aquela mulher que vocês viram pegar o cartão, na hora em que marcou o cartão, na semana ela ganhou R\$ 600,00.

Ora, nós estamos ouvindo falar em crise internacional. Uma crise profunda, que vocês vêem na televisão todo santo dia. Aqui no Brasil nós sabemos que a crise chegou, mas nós sabemos também que o Brasil é um país que recebeu a crise seis meses antes [depois] de ela ter chegado em outros lugares, e ela vai acabar antes de acabar nos outros lugares. Por quê? Porque a gente poderia, em função da crise, dizer para a Petrobras: “não termine essa usina, não. Já começou a fazer, deixe aí, tire uma fotografia, que já dá até para utilizar em uma campanha. Não termine não, afinal de contas nós estamos em crise.” Ou: não vamos fazer as estradas porque nós estamos em crise; ou: não vamos fazer as casas. Ora, a primeira coisa que nós temos que ter claro é que aqui no Brasil nós temos que torcer, torcer como nunca, pedir a Deus para que essa crise desapareça na Europa, desapareça nos Estados Unidos, desapareça no Japão, porque esses países, como são os



mais ricos do mundo, eles precisam vender e comprar. E eles não estão comprando. Se eles não estão comprando, vai dificultar para os países em desenvolvimento vender para eles. Aí, nós teremos mais problemas aqui dentro.

É por isso que essa é uma crise que exige que a gente faça mais investimentos, que a gente gaste mais dinheiro em coisas que gerem empregos. Vocês viram que na semana passada nós anunciamos o lançamento de um programa de 1 milhão de casas populares. Nós vamos anunciar mais coisas para enfrentar a crise, porque nessa crise a gente não pode ficar parado.

Vocês estão lembrados de que no dia 22 de dezembro eu entrei em rede nacional para dizer ao povo que era preciso não ter medo de comprar. A gente estava vivendo que situação? Mesmo que a pessoa tivesse um pouquinho de dinheiro, essa pessoa ficava com medo de comprar por causa do noticiário, essa pessoa ficava com medo de perder o emprego, e aí deixava de comprar. Deixando de comprar, a loja não vendia; a loja não vendendo, não pedia para a fábrica; a fábrica não tendo pedidos, não produzia. Se a fábrica não produz, se a loja não vende e se a gente não compra, aí sim, é que vai acontecer o desemprego, que tanto medo coloca nas pessoas deste país. A economia é como se fosse uma roda-gigante, ela não pode parar de girar, ela tem que girar para que a gente possa fazer as coisas acontecerem neste país.

É por isso que nós tomamos medidas na segunda-feira passada. O José Alencar e o ministro Guido Mantega foram a São Paulo e anunciaram, por exemplo, a manutenção da desoneração do IPI do automóvel. Anunciamos o fim dos impostos em alguns produtos da construção civil. Por que nós fizemos isso? Para poder tornar mais fácil às pessoas adquirirem aquilo que desejam adquirir. A indústria automobilística já se recuperou, a indústria da construção civil está se recuperando rapidamente, e a nossa idéia é que a gente deve continuar fazendo investimentos para que a economia possa se recuperar



muito mais rapidamente.

Eu queria, Prefeito, aproveitar a presença de tantos prefeitos aqui – nós vamos ter um encontro com os prefeitos, aqui, e vamos poder conversar um pouco sobre a situação das prefeituras. Tem muitas prefeituras em situação, eu diria, de baixa arrecadação. Agora, vamos prestar atenção a uma coisa, vamos pensar em uma coisa: com a crise, caiu a arrecadação do governo federal, caiu a arrecadação do governo estadual e caiu a arrecadação das prefeituras, isso é verdade. Imaginem vocês, a nossa mãe colocando feijão no fogo para cinco pessoas e, de repente, chegam dez. Ou seja, todos nós vamos ter que comer a metade do que estava previsto a gente comer. Então, é importante que cada prefeito, cada governador e cada ministro saiba que reduziu a receita. Reduzindo a receita, vai reduzir a distribuição. Por outro lado, nós do governo federal temos feito desonerações para reativar a economia, em alguns produtos em que a arrecadação deles serve para a gente repassar para as prefeituras. Portanto, caiu ainda mais o repasse para as prefeituras. Nós temos consciência de que se a prefeitura for mal, se a prefeitura estiver mal, se ela não puder fazer nenhuma obra, se ela não tiver dinheiro, a primeira coisa que vai acontecer é o corte no salário dos funcionários da prefeitura. A segunda coisa que vai acontecer é começar a piorar a qualidade da educação, a qualidade da saúde. A terceira coisa que vai acontecer é que o prefeito não vai ter obra, nem para fazer uma manilha (incompreensível) nada.

Então, nós... eu estava viajando e pedi ao meu companheiro José Alencar que fizesse uma reunião com os ministros, com a companheira Dilma, com o companheiro Paulo Bernardo, com o ministro Guido Mantega, para a gente estudar uma saída para as prefeituras brasileiras e, possivelmente, para alguns estados que estão mais no sufoco.

Esta semana nós vamos ter uma reunião, com a minha presença, e o que eu poderia dizer aos prefeitos é o seguinte: todos nós vamos ter que apertar o cinto, mas nenhum de nós vai morrer na seca, como os municípios



brasileiros já morreram durante tanto e tanto tempo. Nós vamos tentar criar as condições para isso, sempre torcendo - que a economia está dando pequenos sinais de recuperação -, sempre trabalhando com a idéia de que nós vamos ter um segundo semestre melhor do que... [ou melhor], um segundo trimestre melhor do que o primeiro, e um terceiro melhor do que o segundo, para a gente chegar no fim do ano com a situação normalizada.

No mais, eu quero me despedir de vocês dizendo o seguinte: esta usina vai prestar um serviço enorme, porque quando ela estiver na sua produção total, nós vamos ter 20 mil agricultores familiares cadastrados. Se cada família tiver mulher e três filhos, nós vamos ter mais de 100 mil pessoas envolvidas na produção de óleo para esta usina da Petrobras.

Por isso, José Sergio Gabrielli, eu não poderia deixar de terminar o meu discurso agradecendo a você e à Diretoria da Petrobras porque compreenderam, quando nós resolvemos fazer a política de biodiesel, que a Petrobras, pela credibilidade que ela tem, pela importância na economia brasileira, pela respeitabilidade que ela tem no mundo, somente a Petrobras fazendo isso é que a gente poderá olhar na cara de um agricultor e dizer: essa usina nunca vai quebrar, essa usina vai produzir, porque a garantia dela chama-se Petrobras, e a Petrobras vai dar o suporte para a gente fazer mais, novas. Eu quero levar mais algumas para o Nordeste, viu, Eduardo Campos, Marcelo Déda. A Bahia já tem, o Ceará já tem, mas a Paraíba não tem, o Rio Grande do Norte não tem. Nós estamos pensando em levar para o Nordeste mais algumas usinas para a gente garantir, na parte mais pobre da população, o direito a ter uma renda garantida.

No mais, meus companheiros e companheiras de Montes Claros, eu sabia que eu não podia ter prêmio melhor: vim aqui inaugurar; depois, choveu um pouquinho; chover... pareciam lágrimas de sorriso, não lágrimas de dor, do contentamento pelo presente que Montes Claros está ganhando.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

No mais, um abraço a todos vocês, vamos trabalhar porque temos muita coisa para fazer por este país.

Um abraço.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o Encontro Nacional de Comunicadores

Brasília-DF, 08 de abril de 2009

Meu caro Fernando Haddad,

Meu caro Daniel, presidente da Associação Brasileira de Rádio e Televisão,

Permitam-me chamá-los de companheiros e companheiras da radiodifusão do nosso país.

Antes de falar um pouquinho da Educação, Fernando, eu queria contar uma coisa para vocês que aconteceu nessa última reunião do G-20, em Londres. Durante pelo menos 20 anos da minha vida, antes de ser presidente da República, eu andava pelo Brasil junto com outras dezenas de companheiros, dizendo que era necessário criar uma nova ordem econômica mundial. Isso era tratado como se fosse apenas uma frase de efeito de alguém que postulava um cargo público neste país. Depois eu passei mais 20 anos da minha vida carregando faixas, dizendo que era preciso romper com o FMI.

Quando eu fui a Davos, no dia 25 de janeiro de 2003, na volta para o Brasil, conversando com o ministro Celso Amorim no avião, eu disse ao Celso: Celso, eu acho que é preciso a gente construir uma nova geografia comercial no mundo. Nós precisamos mudar o mapa das relações comerciais, colocando dentro do mapa os segmentos, ou melhor, os países que até então estavam muito distantes do Brasil.

Vejam que as coisas que a gente achava que eram uma frase de efeito, tentando buscar uma manchete no jornal regional ou na boca de vocês, está se transformando em pura realidade. Eu brinquei, mas eu brinquei com um sentimento de muita seriedade, quando perguntaram se nós iríamos emprestar



dinheiro ao FMI. Eu disse: é com muito prazer que o Brasil vai emprestar dinheiro para o FMI. Temos condições, temos potencial para emprestar e nós achamos que nesse momento da economia mundial, todos aqueles que puderem contribuir têm que contribuir, e não apenas ficarem procurando o diagnóstico de quem é o culpado. A doença já está disseminada. Então, agora é preciso a gente arrumar o remédio adequado para estancar essa doença e fazer com que a economia volte a crescer.

O G-20 foi um pouco do retrato positivo que eu imaginava que pudesse acontecer. Vocês sabem que nessas coisas sempre aparece muita gente negativista: “Não vai dar em nada, é mais uma reunião. Isso não vai mudar nada, não vai acontecer nada.” O fato concreto é que a reunião do G-20 - você, Fernando Haddad, que conhece muito de economia - o fato concreto é que o G-20 conseguiu produzir, como resultado de uma reunião, coisas inesperadas pelos mais otimistas do mundo. Efetivamente, o G-20 produziu o marco regulatório de uma nova ordem econômica mundial, que será executado nos próximos meses. Essas coisas nunca acontecem no dia seguinte à reunião. Há um processo de maturação. Pela primeira vez, os países chamados Bric's - Brasil, China, Índia, Rússia, e os países emergentes não foram coadjuvantes na reunião.

É interessante, porque na minha militância política, a vida inteira, as críticas que se fazia à esquerda eram que a esquerda não se unia nem na cadeia. Eu aprendi, também, que não tem local do mundo para uma pessoa ser humilde, do que quando ela está internada em um hospital. Quando você está doente, deitando em uma cama de hospital, é que você percebe o quanto é insignificante, é que você percebe quantas vezes você foi mau quando seria muito mais fácil ter sido bom. Então, você passa a tratar as pessoas com muito mais carinho no isolamento de um quarto de hotel [hospital] e, muitas vezes, você nem recebe a quantidade de visitas que pensava que fosse receber. Eu não sei se vocês já tiveram a experiência de estar em um hospital no domingo



à tarde, esperando alguém ir visitar e não vai ninguém, a não ser os de sempre: a mulher e os filhos, ou o marido e os filhos.

Eu senti, no G-20... eu estava sentado, olhando aquela reunião, e como eu já tinha participado de outras, eu estava falando: como mudou o mundo. Não tinha ninguém arrogante. Todo mundo muito humilde, e todo mundo doido para que o outro tivesse uma solução para o seu problema. Uma das coisas que eu cobrei no jantar que houve no sábado, na casa do Gordon Brown, é que nós precisaríamos começar as reuniões contando a situação de cada país, que cada governante abrisse a reunião contando o seguinte: “no meu país a situação é essa; tem tanto de desemprego, tem tanto de crédito, eu tenho um déficit público de tanto, a dívida pública é de tanto”, para a gente saber o tamanho do buraco da crise. Senão, nós nos colocamos a dar palpite sobre tudo e não vamos ao cerne do problema.

Nessa reunião, eu acho que tive a felicidade de viver um momento histórico na vida da Humanidade, de participar de uma reunião que vai mudar a geografia mundial. O Obama disse uma coisa fantástica. O Obama, em uma entrevista, disse o seguinte: “Antigamente, Churchill e Roosevelt se reuniam em volta de um litro de conhaque e com um charuto, e decidiam o destino da Humanidade. Hoje não pode mais ser assim. Hoje nós temos que conversar com mais gente, nós temos que ouvir outros parceiros.” Então, quando se exercita a democracia, sempre fica um pouco mais difícil, sempre tem um pouco de consulta a mais, sempre tem a mudança em um parágrafo, a mudança de palavras em um texto, quando você o submete a muita gente.

Eu queria dizer a vocês que eu voltei de Londres convencido de que nós vamos conseguir dar a volta por cima nessa crise. Nós sabemos que tem países com mais problemas do que outros, vocês sabem que eu tenho dito em todo lugar que eu rezo mais pelo Obama do que por mim mesmo, porque eu acho que o problema dos Estados Unidos é muito grave, apesar da importância econômica dos Estados Unidos, do PIB americano, da capacidade tecnológica



daquele país. Mas eles deixaram a crise ir muito longe. Eu acho que, embora haja muitas tentativas e muitas medidas, eu acho que... Eu falei para o Obama: eu não espero que você acabe a crise amanhã. Eu só quero que estanque a crise, ou seja, vamos jogar um cimento nesse buraco para que não apareça mais profundidade nessa crise.

Então, eu voltei muito otimista. Voltei muito otimista e, depois, olhando os números aqui no Brasil, também eu percebi que o pânico de dezembro, janeiro, novembro e outubro já começou a arrefecer, e a gente percebe que alguns setores da economia estão voltando à normalidade. Eu espero que nas rádios de vocês, nos estados, também estejam voltando à normalidade os comerciais, porque sem isso também vocês não sobrevivem.

Então, eu queria só contar isso para vocês. Eu voltei otimista, eu acho que há um passo enorme, e acho que não sei em quantos momentos da história do nosso país, o Brasil foi levado tão a sério nessas reuniões. Eu acho que o Brasil hoje não tem uma presença de faz-de-conta. O Brasil tem uma presença em igualdade de condições, e isso é o que eu acho importante na reunião. Não tem mais os Estados Unidos e os outros, ou o Reino Unido e os outros. Não. Hoje, todos que estão naquela mesa sabem que nós precisamos uns dos outros para resolver o problema da crise econômica. Daí porque é acertada a decisão de colocar US\$ 1 trilhão no FMI, para ver se a gente consegue irrigar o crédito mundial, que é um dos grandes problemas, sobretudo na questão da balança comercial dos países.

Eu estou contando isso para dizer para vocês que mudou, mudou a geografia econômica do mundo, mudou a geografia comercial do mundo, e o Brasil hoje está emprestando para o FMI, em vez de tomar dinheiro emprestado do FMI. São mudanças extremamente importantes que, certamente vocês, como eu, não acreditavam que isso pudesse acontecer. Pois bem, aconteceu, e eu acho que o Brasil está colhendo o resultado da seriedade. Eu digo todo santo dia o que eu aprendi no Sindicato, Fernando:



nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor que não se respeita. A base para se fazer bons acordos é as duas pessoas que estão sentadas à mesa serem sérias. Se as duas forem sérias, sentam-se à mesa e fazem o acordo. Se uma delas for leviana, não tem acordo. Então, eu acho que o Brasil conquistou esse direito de ser respeitado e a gente sabe o quanto isso para este país.

Uma outra coisa que eu devo a vocês... eu digo sempre o seguinte: o rádio me salvou, porque quando eu fui preso em abril de 1980 - eu já contei essa história em um congresso da Abert - eu estava saindo com seis policiais dentro do carro, com metralhadora. Não sei por que precisava de metralhadora, se eu estava desarmado e inofensivo. De repente, qual era o meu medo? - Quem conhece São Bernardo do Campo, é uma cerração muito grande, tem dia que você se levanta às 6h da manhã e não enxerga o nariz, é muita cerração - Estava uma cerração muito forte, e eu fiquei me lembrando: quanta gente entrou em um carro para ir prestar um depoimento e não voltou mais? Onde foi parar? Quanta gente desapareceu? E eu naquela agonia: o que vai acontecer? Quando eu entrei na Via Anchieta, foi exatamente através de uma rádio que saiu a primeira explicação: "a polícia acaba de prender o presidente do Sindicato de São Bernardo". Eu falei: estou salvo. [Estava] salvo porque não tinha mais como alguém desviar o trajeto... Vocês vejam que interessante. Aí, chegar no Dops era uma alegria, porque a dúvida era saber se a gente ia chegar lá. E eu devo isso a uma rádio que imediatamente noticiou. Eu, dentro do carro, olhava para a metralhadora e falava: estou salvo aqui. Vou ser preso, mas não vou ser morto.

Quando o Fernando Haddad me disse desta reunião aqui, hoje, com os companheiros, e me convidou para vir, eu fiz questão de vir para fazer o reconhecimento do trabalho que o Ministério da Educação e sua equipe têm feito. Vocês sabem que tudo o que a gente tenta mudar, em qualquer coisa, é sempre muito complicado. Hoje o Fernando Haddad vai explicar para vocês o



resultado do Fundeb, do PDE, do ProUni, do Reuni, das creches, da melhoria da qualidade dos professores, da formação, da Universidade Aberta, do piso dos professores.

Todas essas coisas que hoje a gente pode comemorar por elas existirem e estarem funcionando, tiveram um começo muito difícil. Vocês sabem que qualquer mudança que a gente faça, qualquer mudança é sempre complicada. Eu me lembro que o Reuni, que era uma coisa que eu achava extraordinária e simples de fazer, porque a gente não precisaria construir... não precisaria comprar nenhuma carteira nova [para a] escola, não precisaria comprar nada, era só aumentar 6 alunos, em média, por professor, sair de 12 para 18 alunos por professor. Eu imaginei que era uma coisa que o Fernando Haddad iria ser carregado nas costas onde ele chegasse. Sabem quantas reitorias foram quebradas? Vinte. [Foram] invadidas, os reitores [foram] ameaçados de apanhar. Por quem? Normalmente, por pessoas de posses que já tinham a sua vaga garantida na universidade, que achavam que se a gente colocasse mais uma pessoa lá, iria diminuir a qualidade de ensino que elas tinham na escola. Chega a ser uma coisa tão... uma cena tão grotesca, que eu não imaginava que a gente fosse ter um comportamento... Não foi aprovar, não. Aprovamos quase na marra o direito de colocar 6 jovens a mais em uma sala de aula. Vocês sabem que tem sala de aula que tem 40 carteiras e 20 só ocupadas, 15, 7, 8. A gente só queria colocar mais 6 e, por conta disso, teve uma contrariedade enorme, de um grupo elitista que não queria que a gente colocasse os pobres na universidade.

Quando nós fomos criar o ProUni... o ProUni, eu acho que é uma coisa que parece simples, mas eu acho que foi uma das genialidades do ministro Fernando Haddad. Eu nunca perguntei a ele quem foi que deu a idéia para ele. Mas o dado concreto é que a gente vivia em uma agonia imensa. Primeiro, tirar de dentro do governo a palavra “gasto” com educação. Toda vez que a gente via um ministro abrir a boca, ele falava: “está gastando muito, vai gastar muito,



aumentou o gasto.” Então, em uma reunião ministerial, eu proibi utilizar a palavra “gasto” em educação. Em educação a gente não gasta, a gente investe. É como pesquisa. Quisera Deus que a gente pudesse só investir em pesquisa que a gente conhecesse o resultado positivo. A Petrobras, para descobrir o pré-sal... muita gente fala: “é sorte, é sorte”. Acontece que nós saímos de 500 milhões, de pesquisa e prospecção, para US\$ 2,5 bilhões por ano. Ora, quem aumenta cinco vezes o dinheiro para a pesquisa, um dia encontra. Então, a educação tem que ser vista dessa forma.

Quando o Fernando Haddad me colocou a proposta do ProUni, eu falei: eu acho que nós encontramos o caminho das pedras para colocar os pobres na escola. Nessa boa idéia hoje nós já temos, me parece, 473 mil alunos no ProUni, grande parte com bolsa total, uma outra parte com bolsa de 50%. Mas qual é o dado sagrado? É que são jovens da periferia deste país, e 40% deles meninas e meninos negros. Parece pouco, mas é só imaginar quantos negros a gente tinha na universidade, antes do ProUni, que a gente vai perceber que tinha um processo, que não era um processo de perseguição racial não, não era isso. Era um processo de perseguição às oportunidades. Se as pessoas não tivessem tido um bom ensino fundamental, as pessoas não entrariam nas universidades. As pessoas prestavam concurso vestibular nas universidades privadas, e quando chegava em fevereiro, que tinham que pagar, elas desistiam porque não tinham dinheiro.

Eu sinto hoje, quando eu viajo, na maioria dos lugares em que vou sempre tem um menino ou uma menina com um papelzinho na mão: “eu sou do ProUni, eu sou do ProUni”. Eu sei, eu tenho na minha pele o que significa uma criança, neste país, ter oportunidade de estudar em uma universidade. Eu sei o que significa para um pai e para uma mãe. Daí porque nós, eu acho que vamos terminar o mandato, em 2010, com um saldo – entre ProUni e Reuni – eu diria, quase colocando metade dos alunos que tinha nas universidades brasileiras. A renovação já dobrou, a gente tinha uma renovação de 113 mil



alunos por ano, no Brasil, nas universidades federais. Hoje já passou para 227 mil alunos. Dobrou em pouco tempo, e eu acho que só tende a melhorar.

As escolas técnicas, certamente em cidades que vocês moram deve ter alguma escola técnica. Era outra coisa que estava proibida por lei: o governo federal criar escola técnica. Eu digo esse dado, porque esse dado é muito marcante: em 100 anos, no Brasil, se criou 140. Este ano, somente este ano nós vamos inaugurar 100, e vamos terminar 2010 com 214 escolas técnicas a mais do que as 140 que nós tínhamos. Deus queira que quem vier depois, me derrote: faça 300 novas, faça 500. Nós fomos inaugurar aqui em Brasília, em Planaltina, esses dias, uma escola que foi fundada pelo Juscelino Kubitschek no dia 17 de fevereiro de 1958 [e que estava] abandonada. Não só não se fez novas, como se abandonou as que tinha, em um país carente de educação.

Outra coisa que me enche de orgulho foi a gente ter constituído o piso salarial dos professores. Vocês sabem, nas cidades pequenas, o quanto o professor é pessimamente remunerado. Nós encontrávamos professores ganhando R\$ 150, R\$ 200, e depois a enchia a boca para dizer: “é preciso melhorar a qualidade do ensino”. Agora, a condição fundamental para melhorar a qualidade do ensino é ter um professor bastante motivado e qualificado, ele tem que ser preparado. Se não se tem um processo de reciclagem dos professores, você pode ter um prédio maravilhoso, pode ter um computador em cada carteira, em casa mesa, mas se o professor não estiver preparado, ele não vai melhorar a qualidade do ensino.

Quando nós criamos o piso, para minha surpresa, eu achando que ia haver uma movimentação contra, porque era pouco... Eu ainda acho pouco R\$ 950, ainda acho pouco. Não é muito, não. Não estamos dando mais porque não temos condições de dar mais neste momento, mas eu acho que pagar R\$ 950 para uma mulher ou um homem ficar dentro de uma sala de aula o dia inteiro, tomando conta de 40, 50 crianças, não é brincadeira. Quem é pai e mãe aqui sabe que tomar conta de dois ou três da gente, que a gente pode dar



bronca, pode dar pito, pode gritar, é difícil. Eu sei, porque quando os professores entram em greve, eu sei o quanto as mães reclamam dos filhos em casa. Vocês imaginem uma professora com 40 alunos dentro de uma sala de aula. (incompreensível) quando nós aprovamos o piso, eu pensei que todo mundo ia aplaudir, e agora a gente percebe que tem várias ações na Suprema Corte contra o piso – sabia, não é? – de governadores, de prefeitos, contra o piso de R\$ 950. Eu acho um absurdo isso. Eu acho que a gente tem que procurar uma forma de encontrar um pouco mais de recursos, e não achar que, diminuindo o piso, a gente vai melhorar essa história, até porque uma boa parte do dinheiro é repassada pelo próprio MEC. Este ano nós vamos passar... nós temos que aplicar 5 bilhões este ano. Eu acho que essa coisa foi extremamente importante.

Outra coisa que eu acho que vocês tinham que conhecer, se vocês pudessem visitar, na cidade de vocês – se tiver – é a questão da Universidade Aberta. Eu agora estou desafiando o Fernando Haddad a criar uma universidade aberta com Moçambique, com Angola, com São Tomé e Príncipe e com Cabo Verde, os países africanos de língua portuguesa, para a gente fazer um convênio e dar aulas daqui. Claro, não precisa montar uma escola. Vamos arrumar uma sala e dar aulas daqui, para lá. Eu acho que é possível, e você vai ter que me dar esse presente antes de nós terminarmos o mandato. Eu não sei o que você vai ser. Eu sei que não vou ser mais presidente. Então, você tem futuro mais certo do que eu. Mas isso me deixou... essa Universidade Aberta, para a gente formar professores, me deixou muito satisfeito.

Outra coisa importante, que eu acho que é motivo de alegria para nós, foi a Olimpíada de Matemática. Quem é do Rio de Janeiro, se puder... Na semana que vem eu vou estar no Rio de Janeiro, nós vamos almoçar no Inpa - Instituto Nacional de Matemática Aplicada, e depois nós vamos entregar a medalha de ouro para os meninos que ganharam. Quem for da radiodifusão do Rio de Janeiro seria importante ir, para vocês verem o que é motivação. Eu sou



uma pessoa que aprendi que nós, seres humanos, somos tocados à emoção. Nós somos 80% emoção e 10% razão. Ao mesmo tempo, nós só fazemos as coisas quando estamos motivados. Se tiver um pinguinho de motivação, a gente vai para qualquer lugar. Por isso que eu acho que a Olimpíada de Matemática é uma coisa que está motivando as crianças.

Só para vocês terem idéia, em 2006... a gente tinha tido a participação de 10,5 milhões de crianças em 2005. Em 2006, não sei por que, a Justiça Eleitoral não deixou a gente fazer uma propaganda sequer, um papel para colocar na porta da escola “inscreva-se na Olimpíada de Matemática”. A Justiça Eleitoral não deixou, achando que [íamos] fazer campanha eleitoral. Então, não fizemos nada. Nem vocês puderam falar, nem podíamos fazer propaganda na televisão ou no rádio. Conclusão: inscreveram-se 14,5 milhões de crianças. Significa que a coisa já tinha se entranhado dentro das escolas deste país. No ano passado foram 18,3 milhões crianças. Dessas, certamente nós já descobrimos uma quantidade de gênios, que nós precisamos saber como dar oportunidade a esses gênios. Vocês viram que no Santos, o time de futebol, tem um menino de 17 anos que está assalariado desde os 15 anos de idade. Por quê? Porque é uma promessa que vai... Agora, vocês imaginem se nós não fizemos alguma coisa para cuidar desses meninos que são gênios, que nós já detectamos que são gênios.

Então, o governo vai assumir uma parte disso, nós vamos querer que os empresários assumam outra, que os governos dos estados assumam outra, que os prefeitos assumam outra. Mas nós não podemos deixar esses gênios se dispersarem sem que a gente tenha capacidade de monitorar o futuro dessa molecada, porque é um privilégio para um país. Qualquer país do mundo gostaria de convidar esses 300 medalhistas de ouro para irem estudar no seu país. E nós vamos dizer que eles vão ficar aqui, estudar aqui e nós vamos garantir que eles estudem aqui, porque nós não estamos com essa bola toda de ficar perdendo os nossos gênios. Não estamos com essa bola toda.



Por isso, Fernando, eu queria dizer para você que é uma novidade para mim saber que o MEC está tão “embaraçado” - como se diz na gíria portenha - com a radiodifusão, quando se trata da questão da educação. Eu acho importante uma coisa que você disse aqui, Fernando, que muitas vezes as pessoas pensam que a gente gosta que a imprensa só fale bem da gente. Aqui tem companheiros que eu conheço há muitos anos e eu nunca pedi um favor para dizer: fale uma coisa só, nunca pedi. Até porque uma coisa que se esteja elogiando e não for verdadeira, ela cai no descrédito. Então, às vezes, a crítica é muito mais importante quando ela é verdadeira, quando não é ilação, mas quando se dá em cima de coisas concretas e objetivas.

Acho maravilhoso que o Ministério da Educação esteja aqui hoje para se despir diante de vocês. Não precisam fechar os olhos porque se despir não é tirar a roupa, não. O que o Fernando Haddad vai fazer é colocar para vocês o que está acontecendo de verdade na Educação deste país, para que vocês possam cobrar, criticar, investigar, anunciar, cobrar, cada vez mais, porque é isso que vai permitir que a gente tenha uma educação cada vez com melhor qualidade e cada vez mais as pessoas compreendendo que sem educação nós não vamos a lugar nenhum. Se a gente não aproveitar este momento em que o Brasil tem um certo destaque mundial, para a gente compatibilizar essa credibilidade conquistada com a evolução da formação escolar do nosso povo, nós estaremos jogando fora uma oportunidade extraordinária.

Por isso, eu queria agradecer à Abert pelo trabalho e pelo serviço público prestado, porque isso é uma prestação de serviço público extraordinária. E quero parabenizá-lo, Fernando, por essa sintonia com a radiodifusão. Eu acho que é uma coisa importante, e eu espero que quem saia ganhando com isso sejam aqueles que não estão aqui, mas que estão esperando que a gente faça por eles o que o Estado tem que fazer: educação de qualidade para todos.

Um abraço e parabéns.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos funcionários da Caixa Econômica Federal por ocasião do início do programa “Minha Casa, Minha Vida” (gravada em 09/04/2009)

Brasília-DF, 13 de abril de 2009

Caros amigos da Caixa,

O governo lançou o programa “Minha Casa, Minha Vida”, que irá construir 1 milhão de casas para os trabalhadores, especialmente para os de baixa renda. O Programa vai garantir condições mais dignas de moradia para os brasileiros. Vamos gerar centenas de milhares de empregos no País e vamos impulsionar ainda mais o setor da construção civil. Tudo isso vai tornar a economia brasileira mais dinâmica e ajudar o País a superar mais rapidamente os efeitos da crise mundial. O Programa vai exigir forte articulação entre o governo federal, estados e municípios, empresários da construção civil e organizações sociais. É com esse espírito de co-responsabilidade que vamos garantir o cumprimento da ousada meta que estabelecemos. Reservei um papel muito especial para a Caixa na preparação e na execução do programa “Minha Casa, Minha Vida”. E fiz isso por estar convicto de que a direção e os empregados e empregadas da Caixa têm plena consciência da responsabilidade cívica que a instituição tem para com o País. Mas também porque a Caixa tem experiência acumulada e capacidade gerencial. Prova disso é que nos últimos seis anos multiplicou por cinco o crédito habitacional no País. Sei que todos vocês, empregados e empregadas da Caixa, estarão a postos no próximo dia 13 de abril em todas as regiões do País para dar início a esse grande processo de construção de moradias. Estou convicto de que a Caixa, mais uma vez, saberá responder positivamente à confiança do governo e cumprir seu papel de banco público com responsabilidade social.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

A todos vocês, bom trabalho e boa sorte.

(\$212A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
cerimônia de assinatura do II Pacto de Reforma da Justiça**

Palácio do Buriti, 13 de abril de 2009

Meu caro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,
Meu caro presidente do Senado Federal, José Sarney,
Deputado Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,
Ministro Gilmar Mendes, presidente do Supremo Tribunal Federal,
Ministros Tarso Genro, da Justiça; José Pimentel, da Previdência Social,
José Antonio Dias Toffoli, Advogado-Geral da União,
Nosso querido companheiro Márcio Thomaz Bastos, ex-ministro da
Justiça,

Paulo Octávio, vice-governador do Distrito Federal,
Senadora da República, Serys Slhessarenko,
Senador Pedro Simon,
Deputados federais Osmar Serraglio, José Paes Landim, Flávio Dino e
Geraldo Magela,

Ministro Cezar Peluso, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal,
Ministra Ellen Gracie, do Supremo Tribunal Federal,
Ministro Cesar Asfor Rocha, presidente do Superior Tribunal de Justiça,
Ministro Milton de Moura França, presidente do Tribunal Superior do
Trabalho,

Ministro Carlos Alberto Marques Soares, presidente do Superior Tribunal
Militar,

Meu caro Cezar Britto, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil,
Senhoras e senhores ministros de Tribunais, magistrados, procuradores,
desembargadores, promotores, defensores públicos, advogados,
Senhoras e senhores,



Companheiros da imprensa, magistrados da caneta e da notícia,

Quero agradecer ao Tarso, ao Temer, ao Sarney e ao Gilmar porque eles me fizeram um bem enorme. Cada um deles falou 30% do meu discurso. Isso significa que eu vou poder ficar livre para dizer umas palavrinhas sem o discurso, porque tudo o que foi feito no Primeiro Pacto e tudo o que vai ser feito no Segundo já foi dito por vocês. Eu não vou repetir. Espero não ser mais chato sem ler o documento aqui.

Eu queria apenas dizer poucas palavras porque está escrito no capítulo dos Direitos Fundamentais que todos nós temos direito a três refeições por dia. A de agora, daqui a pouco, é a segunda, porque a primeira foi o café da manhã e eu não quero proibi-los de ter acesso a esse mandamento constitucional.

Eu queria, primeiro, dizer que bendito o dia em que o ministro Márcio Thomaz Bastos entrou na minha sala, dizendo que iria propor ao presidente do Senado que, por coincidência, na época era o próprio presidente Sarney, ao presidente da Câmara, que era o deputado João Paulo Cunha e ao presidente do Supremo Tribunal Federal, que era o ministro Nelson Jobim de a gente começar a discutir a possibilidade de fazer uma profunda reforma no Judiciário e que isso só poderia ser possível se nós construíssemos a imagem e a ideia de um pacto entre os Poderes.

Logo que assumimos essa responsabilidade e firmamos o Pacto, o Sérgio Renault, que está ali ao lado do Márcio Thomaz Bastos, assumiu a diretoria da Secretaria Executiva do Primeiro Pacto. Os resultados foram esses que falaram aqui o ministro Tarso e que falou, sobretudo, o ministro Gilmar Mendes. Nós já alcançamos resultados extraordinários. O problema é que às vezes nós ficamos angustiados porque nós temos um acúmulo de coisas equivocadas durante décadas e décadas, e a gente acha que é possível consertar em meia (incompreensível), e não é possível consertar.

Mas eu penso que nós demos um passo extraordinário ao fazermos o



Primeiro Pacto, e foi tão importante que já surgiu a ideia de fazer o Segundo, que estamos aqui consagrando o Segundo Pacto. Só lamento – e eu não tenho dúvidas de que o Congresso terá o comportamento que teve no Primeiro – que no Terceiro Pacto só vou ser eu que não estarei na Presidência. O Sarney certamente estará; não sei se o Gilmar estará; o Michel Temer certamente estará; mas eu, certamente não estarei. Mas eu acho que é inevitável... Alguns mais céticos poderiam perguntar “mas por que isso não foi feito antes?” É porque as coisas só acontecem no momento que têm que acontecer. Há um processo de maturação em tudo o que acontece no mundo e nas nossas vidas, que acontece naquela hora exata.

Vocês estão lembrados que, dez anos atrás, ou quando estávamos fazendo a Constituição, em 1988 – naquela época o Sarney era presidente e não estava participando dos debates, mas eu e o Temer estávamos, o Tarso estava também – era quase proibido falar em reforma do Judiciário. Era quase proibido. Era uma palavra que dava a impressão de que a sociedade civil queria substituir as funções do Poder Judiciário. Na hora em que os homens que assumem os Poderes se colocam de acordo que nem tudo está errado, mas que também nem tudo está certo, e que é possível fazer alguns manejos para aperfeiçoar aquilo que a sociedade espera de nós, as coisas acontecem e não houve resistência no Judiciário, não houve resistência no Executivo, não houve resistência no Poder Executivo, e nós tivemos o prazer de consagrar o primeiro Pacto.

Agora, com o segundo, é a mesma coisa. Nós estamos de acordo de que é preciso continuar o processo de aperfeiçoamento. E depois que fizermos o segundo nós vamos, necessariamente, chegar à conclusão de que ainda faltam coisas para serem aperfeiçoadas. E nós iremos fazendo na medida em que a sociedade vai percebendo que a vida dela vai mudando.

Quando o Presidente da Suprema Corte diz que vai a uma cidade chamada Pedrinhas, no Maranhão, e encontra um cidadão que está há quatro



anos preso, quando, na verdade, a sua pena... ou melhor, na verdade está quatro anos além da sua pena preso, por falta de um advogado, por falta de um juiz, por falta de um defensor, eu fico imaginando quantos estão soltos, que deveriam estar presos no lugar deste e que estão soltos porque também nós temos ineficiência no nosso sistema policial, no nosso sistema carcerário, e ainda no próprio Poder Judiciário.

O que é importante é que nós não estamos fazendo as coisas de forma corporativa. Ninguém aqui está defendendo o seu espaço, a sua sobrevivência. O que nós estamos é dando a este país uma cara de democracia, que não basta estar na Constituição. É preciso regulamentar o espaço que os constituintes garantiram para o País ser regulamentado, para que ele [o espaço] se torne uma coisa prática e que possa ser tocado por quem precisa da Justiça neste País.

Por isso, eu quero agradecer ao Congresso Nacional. Eu vou repetir uma coisa que eu digo todo dia: de vez em quando muita gente inventa uma briga entre o Executivo e o Congresso Nacional, entre o Poder Judiciário e o Executivo, e o Congresso Nacional. Primeiro, ninguém aqui é freira e santa, e não estamos em um convento. E não me consta, na história, que em convento também não tem briga. Ou seja, nós somos homens e mulheres que estamos construindo a democracia depois de conquistar, depois de 23 anos de autoritarismo, o direito de exercitá-la. Fizemos uma Constituição como poucos países conseguiram fazer. Nunca a sociedade de um país ferveu tanto para fazer prevalecer as forças organizadas da sociedade e os seus pensamentos, dentro da Constituição. Fizemos uma extraordinária Constituição e agora precisamos aperfeiçoá-la.

Ora, se na nossa vida nós vivemos nos aperfeiçoando a cada dia... Você, Kennedy, sabe que você hoje é um jornalista muito mais aperfeiçoado do que você era há 15 anos. A Constituição já está com 21 anos, portanto, ela tem que ser aperfeiçoada. As práticas que valiam há 20 anos, podem não valer



hoje. O que nós precisamos é perder o medo de mudar. Nós somos uma sociedade, que somos muitas vezes, doutrinariamente ou historicamente, conduzidos a ter medo de mudança. Isso é tão verdade, que mesmo quando a gente quer tirar uma pessoa que está morando em um local inadequado para morar, que pode ser vítima de uma enchente, de um desbarrancamento, a gente não consegue tirar. Muitas vezes tem que levar a polícia para tirar.

Como nós somos os dirigentes deste país, os dirigentes dos Poderes, nós não precisamos esperar que ninguém mande a gente fazer. Até porque nós chegamos onde chegamos porque já vínhamos lutando por isso há muito tempo.

Quando o ministro Gilmar Mendes falou dos advogados voluntários, eu fico imaginando como é que a Defensoria Pública fica. Porque também dentro da nossa alma sempre tem um pouco de corporação. Os jornalistas ficam nervosos quando dizem que quem não tem diploma não pode exercer a função de jornalista, porque cada um tem que defender o pão de cada dia, a sua profissão. A OAB fica nervosa se alguém falar que vai advogar sem ter o carimbo da OAB.

E nós com este Pacto estamos garantindo o quê? O Gilmar não é o dono da verdade, o Temer não é o dono da verdade, o Sarney não é o dono da verdade, eu não sou o dono da verdade. Nem a verdade de cada um está construindo aquilo que parecia impossível ser construído no Brasil. Congresso Nacional, Senado e Câmara, Poder Judiciário e Poder Executivo, estão de mãos dadas para dizer que não há nada que nos demova da idéia de tornar a Justiça brasileira cada vez mais respeitada, cada vez mais competente para atender aos anseios daqueles que precisam da justiça. Afinal de contas, médico e justiça ninguém precisa em tempos bons. Só precisa em tempos maus.

Portanto, que Deus nos abençoe, que Deus dê ao Congresso Nacional a mesma sabedoria que deu no primeiro Pacto e que a gente possa daqui a um



ano, um ano e meio, estar aprovando tudo o que foi para o Congresso Nacional e já estar discutindo um terceiro Pacto.

Felicidades a todos.

Parabéns Sarney, Temer e Gilmar Mendes, e parabéns Tarso Genro pelo trabalho feito até agora.

Márcio, o Jobim não está aqui, se não fosse você e o Jobim terem a disposição que tiveram naquele momento, de convencer outras pessoas, eu não sei se a gente teria conseguido, só Executivo e Legislativo, fazer.

Parabéns pelo trabalho que vocês realizaram.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração do aniversário de 110 anos da Klabin**

Telêmaco Borba-PR, 14 de abril de 2009

Quero, primeiro, cumprimentar o nosso companheiro Orlando Pessuti, governador em exercício do estado do Paraná,

[Quero] cumprimentar o meu companheiro de governo Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, [Orçamento] e Gestão,

[Quero] cumprimentar o senhor Antônio Anibelli, presidente em exercício da Assembléia Legislativa do estado do Paraná,

Os deputados André Vargas, Angelo Vanhoni, Ricardo Barros, Rodrigo Rocha Loures e o deputado Takayama,

Quero cumprimentar o Eros Araújo Borba e sua digníssima esposa,

Quero cumprimentar o senhor Miguel Lafer, presidente do Conselho de Administração da Klabin,

Quero cumprimentar o senhor Reinoldo Poernbacher, diretor-geral da Klabin,

Quero cumprimentar o ex-ministro Celso Lafer, em nome de quem cumprimento os demais conselheiros da Klabin,

[Quero] cumprimentar o Rodrigo Costa da Rocha Loures, presidente da Federação das Indústrias do estado do Paraná, aqui presente,

Quero cumprimentar a nossa querida maestrina Jucélia Ribeiro, do Coral das Meninas Cantoras da Klabin,

Quero cumprimentar o Márcio Luís Martins, em nome de quem cumprimento os demais trabalhadores da Klabin,

Não se assustem, porque eu não vou ler o discurso.

Primeiro, eu queria dizer aos diretores da Klabin, aos conselheiros, a



razão pela qual eu vim hoje participar desta comemoração dos 110 anos da Indústria. É para pagar uma dívida de quem não pôde vir em setembro, quando eu fui convidado para inaugurar esta nova máquina de produzir este papel, que eu nem sabia que era produzido aqui quando tomava alguma coisa, algum suco. Mas sabendo que esta máquina é a primeira máquina montada desde 1996 no mundo, numa demonstração de que a Klabin não se assustou com a crise e resolveu entender que a melhor solução para enfrentar a crise era continuar fazendo os seus investimentos. A crise, como qualquer coisa que acontece na nossa vida, pode ser muito mais passageira do que a gente imagina.

A segunda coisa é porque eu tenho andado pelo Brasil, visitando não apenas as coisas ruins, as coisas que nos desgostam, mas visitando os bons exemplos das coisas que acontecem no Brasil. E não é qualquer presidente da República ou qualquer cidadão que pode ter o privilégio de visitar uma fábrica que completa 110 anos de vida. Para uma fábrica sobreviver 110 anos de vida, a gente pode falar em uma grande gestão, a gente pode falar em diretorias altamente competentes, em grandes profissionais, mas, sobretudo, a gente tem que falar que se os pioneiros da construção desta fábrica não a tivessem no bico da chuteira, como o jogador de bola tem o seu time e a sua partida, possivelmente não tivesse resistido a tantas crises e a tantos pacotes econômicos que o Brasil já experimentou e que não deram certo.

Eu tenho a convicção de que metade do sucesso das coisas que acontecem no mundo é da competência técnica, profissional, da boa gestão. Mas eu tenho convicção de que os outros 50% são do amor dedicado àquelas coisas em que as pessoas acreditam e resolvem trabalhar para elas existirem. E isso me fez vir aqui para encontrar companheiros, como o senador Pedro Piva, o não menos importante e seu filho Horácio Piva – companheiro com quem tive a oportunidade de conviver quando era presidente da Federação das Indústrias de São Paulo – e gente que ao longo da vida eu aprendi a respeitar.



Pessoas que são exemplo, pessoas que dedicaram a vida a uma causa, acreditaram nela e venceram, e pessoas que ainda continuam com as mesmas ideias de acreditar neste país, que tinham tantos anos atrás. Isso me fez vir aqui hoje, na comemoração desses 110 anos da Klabin.

No momento, o que nós precisamos, todo santo dia, fazer quase como uma profissão de fé é reafirmar as nossas convicções no País, as nossas convicções nas coisas em que nós acreditamos, as nossas convicções nos nossos empresários, nos nossos trabalhadores, porque se a gente não fizer assim, a gente vai se deixar abater pela primeira notícia negativa que ler pela manhã.

O dado concreto é que o Brasil experimenta um momento singular na sua história em vários aspectos e, possivelmente, não por mérito meu ou por mérito do meu governo. Alguns dizem que é por sorte, mas eu não acredito que Deus ajude a pessoa só por ela ter sorte. A pessoa tem que trabalhar um pouco e se esforçar porque, se não suar a camisa, eu acho que Deus não vai privilegiar quem não suar a camisa e quem não trabalha de verdade.

O Brasil vive – e eu corro o risco de dizer isto na frente de alguém que foi ministro das Relações Exteriores do País, o ministro Celso Lafer – o seu mais importante momento de respeitabilidade política e econômica no mundo. Não acredito que o Brasil tenha vivido um outro momento em que muitas coisas importantes confluem para fazer com que a respeitabilidade ao Brasil aumente cada vez mais. Alguns poderiam dizer que isso aconteceu por acaso, mas a verdade é que se nós não tivéssemos feito os sacrifícios que deveríamos fazer, se tivéssemos gasto o tanto que as pessoas queriam que a gente gastasse em outros momentos, certamente nós não teríamos a situação que o Brasil vive hoje.

É por isso que quando surgiu essa crise, eu fiz questão de dizer que essa crise não seria, para o Brasil, o que ela seria para os Estados Unidos ou o que seria para a Europa, ou o que está sendo para o Japão, porque o Brasil



tinha os fundamentos da economia mais sólidos, o Brasil tinha reservas em potencial para garantir as nossas exportações, e o Brasil tinha um mercado interno ávido. Diferentemente do mercado interno da Europa ou dos Estados Unidos, nós tínhamos aqui um mercado interno ávido por consumir as coisas que nós produzíamos.

Eu, às vezes, chego a pensar que 50% do resultado da crise é um pouco de pânico que tomou conta da sociedade. Quando conversei com o presidente Obama, no encontro que tivemos em Washington, eu dizia para ele que se não houver um movimento mundial para convencer o consumidor a voltar a acreditar no seu próprio poder de consumo e comprar aquilo que as pessoas precisam comprar para a indústria produzir e para o comércio vender, a economia do mundo inteiro para. Não é uma coisa difícil, não é uma coisa muito acadêmica, é uma coisa muito prática. Nós precisamos fazer a sociedade acreditar que ela pode comprar aquilo que é essencial para ela sobreviver sem precisar se endividar ou sem precisar colocar em prática no Brasil um *subprime*, que foi o que levou à crise imobiliária americana.

Pois bem, nós tivemos um problema muito sério no mês de dezembro, e não havia nenhuma razão de ter, meu caro Horácio, nenhuma razão de ser. A brechada na economia no mês de dezembro não tem explicação, como não teve explicação o petróleo chegar a US\$ 150 o barril ou a soja explodir o preço no mês de maio do ano passado. São fenômenos à procura de explicação, ainda, do por quê isso aconteceu. Poderíamos, de forma simplista, dizer: as empresas estavam muito estocadas e as empresas pararam para desovar os seus estoques.

Nós tomamos todas as medidas que entendíamos que precisavam ser tomadas. Só não pudemos tomar uma, que não dependia de nós, que era restabelecer o crédito internacional. O dinheiro desapareceu, sobretudo depois da quebra do *Lehman Brothers*, nos Estados Unidos. Ninguém jamais imaginou que um banco daquela magnitude pudesse quebrar, como ninguém jamais



imaginou que o *Citibank* pudesse ficar na pobreza que ficou. A verdade é que existia um grupo de seres humanos que se achavam mais espertos do que os outros e acharam que podiam ganhar mais do que deveriam ganhar, especulando, vendendo papéis, sem produzir uma bobina dessas, sem produzir uma caneta, sem produzir um carro, sem produzir um sapato, uma camisa. Ou seja, era a venda de papéis, mais papéis e mais papéis, trocando de mãos e ainda pagando bônus para pessoas que afundaram essas empresas.

Graças a Deus, há sempre males que vêm para bem. Eu não acredito que outro presidente da República, na história contemporânea do Brasil, tenha tido a felicidade de participar da reunião que eu participei em Londres, a famosa reunião do G-20, nos últimos dias. Ali, foi a primeira reunião em que os países ricos estavam humildes, em que os países ricos não tinham certeza do que fazer, em que eles já não estavam mais querendo dar conselhos. O Lafer conhece bem essa história. Não faz muito tempo, eu recebi um amigo meu, presidente de um banco grande na Europa, ele numa crise lascada, ele se senta comigo e começa a dar conselho do que fazer no Brasil. Eu falei: não dá para você cuidar da Alemanha, não? Não dá para você resolver o problema da Alemanha, que é mais grave do que o nosso, que é um problema mais sério?

Então, nessa reunião eu cheguei a dizer que na próxima reunião do G-20 seria importante que cada país, ao pedir a palavra, começasse a contar a sua situação interna, como está a sua indústria, como está o controle do seu sistema financeiro, como está a geração de empregos, como está o comércio varejista, para a gente poder ter uma realidade das coisas que acontecem. Durante séculos, eles aprenderam a dar conselhos para nós, e eu disse para eles: nós não queremos... É a primeira vez que o Brasil está se sentando em uma reunião em que eu não estou precisando de dinheiro de vocês. A única coisa que eu quero é que vocês recuperem a economia de vocês. Se vocês recuperarem a economia de vocês, vocês já estarão fazendo um bem enorme



ao chamado mundo emergente ou aos chamados países Bric's - Brasil, China, Índia e Rússia.

Então, essa reunião, eu acho que foi a mais produtiva das reuniões - pelo menos do meu mandato - de que eu participei, porque ali nós tínhamos que tomar decisões: se a gente vai permitir que o sistema financeiro internacional viva de especulação ou se ele vai se ligar umbilicalmente ao setor produtivo, a quem gera riquezas e a quem gera empregos neste país. Por incrível que pareça, todos os presidentes da República concordaram, todos, sem distinção. Quando nós falamos que era preciso controlar os paraísos fiscais - que a gente pensava que ia ter resistência - todos concordaram que é preciso a gente dar um fim nesse tal de paraíso fiscal. Paraíso fiscal é esse que disse esse menino que falou aqui em nome dos trabalhadores, paraíso fiscal é uma empresa que acredita no seu futuro e no futuro dos seus trabalhadores, e tem a coragem e a decência de formar um menino para produzir conhecimento para a própria empresa crescer mais e gerar mais conhecimento para outros jovens.

Da mesma [forma], houve consenso de que a gente deveria controlar a alavancagem do sistema financeiro. Eu fico me lembrando, quanto tempo, eu era... Eu passei 20 anos da minha vida, talvez alguns de vocês mais do que eu... Onde tinha um ato público, eu estava com uma faixa "Fora daqui o FMI". Vinte anos. Eu nem conhecia, mas eu xingava tanto o FMI que... Talvez ele nem tivesse a quantidade de culpa que eu achava que ele tinha, mas o dado concreto é que ficou simbolizado que o FMI era a desgraça deste país, porque era uma dívida impagável, quanto mais a gente pagava, mais a gente devia. De repente eu me vejo, meu caro Piva, na condição de prestador de dinheiro para o FMI. Eu brinquei, mas eu brinquei de verdade. É uma coisa orgulhosa você saber que o Brasil saiu da condição de devedor para a condição de credor. Nós saímos da condição de um país que vivia endividado para um país que pode chegar para o FMI e falar "vocês querem US\$ 10 bilhões



emprestados? Nós emprestamos”. E emprestamos sob condições, também não é dando dinheiro à toa. É para que esse dinheiro seja utilizado para os países pobres que necessitam, para ajudar a alavancar a economia desses países. Não é para eles fazerem o que eles querem. Há uma flexibilidade...

Horácio Piva, se você estivesse na reunião, você que deve ter conversado muito com aquele pessoal do FMI que vinha para o Brasil, você não sabe que disposição de virar democrático que tem o FMI agora, participar definitivamente, se envolvendo, porque isso foi uma lição. Foi uma lição para todos nós, e sobretudo uma lição para aqueles que, nos últimos 50 anos, aprenderam a ser superiores, a dar palpite na nossa vida sem que a gente pedisse.

Eu me lembro que eu era candidato... Essa é a vantagem de perder muitas eleições: você perde muitas eleições, você aprende muitas coisas. Isso, para quem quer aprender com a derrota. Quem fica mal humorado, nervoso, com ódio da vida, não aprende nada.

Eu viajei muito o mundo e o que me deixava mais indignado é que se chegava em Londres, e sempre marcavam uma reunião: você vai conversar com o setor financeiro não sei de onde. Toca eu ir [para] lá. Aí juntava um bando de *yuppies*, de meninos bem formados, de 25, 26, 30 anos... Não pela pouca idade, é porque eles nunca tinham vindo ao Brasil, nunca tinham passado perto da Bolívia, não sabiam onde eram a Colômbia, mas davam palpite nas coisas do Brasil, que era impressionante.

Vocês sabem que eu não me conformo, como cidadão... Todas as vezes eu acompanho o risco-Brasil. Então, eu fico pensando o seguinte: os Estados Unidos, numa quebradeira desgraçada, e o risco americano é zero. Nós, num esforço condenado para a economia continuar crescendo, e o nosso risco, de vez em quando, avaliado por uma agência de lá, é maior. Eu queria pedir [perguntar] para os empresários: qual o país do mundo, hoje, que é um porto seguro mais do que o Brasil, para investimentos? Quantos países no mundo



têm as condições do Brasil para investimentos? Entretanto, as agências que avaliavam antes, continuam avaliando agora, e de vez em quando ele sobe e ele desce, ele sobe e ele desce. Eu não conheço ninguém que avalia o Brasil. Na verdade, a gente deveria juntar um grupo de empresários brasileiros todos os dias para avaliarem o Brasil e mandarem uma carta para eles: a nossa avaliação não combina com a avaliação de vocês. O Brasil vive, realmente, um momento privilegiado de, eu diria, estabilidade e de credibilidade política.

Eu estou convencido – e aqui não há nenhuma venda barata de otimismo – e tenho dito isso aos meus companheiros do governo que é na hora da crise que a gente conhece as pessoas, porque é na hora da crise que você tem que tomar decisões, e quem está no governo sabe que as decisões são mais difíceis do que em uma empresa. Em uma empresa, se vocês quiserem tomar decisões, vocês podem mandar mil caras embora hoje, como fez a Embraer. Manda 4 mil e não presta contas a ninguém. Manda embora. No governo, para a gente mandar embora um cidadão do segundo escalão, se não tomar cuidado, você é chamado para uma CPI. No governo, para você fazer uma coisa, tem um ritual. Primeiro, o ritual da máquina, que é muito duro. Entre você decidir fazer um projeto, executar esse projeto, fazer o projeto executivo, fazer licitação, conseguir licença prévia e começar a construir a obra, você leva o tempo de construção da obra.

Eu digo para quem quiser ouvir – todo mundo fala “o Juscelino foi extraordinário”. Se o Juscelino governasse o Brasil hoje e ele quiser fazer Brasília, ele ainda não teria conseguido a licença ambiental para fazer a pista, para ele descer com o aviãozinho dele lá. Não tinha. Eu fui deputado – e aqui tem muitos deputados – e eu sei como funcionam as coisas. Durante vários anos, o Brasil desaprendeu a construir, a máquina pública desaprendeu a fazer as coisas positivas e nós fomos criando mecanismos cada vez maiores de fiscalização, ou seja, menos execução e mais fiscalização. Um banco como o BNDES... Eu brinco muito com o Luciano Coutinho, e quem conhece o Luciano



Coutinho sabe da figura excepcional que ele é. Eu brinco sempre e falo: Luciano Coutinho, o problema do BNDES não é que não tenha técnico competente. Tem, dos melhores do Brasil, tem poucas instituições qualificadas como o BNDES. O problema é que nos últimos 15 anos vocês desaprenderam a emprestar dinheiro. Vocês foram preparados, não para discutir projetos de investimento, mas para discutir saneamento de empresas para serem privatizadas.

Então, é preciso reconstruir essa máquina. É por isso que nós colocamos R\$ 100 bilhões a mais no BNDES. Você, Horácio, que muitas vezes levou muitos empresários da Fiesp lá no Rio de Janeiro para pegar o dinheirinho do BNDES, tem consciência de que a melhora foi excepcional, tanto na qualidade do atendimento quanto na quantidade de dinheiro que nós disponibilizamos para o BNDES. Eu tenho cobrado do meu amigo Luciano, todos os dias: Luciano, eu não quero que uma empresa desista por causa de dinheiro. Também, entre entrar com o pedido de dinheiro, ele ser aprovado e você botar a mão no dinheiro, eu vou contar para vocês uma coisa... É como se fossem aquelas galinhas garnisé que gostam de chocar o ovo, ou seja, demora. E demora por quê? Porque também nós criamos obstáculos. Hoje, um servidor público da Caixa Econômica Federal, um servidor público do BNDES, do Banco do Brasil, que liberar uma verba qualquer e sobre ele recair uma suspeita, ele é processado, seus bens são disponibilizados e ele tem que contratar advogado com o seu próprio dinheiro. Então, o que ele pensa? “Esse Lula vai ficar mais quatro anos aí, e ele quer que eu faça isso? Não, eu vou deixar aqui, tirar de uma gaveta, colocar em outra gaveta, passar para outra gaveta, termina o mandato dele, vem outro...”

A minha impressão, para vocês que são jovens, que estão aqui na Klabin, um dia talvez vocês queiram ser políticos - se eu o Pessuti somos, por que vocês não podem ser? Vocês podem. A impressão que eu tenho é que o governo é a máquina do trem, e a máquina pública é a estação. Então, de hora



em hora passa uma máquina, grita, faz barulho: “eu vou mudar, eu fazer isso, eu vou fazer aquilo”, e a estação está lá, impávido colosso. Aí passa um trem, vem outro, faz mais fumaça, mais barulho, e a estação está lá. A estação é a máquina pública, ela é definitiva, nós é que somos passageiros. Então, ela está preparada para trabalhar em um ritmo que não é o ritmo de quem tem um mandato de quatro anos.

Posso dizer para vocês: ao contrário do que muita gente fala, a minha surpresa é que a máquina pública brasileira, do ponto de vista da formação e da qualificação, é uma máquina pública extraordinária. O que tem de gente qualificada... Se você for ao BNDES, na Caixa Econômica, no Banco do Brasil, no Itamaraty, nas Forças Armadas brasileiras, no Banco Central, no Inpe, no Inpa, se você for a essas instituições, no Ministério do Planejamento, na Previdência Social, tem técnicos da mais alta qualificação. Mas eles ganham pouco. Ao contrário de serem chamados de “marajás”, de se vender a idéia de que todo mundo ganhava muito, que de vez em quando alguém comete no Brasil, de achar que a máquina pública ganha muito dinheiro, você tem técnico...

Eu vou dar um exemplo: um cidadão que ganhava R\$ 26 mil por mês, na Petrobras, que eu aprendi a achar que ele era “marajá”, ele foi contratado recentemente por uma empresa privada para ganhar R\$ 400 mil por mês, com dois anos de salário adiantado. E eu achava que ele ganhava muito, ganhando R\$ 26 mil na Petrobras.

Quanto é que ganha um diretor do Banco Central, para lidar com bilhões? Quanto é que ganha o pessoal do Planejamento? Quanto é que ganha um jornalista que trabalha no Planalto? O máximo, quando é DAS-6, chega a R\$ 10 mil, o bruto. Qualquer jornal de estado pequeno paga quase a mesma coisa para o seu principal jornalista. E se vendeu a idéia de que a máquina é uma máquina muito cara. O que é cara no Brasil não é a máquina, é a ineficiência. Como era muito mais barato a gente alfabetizar na década de 60,



do que (incompreensível) a quantidade de analfabetos que nós colocamos. Era muito mais fácil ter feito a reforma agrária na década de 50, quando o mundo inteiro fez, do que fazê-la agora. Então, nós perdemos dezenas de oportunidades. E eu vim aqui para dizer que a Klabin não perdeu nenhuma oportunidade. Em toda chance que ela teve, ela fez os investimentos.

E agora, a gente - que já tinha sobrevoado de avião ali e visto uma plantação enorme de pinus e eucalipto, misturada com florestas naturais - agora está aqui diante de uma floresta de bobinas de papel, que eu espero que possa encher a China dessas bobinas, encher os Estados Unidos, encher a Europa, porque eu acho que é o momento de o Brasil ser mais ousado. Mais ousado, mais tihoso.

Os meus companheiros da Federação das Indústrias do Paraná, de São Paulo, sabem que eu vivo aperreando eles. Porque tem um tipo de representante, tanto de trabalhadores quanto de empresários, que vivem de esperar a reunião do Copom, a cada 45 dias, para fazer um pronunciamento. Isso, no tempo do Fernando Henrique Cardoso era assim. No meu tempo é assim. Mas essa brincadeira, já vão oito dele, e oito meus, são 16 anos. A gente não pode passar 16 anos fazendo a mesma coisa.

Eu tenho desafiado os empresários brasileiros a olharem para o continente africano. Nós não vamos fazer uma feira de máquinas agrícolas em Amsterdã. Não vamos vender nenhuma. Não vamos fazer uma feira de máquinas agrícolas em Hamburgo, na Alemanha. Não vamos vender nenhuma. Mas se a gente fizer na América Central, a gente vende. E se a gente fizer no continente africano, a gente vai vender muitas máquinas, muitas bobinas, muitos sapatos, muitas camisas, muitos carros. Nós temos o privilégio de ter apenas o oceano Atlântico nos dividindo, e nós ainda ficamos achando que o nosso negócio é com os Estados Unidos e com a Europa? O nosso negócio com eles já está estabilizado, embora cresça a 20% ao ano, a chance de crescer muito é menor, porque todo mundo quer vender para os Estados



Unidos. É como, Pedro, você chegar a um baile e ter 50 homens e apenas uma mulher bonita: todo mundo vai querer dançar com a mulher. Ou se tiver 50 mulheres e um homem só bonito, aquele homem vai ser o preferido, e todo mundo vai querer dançar com ele.

Os Estados Unidos são a musa preferida do comércio, todo mundo quer vender para os Estados Unidos, mas eles não podem comprar de todo mundo, e tem outros competidores. Agora, e o continente africano? Vocês sabem de quanto que nós saímos, em cinco anos, depois daquela visita toda que nós fizemos aos Países Árabes? Nós saímos de US\$ 8 bilhões de exportações para US\$ 20 bilhões de exportações, isso em quase três anos.

Todo mundo sabe o que aconteceu na América do Sul. Todo mundo sabe o que aconteceu na América Latina. A gente ficava de costas viradas para a América Latina, querendo vender para a Dinamarca. Quando nós nos voltamos para a América Latina, nós demos um salto excepcional na nossa balança comercial. E eu não acho que tem que ter política excludente, não. Eu quero vender mais para os Estados Unidos e vender mais para a Europa, mas eu quero vender muito mais para quem nunca comprou de nós, para um continente que daqui a 25 anos estará com 700 milhões de habitantes, e um continente que está aprendendo a conviver democraticamente.

Então eu queria terminar dizendo para vocês... Olha, Márcio - você, que fez o discurso aqui em nome dos trabalhadores – eu acho que nós não temos outra saída no Brasil, senão acreditarmos que a educação e que o investimento em ciência e tecnologia são condição *sine qua non* para que o Brasil dê o salto que os nossos avós prometeram, que os nossos tataravós prometeram, que nós prometemos para os nossos filhos, de o Brasil se transformar no país do futuro.

Quando eu venho visitar uma fábrica como esta e vejo uma máquina como aquela - e vocês me disseram que quase 70% das peças, das coisas são feitas aqui no Brasil - eu fico imaginando: quem, quem não respeita o Brasil, a



não ser nós mesmos? Quem não acredita no Brasil, a não ser nós mesmos? Porque tem um tipo de gente que se não tiver uma coisa ruim para falar, coisa boa ele não fala. Quem é político, aqui, sabe o seguinte: todo mundo sabe que eu não gosto. Eu me levanto de manhã e não leio nenhum jornal, não me peçam para ver porque, senão, a azia explode. Tem determinados momentos em que você sai do Brasil e vai para a Espanha, sai do Brasil e vai para Londres, sai do Brasil e vai para Nova Iorque, leva a imprensa brasileira, e ao chegar lá, lê a imprensa de lá falando sobre o Brasil. Não tem nada a ver uma com a outra: uma está vendendo otimismo sobre o nosso país, e a outra está vendendo pessimismo sobre o nosso país. Possivelmente, nenhuma das duas estejam totalmente certas ou totalmente erradas. É preciso saber o ponto de equilíbrio. E o ponto de equilíbrio é a nossa ação, o ponto de equilíbrio é os empresários continuarem acreditando no país, o ponto de equilíbrio é os trabalhadores continuarem acreditando que eles vão ter a chance que eles esperam ter na vida. E do ponto de vista do governo, nós vamos continuar fazendo as coisas acontecerem.

Vou terminar dizendo o seguinte: o governo não existe para atrapalhar, o governo não existe para administrar empresas. O governo existe para tomar decisões estratégicas, o governo existe para ser indutor, não um gerente. É dessa forma, meus companheiros, que eu saio da Klabin realizado, por saber que o Brasil já poderia ser líder mundial na produção de papel e celulose. Ainda não é, porque possivelmente ainda não tenhamos feito as coisas certas. Mas um país que consegue cortar uma árvore em sete anos, competir com um país que espera 60 anos para cortar a mesma árvore, é uma vergonha a gente não ser o primeiro produtor de papel e celulose do mundo, é uma vergonha. Você vai à Finlândia, que um país rico, extraordinariamente rico, onde só tem neve, eles demoram 50 anos para cortar a mesma árvore que nós cortamos aqui em 15 anos, um pinus. Nós plantamos quatro safras, e eles uma só.



Então, eu acho, Horácio, você tem o compromisso, aliás, eu acho que o pessoal seu que participa do grupo de crise, nós precisamos ser arrojados na questão de papel e celulose. Nós precisamos tentar ver o que é possível fazer. Eu sei que tem gente que é contra, mas o Brasil tem 60 milhões de hectares de terras degradadas, terras onde já se criou gado, já se plantou cana, já se plantou tudo, e agora está a terra. Nós temos 60 milhões para arborizar este país, para fazer uma verdadeira revolução de florestamento neste país e tornar o Brasil, definitivamente, o maior produtor de papel e celulose do mundo. Isso pode ser alcançado em pouco tempo.

O que me dá tranqüilidade – não é porque eu estou falando isso –, o que me dá tranqüilidade é que qualquer governo que vier a governar este país, ou ele pensa para os próximos vinte anos ou a gente vai sofrer um retrocesso muito grande neste país. Não dá para pensar até as próximas eleições, é preciso pensar um pouco mais adiante.

Por isso, parabéns à direção da Klabin, parabéns aos empregados. Parabéns, Prefeito, pelo presente, poderia ter me dado uma casa melhor, não é? Poderia ter comprado uma casa de verdade e ter me dado. Mas eu vou guardar esta como exemplo, as que nós vamos fazer aqui vão ser melhores do que esta, maiores e mais espaçosas.

De qualquer forma, meus parabéns à Klabin pelos seus 110 anos de vida.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de premiação da 4ª Olimpíada Brasileira de Matemática das
Escolas Públicas**

Rio de Janeiro-RJ, 15 de abril de 2009

Na próxima Olimpíada, o Camacho e a Suely vão programar a entrega da medalha na beira de uma praia, com muita comida, com refrigerantes para vocês, obviamente, e nós vamos fazer uma festa maior.

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os ministros Fernando Haddad e Sérgio Rezende,

Quero cumprimentar o nosso querido vice-governador, o companheiro que trabalha incansavelmente para melhorar a situação do Rio de Janeiro, junto com o nosso governador, nosso companheiro Luiz Fernando de Souza Brandão,

Quero cumprimentar o almirante-de-esquadra José Antônio de Castro Leal, diretor-geral do pessoal da Marinha brasileira,

Quero cumprimentar o deputado federal Nazareno Fonteles,

Quero cumprimentar o Eduardo Paes, nosso prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o Carlos Henrique Custódio, presidente dos Correios,

Quero cumprimentar todos os secretários e secretárias estaduais que estão aqui,

Cumprimentar o nosso querido professor César Camacho, diretor-geral do Impa,

A professora Suely Druck, diretora acadêmica da OBMEP,

O professor João Lucas, diretor acadêmico da OBMEP,



Quero cumprimentar o professor Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências,

Nosso professor Marco Antonio Raupp, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência,

Professor Sérgio Mascarenhas,

O nosso tetracampeão Gerson Tavares de Souza,

E a jovem Maria Clara Mendes Silva, tricampeã da OBMEP, em nome da qual saúdo todos os alunos premiados da OBMEP,

Quero cumprimentar os professores,

As professoras,

Os pais e as mães que vieram aqui,

Os jornalistas,

E dizer para vocês do prazer de ver um sonho se realizando. E aos poucos nós vamos fazendo a sociedade brasileira compreender que um prefeito, um governador de estado, um presidente da República, quando é eleito, ele pode fazer uma grande estrada, uma grande ponte, ele pode fazer uma série de obras importantes, mas nenhuma obra será mais significativa do que cada centavo que o governante colocar para melhorar a educação deste país. Nada, nada é mais importante do que melhorar a educação deste país. E falo isso com orgulho de um presidente da República que não conseguiu estudar sequer a quantidade de anos de escola que vocês estudaram. Falo isso na condição de um presidente da República que foi o primeiro filho de uma família de oito irmãos que tirou o diploma primário, que fez um curso técnico e que, por conta disso, por teimosia, como vocês, por vontade, como vocês, eu cheguei à Presidência da República.

E aqui a gente percebe jovens de diferentes origens sociais, jovens que estão em escolas públicas, mas que têm pais de classe média baixa, jovens de escola militar, que têm pais pobres e pais de classe média ou pais militares



mesmo. É uma coisa que vocês precisam compreender como vocês compreenderam a importância de estudar matemática: o Brasil já teve escola pública de excepcional qualidade. Nós temos duas olimpíadas, não é, Camacho? Nós temos a OBM, que é a olimpíada da matemática, que existia e que existe ainda antes de a gente tirar a Olimpíada da Matemática das Escolas Públicas. Porque no Brasil, na década de 50, Fernando Haddad, eu acho que até a década de 60, se vocês pegarem os grandes intelectuais brasileiros, se vocês pegarem os grandes cientistas brasileiros, todos, quase, estudaram em escola pública. Todos.

Hoje, se constituiu no Brasil uma política de ensino, da década de 70 para cá, e que quando se tomou a decisão de colocar todo mundo na escola, a qualidade da escola caiu, porque com a obrigação de universalizar o ensino não veio a obrigação conjunta e concomitante de manter o padrão da educação neste país. Então, vejam o que aconteceu no Brasil: há 50 anos, só entrava em uma universidade privada, ou melhor, em uma universidade pública de qualidade, em uma universidade federal, as pessoas que estudavam nas escolas públicas desse país. E tinham poucas escolas privadas, poucas universidades privadas.

Na medida em que foi caindo a qualidade da educação no ensino fundamental, a classe média brasileira foi procurando uma fuga para melhorar a educação dos seus filhos, então foram surgindo as escolas particulares, e parte da classe média brasileira, por não receber do poder público a educação de qualidade que queria dar para os seus filhos, procurou escolas públicas, algumas... escolas privadas, algumas de muitas qualidades, e todo mundo sabe que lá em São Paulo, aqui no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, tem escola privada em que, no ensino fundamental, o preço da mensalidade é quase o preço de uma universidade particular. Então, na medida em que a classe média foi fugindo para encontrar uma forma de melhorar a educação dos seus filhos e, conseqüentemente, gastar parte do seu orçamento com a



educação, os prefeitos, governadores, presidentes da República, foram deixando de dar importância para a escola pública de qualidade, e ela foi definhando, ela foi piorando, ela foi ficando de má qualidade.

Vejam que absurdo que nós vivemos no Brasil: hoje, os jovens de escolas públicas, que não podem pagar uma escola excepcional privada, na hora em que vão para a universidade, eles não conseguem entrar nas universidades públicas. Eles muitas vezes vão para universidades particulares. E aí acontece a primeira contradição: ele passa no vestibular, quando chega no mês de fevereiro que tem que pagar a matrícula, ele descobre que o orçamento da sua família não permite pagar uma mensalidade de R\$ 1.000,00, R\$ 1.500,00 para medicina até R\$ 2.500,00 R\$ 2.800,00. Esse jovem, então, fica sem perspectiva, e os ricos, por exemplo, o empresário mais rico do Brasil, como o filho dele teve uma escola de qualidade, com professores selecionados, e até com reforço particular em casa, o filho dele entra em uma universidade pública que deveria ser da criança menos favorecida.

Então houve uma inversão de valores no Brasil. Nós estamos corrigindo, e essas coisas a gente não faz a correção tão rapidamente como [quando] se prejudica. Vocês sabem que para destruir é sempre mais fácil do que para construir. Certamente vocês já viram na televisão demolir um prédio em uma cidade. Contrata-se uma empresa, ela coloca um monte de dinamite dentro do prédio, amarra o prédio com cabo de aço, liga um detonador e explode em dois minutos um prédio que levou dez anos para se construir, está no chão. Então, destruir é sempre mais fácil. Construir é sempre um processo mais difícil porque você trabalha com um exército de jovens que ficaram esquecidos, que não foram preparados, que foram abandonados.

Até que um dia, neste país, se chegou à conclusão de que não tinha que fazer mais prova para saber se o aluno estava aprendendo ou não estava aprendendo. Por que se tirou a prova? Porque também naquele tempo, como a qualidade de ensino tinha se deteriorado, tinha alunos que repetiam quatro



anos, cinco anos. Muitas vezes você chegava em uma escola da periferia, tinha meninos de 14 anos cursando ainda a terceira série. Porque não.... Professor mal remunerado, desmotivado, as escolas em péssimas condições, ou seja, então nem o aluno era motivado a ir para a escola, não tinha nenhuma motivação, porque estudar, a gente estuda por prazer.

Vocês não fizeram matemática e disputaram a medalha porque a mãe de vocês trancou vocês em uma sala, colocou vocês na frente de um professor e falou: “ou estuda ou apanha”. Não. Em algum momento da vida de vocês, vocês tiveram alguém, ou o pai, ou a mãe, ou um professor, ou uma professora dentro da sala de aula que fez alguma coisa que motivou vocês a participarem da Olimpíada da Matemática, a se interessarem por matemática.

Pois bem, nós, convencidos de que a educação é a coisa mais importante de uma nação, é a coisa mais importante para a formação qualificada que nós queremos da sociedade, nós começamos – depois de uma conversa da Suely, do Camacho. Porque a Suely foi a Brasília me levar cinco meninos, isso em 2004, que tinham ganhado medalha de ouro. E naquele tempo, a maioria dos alunos que se inscrevia na Olimpíada da Matemática, por incrível que pareça, era do Nordeste brasileiro, era do Ceará, o Piauí tinha muita gente, eu lembro disso.

Aí começamos a discutir a possibilidade de fazer na escola pública. Sabe qual foi o primeiro argumento utilizado para mim, a Suely ouviu, acho que o Camacho ouviu, o Tarso Genro, na época, o Fernando Haddad, que hoje é ministro, era secretário-executivo do Tarso Genro, do Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia. Sabe o que nós ouvimos? “Ah! Aluno de escola pública não vai se interessar. Ele não tem motivação para participar de olimpíadas.”

Aí fizemos a primeira em 2004. Inscreveram-se 10,5 milhões de jovens. Fizemos a segunda... A primeira em 2005. A segunda em 2006. Inscreveram-se 14 milhões de pessoas. Depois, fizemos outra, em 2007. Inscreveram-se 17



milhões de pessoas. E essa agora, bateu o recorde dos recordes, 18,3 milhões de jovens se inscreveram.

Hoje nós podemos, aqui nesse plenário, dizer o seguinte: nem os Estados Unidos da América do Norte, que são o país mais rico do mundo, tem a quantidade de jovens estudando olimpíadas como nós fazemos aqui no Brasil. Nem nos Estados Unidos. Talvez, não sei se é verdade, Camacho, é a olimpíada com mais participantes em todo o mundo. Em uma demonstração de que era preciso apenas motivar, para as pessoas se sentirem convencidas de que deveriam participar. E mais importante do que isso, é que nós, a partir de vocês, a gente está motivando outras crianças. Nós queremos levar a olimpíada para os meninos e para as meninas da quarta série, da terceira série. Nós precisamos levar para a sociedade brasileira toda ficar motivada e as pessoas não fazerem do estudo um sacrifício.

Não sei se acontece com vocês que não querem levantar às sete horas da manhã para ir à escola, que não querem levantar às oito, e que ficam torcendo para que tenha uma greve de professor para vocês não estudarem, e que ficam torcendo uma série de coisas. Isso parece muito importante, mas sabe qual é a desgraça de tudo isso? É que a gente só vai perceber o quanto nós somos imbecis quando a gente atinge a idade do pai de vocês, que reclama de não ter uma formação adequada, porque não estudou quando era mais jovem.

Então, o exemplo de vocês é dignificante. E eu queria até pedir para a imprensa. Os nossos companheiros da imprensa – jornalistas da escrita, da falada, da televisada – a gente que todo dia mostra tanta desgraça nesse país. Quando um jovem comete um delito, aparece três semanas sem parar na televisão, pelo amor de Deus, coloquem a cara desses meninos e meninas na televisão para as pessoas saberem. Sabem por quê? Porque o mundo é movido a maus e a bons exemplos. Nós temos que mostrar as coisas ruins, nós não devemos esconder. Mas nós precisamos mostrar as coisas boas.



Tem um jovem que bebe, tem um jovem que está metido no narcotráfico, tem um jovem que está praticando qualquer delito? Tem. Mostre. E vamos fazer a correção necessária para esse jovem aprender. Mas a maioria é como vocês. A maioria são filhos de gente honesta, decente, pobre ou classe média, que quer apenas aprender e progredir na vida. Qual é o sonho de todos nós? Qual é sonho do pai de vocês e da mãe de vocês? Eles querem ganhar melhor para poder melhorar a vida de vocês. Vocês querem se formar profissionalmente, porque vocês querem ter uma vida independente quando vocês estiverem adultos.

Todo mundo quer viver bem. Todo mundo quer ganhar bem. É por isso que a educação é extremamente prioritária no nosso governo.

Este ano, só para vocês terem idéia, o Fernando Haddad falou, nós vamos inaugurar este ano, de escolas técnicas, 100, de escolas técnicas no Brasil, 100. Parece pouco, mas de 1909 a 2003, portanto, em quase 96 anos, foram construídas 140, em 100 anos. Nós, em oito anos, vamos criar 214, e só neste ano vamos inaugurar 100.

Por que nós vamos fazer isso? Porque o mundo está globalizado. O mundo está mais competitivo. Não adianta a gente ficar exportando soja, mamona, algodão. Tudo isso é importante. O que nós precisamos exportar é a inteligência, a nossa competência, a nossa formação profissional, produtos com mais valor agregado, que isso só vem da alta qualidade da educação neste país.

Quem é do interior deste país sabe que antigamente um jovem do interior, para fazer um curso universitário tinha que ir para a capital. Porque cada capital, cada capital tem uma escola, universidade federal. São Paulo, na capital não tem. Tem estadual, mas não tem federal na capital de São Paulo. Tem em São Carlos. Tem mais alguma? Bem, no Nordeste é uma na capital e olhe lá. Olhe lá. Então nós resolvemos que o jovem do interior, ele não tem que virar um retirante para estudar. É preciso levar braços das universidades



existentes na capital, para dar cursos no interior, para permitir que uma menina ou menino, ao terminar o segundo grau, ela tenha oportunidade de, na sua região, poder fazer o ensino universitário. Porque o Brasil precisa, a indústria brasileira precisa e o mundo precisa de gente cada vez mais bem formada.

Então, meu caro Camacho, minha cara Suley, companheiros do Impa. Eu estava com um discurso aqui, Ricardo, para falar bem de você outra vez. Mas se eu ficar falando bem de você mais uma vez, daqui a pouco você vai querer parar de estudar e ser candidato a vereador lá na sua terra. Porque não pode ter exemplo maior do que o Ricardo, vamos ser francos, não pode. Nenhum de nós pode se comparar às condições em que está o companheiro Ricardo. E ele já melhorou muito, porque da outra vez que eu o conheci, ele era levado para a escola em um carrinho de mão, sentado em um carrinho de mão, pelo pai dele. Não é isso, Ricardo? Agora ele já está morando em uma casa perto da escola, acho que a prefeitura é que paga o aluguel, não é isso? Já tem uma cadeira de rodas nova, não vai mais de carrinho, e os professores já compreenderam que ele é uma figura importante. Ele era importante quando resolveu estudar, ficou mais importante quando ganhou a primeira, mais importante quando ganhou a segunda, e agora, que ganhou a terceira, daqui a pouco está sendo convidado para fazer novela. O título da novela será o seguinte: “O gênio”.

E por que eu falo “o gênio”? Porque tem muita gente que tem o corpo perfeito, que ouve bem, que enxerga bem, que tem todas as condições do mundo para não reclamar da vida e vive reclamando, e vive com má-vontade, e vive dizendo que as coisas não dão certo para ele, porque ele não quer fazer o menor esforço para vencer na vida. Então, o Ricardo deveria ser o símbolo da OBMEP.

A primeira Olimpíada que nós fizemos, eu não sei, Suley, o nome do menino de Brasília que ganhou... Paulo Ramos. Era um menino que não enxergava, era um menino que não ouvia, e era um menino em uma cadeira de



rodas como o Ricardo. Ou seja, não existe nada para mostrar mais força de vontade, mais determinação, do que um menino daquele e o Ricardo ganharem a Olimpíada da Matemática.

Mas vamos ver o caso da Maria Clara Mendes da Silva, aqui. Quem disse que tamanho não é documento está coberto de razão. Em uma cidadezinha, ela já foi apresentada aqui, me parece, uma cidadezinha mineira de apenas três mil habitantes, pequenininha, chamada de Pirajuba, mora esse talento gigante em forma de menina, que é a nossa querida Maria Clara. Ela não se contentou em ganhar apenas três medalhas de ouro da OBMEP, não. A Maria Clara, que estuda com muito orgulho em escola pública, ganhou também uma medalha de ouro na Olimpíada Brasileira de Matemática. Ela foi à OBM disputar na olimpíada da escola particular e ela ganhou medalha de ouro. Cadê? Levanta aí para a gente aplaudir mais uma vez a nossa querida...

Vou dizer uma coisa aqui para os homens não ficarem metidos a besta aqui. Para tornar a façanha ainda mais notável é preciso lembrar – isso aqui foi a Suely quem me disse – que as mulheres, infelizmente, não costumam se destacar em matemática. Isso aqui está começando a provar que a gente vai mudar. Se mulher já está querendo até governar a cidade, o país, mulher está pegando cargo de chefia nas empresas, mulher está entrando na Marinha, está indo à Aeronáutica, acabou o preconceito de que mulher tem alguma coisa inferior, as mulheres são iguais ou mais competentes do que os homens para fazer muita coisa.

Agora, nas olimpíadas, no mundo inteiro, as mulheres têm ganhado menos medalhas do que os homens, embora as mulheres sejam maioria. Agora, menos em Pirajuba, como demonstrou a nossa querida mineirinha. Que ela seja, portanto, um exemplo para que as meninas, não só do Brasil, mas também de outros países estudem bastante. Mas a Maria Clara não se considera um gênio, porque, para ela, matemática é uma coisa simples, basta estudar, estudar vale à pena, como ela explica. O que ela diz? Ela diz:



“matemática é a base para o desenvolvimento tecnológico. Daí a importância da Olimpíada, porque estimula os jovens e ajuda o País a descobrir talentos na área”. Entusiasta da OBMEP, Maria Clara, que só tem 15 anos, é também uma ardorosa defensora do ensino público, como ela mesma afirma: “todo ensino deveria ser público, seria muito mais justo, porque assim, todo mundo teria acesso ao ensino gratuito de qualidade e quem ganharia seria o Brasil, porque a educação é a base para o desenvolvimento de qualquer país”.

Vamos ver o que diz aqui o nosso companheiro Gerson Tavares Câmara de Souza. Cadê o Gerson? Ah, é o nosso... Veja a história aqui: o pai do Gerson, seu João Pedro, é um operário aposentado. Trabalhava na beira de uma fornalha de mil graus, soprando vidros, fazendo copos, jarras e garrafas. A mãe, dona Maria de Lourdes, foi lavradora, depois empregada doméstica. Seu João Pedro e dona Maria de Lourdes só puderam estudar até a 4ª série. Aprenderam a ler, escrever e fazer as quatro operações, mas conseguiram dar ao filho o que nunca conseguiram para si próprios. Resultado: Gerson é tetramedalhista de ouro da OBMEP, o único brasileiro a ganhar quatro medalhas de ouro nesta que é a maior Olimpíada de Matemática do mundo.

Agora, vejam que coisa interessante. E como se fosse pouco, Gerson ainda passou no vestibular da USP e já está estudando para ser um grande engenheiro elétrico. Sem falar nas duas irmãs mais velhas. A Gisele, que está terminando o curso de farmácia da USP, e a Gislene, que se formou também em farmácia, só que em uma faculdade particular, graças ao nosso querido ProUni, que garantiu bolsa para ela se formar.

Mas que ninguém pense que o Gerson, tetracampeão, está levando a vida do meu amigo Ronaldão, ou do Ronaldinho, está folgado, está ganhando dinheiro, não pensem, não. O Gerson estudou em escola noturna porque, de manhã, fazia curso técnico de elétrica, no nosso também querido Senai, e à noite, estágio em uma empresa de automação industrial. A luta continua.



Agora, na USP, Gerson sai de casa antes das 5 horas da madrugada e só volta depois das 10 da noite, porque estuda engenharia elétrica de manhã e de tarde, e à noite faz um curso de iniciação científica ao qual tem direito por ser medalhista da OBMEP. Das 24 horas do dia, Gerson passa pelo menos cinco horas dentro dos quatro ônibus diários: dois para ir, dois para voltar. Aproveita essas 5 horas para descansar e quando der um tempo - não é Gerson? - estudar um pouquinho dentro do ônibus. Não é muito bom ler dentro do ônibus, porque pode ter um deslocamento de retina e pode lhe prejudicar, então descansa dentro do ônibus, meu filho. E vocês acham que ele reclama? Ele não reclama. Que nada, o Gerson está feliz da vida e dá a dica: “matemática não é bom, é esforço, é queimar a pestana” e é justamente o que falta para muitos jovens de nosso país”.

O Gerson sabe o que quer da vida, caprichar nos estudos, ser um engenheiro talentoso, conseguir um bom emprego, talvez fazer mestrado no exterior e retribuir, segundo ele, o que o Brasil tem feito por ele. Diz ele aqui: “quero ensinar outros jovens, dar aulas de orientação, prepará-los para a OBMEP, e é claro, que não vou cobrar por isso, e nem poderia, ninguém deveria cobrar pelo conhecimento, todo mundo deveria ter acesso ao conhecimento”.

Gerson vai fazer a sua parte, sabe muito bem o tamanho da responsabilidade, não só dele, mas de sua geração, como ele mesmo diz. Quanto maior o número de jovens se dedicando à ciência e à tecnologia e quanto mais a gente se esforçar e se sair bem, mais desenvolvido será o Brasil.

Eu queria, meu querido Gerson, só pelo fato de você ser tetra, porque no ano que vem pode ter mais um monte de tetra aqui. Quem foi campeão a primeira vez pode ser bi, o bi pode ser tri, e o tri pode ser tetra e você uma hora vai tomar conta da vida, não vai mais ficar disputando a Olimpíada da Matemática. Eu quero ver você disputando agora coisas maiores do que isso.



Mas o que eu queria dizer para vocês que esses exemplos, que certamente é o exemplo da vida de cada um de vocês. Dos nomes escolhidos aqui, a única diferença é o nosso companheiro Ricardo, porque é um menino excepcional nesse país. Mas, possivelmente todos vocês são iguais e alguns que eu não citei sejam até mais competente em matemática do que os que eu citei.

O que eu queria dizer para vocês é apenas o seguinte: a vida não nos dá muitas oportunidades. O que é importante é que a gente agarre cada oportunidade com unhas e dentes. Quando eu perdi a primeira eleição para presidente não faltou uma pessoa para dizer para mim: “Lula desiste, você perdeu, não dá certo”. Alguns diziam: “você quer ser candidato? Você não sabe que você só tem o 4º ano primário e um curso no Senai? Desiste. Isso não é para você. Presidente é para doutor, é para gente chique, é para a gente...” E eu não desisti. Perdi a segunda. Aí o mesmo discurso: “Você é nordestino, rapaz. Você não percebe? Você nem tirou o diploma de doutor, você quer ser Presidente da República? Não se enxerga, não?” Era daí para cima. Eu não desisti. Perdi a terceira. Até a Marisa falou assim para mim, minha mulher: “Ô meu, não se manca não? Não se manca não?” E o meu partido começou a ficar preocupado porque dizia: “Pô, esse cara perde todas, por que a gente vai ficar tentando ele?”

Até que chegou 2002, eu ganhei as eleições. Aí, 2002, eu ganhei as eleições, e comecei a fazer aquilo que eu acreditava que os governantes tinham que fazer por mim. Como vocês são muito jovens e, jovem normalmente, a gente tem uma vitalidade, uma saúde infernal, uma resistência física para tudo, a gente nunca pensa que vai ficar velho, a gente nunca pensa que vai se aposentar, a gente sempre pensa que os pais da gente vão sustentar a vida inteira. Eu queria dizer para vocês uma coisa de coração, de coração: toda vez que vocês estiverem desanimados, toda vez que vocês estiverem em casa discutindo: “As coisas não melhoram. Eu não vou mais



estudar. Não está dando certo. Meu pai está desempregado”. Pelo amor de Deus, não desanimem. Não desanimem, não parem nunca. Quanto mais adversidade a gente encontrar, mais vontade de brigar a gente tem que ter. Se a gente tomar um tombo, tem que levantar, se cair outra vez, tem que levantar. A gente não pode nunca achar que já chegamos ao ponto máximo da nossa vida. Não existe limite para isso. O limite é a nossa vontade. É a nossa determinação. É a nossa perseverança. Então, dediquem, dediquem esses próximos 10 ou 15 anos de vocês, porque não tem nada mais sagrado do que essa idade dos 10 aos 25 anos de idade. É onde a gente pode tudo. Onde a cabeça da gente aprende tudo, e onde a gente tem que dedicar o esforço incomensurável para aproveitar todas as oportunidades.

E quando alguém disser para vocês: “Ah, eu até tenho vontade, mas a classe política brasileira não presta. Eu não gosto de prefeito, eu não gosto de governador, eu não gosto de vereador, porque é tudo bandido”. Não fiquem procurando o governante perfeito nos outros. Não fiquem procurando. Porque possivelmente, o governante com quem vocês sonham, ou o político que vocês querem, está dentro de vocês.

Eu descobri em 78. Eu descobri em 78 que era preciso entrar na política, porque aquilo que eu pensava da política não tinha ninguém no Congresso Nacional que me atendesse. Eu falei: se eu quero fazer alguma coisa, eu tenho que tirar o instrumento. E, hoje, o instrumento mais sagrado para vocês, que eu tenho certeza que é motivo de orgulho para as mães, para os pais, que se pudessem tomavam a medalha de vocês e colocavam nos pescoços deles, de tão orgulhosos que eles estão de vocês. Eu tenho certeza de que a gente pode dizer, em alto e bom som, que o Presidente da República, o Governador do Estado do Rio de Janeiro, o ministro da Ciência e Tecnologia, da Educação, o prefeito e todas as autoridades, inclusive os companheiros do Impa, estão orgulhosos, dizendo: “Este país que, muitas vezes, a gente aprendeu que nós não somos ninguém, nós somos pequenos, tudo o que nós fazemos não



presta, que bom que é importado, as coisas boas só acontecem no mundo... Este país não deve nada a ninguém”. Vocês são os exemplos mais dignificantes de que em se tratando de inteligência o Brasil compete com qualquer país do mundo.

E eu quero dizer para vocês que vivi hoje um dia de glória. Vocês pensam que são só vocês que ficam nervosos quando vêm aqui, mas imaginem que um presidente, um governador, não só ficam nervosos, como a gente fica com vontade de chorar quando a gente vê uma pessoa de 38 anos de idade, que ganhou a sua medalha de ouro porque acreditou nela. Aqui no meio de vocês, 38 anos de idade, participando da OBMEP, 38 anos de idade, está ali o companheiro.

Ele poderia ter desistido aos 30, ele poderia ter desistido aos 25, entretanto ele teimou e está no meio de vocês e eu posso dizer para vocês, mais entusiasmado do que muitos jovens aqui. E quando a gente então pega um baixinho, deste tamanhinho, que entra aqui? Eu fico até com medo de perguntar quantos anos você tem e ele falar: “eu tenho cinco, eu tenho quatro”, mas já tem 12. Ele não cresceu muito porque cresceu a inteligência e o corpo diminuiu. Vocês sabem o orgulho que a gente fica aqui, a vontade cada vez que eu entrego a medalha para vocês não é só de beijar e abraçar, mas é de chorar como certamente o pai e a mãe de vocês chorou, quando soube que vocês ganharam medalha de ouro.

Então hoje é um motivo de orgulho. Vocês quando regressarem para suas casas podem dizer aos pais de vocês: “Pai, ou mãe, o Presidente da República disse que o dia de hoje foi um dia de glória para ele, porque ele viu estampado nos nossos olhos a certeza da grandeza do futuro do nosso país”.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
Primeira Sessão Plenária da 5ª Cúpula das Américas**

Porto de Espanha – Trinidad e Tobago, 18 de abril de 2009

Obrigado, Primeiro-Ministro.

Na última reunião em que eu fui convidado para participar do G-8, no Japão, eu disse na reunião – e o secretário-geral Ban Ki-moon estava presente – que essa crise econômica deveria ser debatida nas Nações Unidas. As Nações Unidas têm um instrumento chamado Ecosoc, que poderia transformar o debate em um debate que envolvesse todos os países de todos os continentes, e não se restringisse apenas ao G-8. Isso não foi possível por “n” razões, que depois o Secretário-Geral das Nações Unidas pode falar.

É importante lembrar que, até poucos dias atrás, as decisões sobre a economia mundial eram tomadas, primeiro pelo G-7, depois pelo G-8, depois pelo G-8+5, e agora já são G-20, que não são 20, são 22. O que nós estamos percebendo? Que há uma evolução na participação dos países para decidir sobre uma crise que eu considero profunda, e uma crise que nasceu da irresponsabilidade do gerenciamento, pelos Estados, do sistema financeiro internacional.

A reunião do G-20... e eu queria retratar isso aqui com muita fidelidade, sem ter procuração. Eu penso que quando eu, Cristina, Calderón, estamos no G-20, nós estamos falando em nome dos nossos companheiros da América Latina. A reunião do G-20 foi um avanço muito grande. Eu acho que foi um avanço que nem os melhores especialistas do mundo acreditavam que a gente pudesse chegar ao que nós chegamos. O fato de as pessoas aceitarem discutir a democratização do FMI, o fato de todo mundo concordar em injetar US\$ 1 trilhão no FMI e o FMI emprestar o dinheiro sem condicionalidades é um avanço extraordinário. É um avanço... Eu, que durante 20 anos via descer no



meu país uma delegação do FMI para dizer que política fiscal deveríamos fazer, que investimentos deveríamos fazer, onde tínhamos que cortar dinheiro, foi um ganho extraordinário o fato de nós estabelecermos que não há mais condicionalidades nos empréstimos do FMI.

Segundo, é preciso... a decisão de fortalecer o Banco Mundial também foi extremamente importante. Fortalecer com o compromisso de que o Banco Mundial cuide de emprestar recursos para os países mais pobres fazerem a sua economia voltar a girar. Obviamente, outra vez a responsabilidade recai numa escala de valores de quem pode mais, até chegar em quem pode menos. Os países que estavam lá, todos se colocaram de acordo. Até o Brasil, que durante 20 anos era um país que vivia tomando dinheiro emprestado do FMI, decidiu que vamos emprestar dinheiro ao FMI. Obviamente, sob a condição de que esse dinheiro seja emprestado para os países mais necessitados.

Acho que a reunião teve um avanço excepcional porque todo mundo está mais humilde. Já não há mais aquela arrogância do chamado mundo desenvolvido, dizendo o que nós tínhamos que fazer, porque a crise é de tal magnitude que ninguém sabe o que fazer. Ninguém tem mais a certeza absoluta. O FMI já não tem mais certeza absoluta, o Banco Mundial já não tem mais certeza absoluta. Nenhum governante tem mais certeza absoluta, porque a crise pegou todos nós.

No caso do Brasil, preocupados com as conquistas que nós tivemos nos últimos tempos, nós temos tomado medidas que têm mostrado algum efeito positivo. A primeira coisa que nós fizemos foi [tomar] medida para não permitir que a indústria automobilística brasileira entrasse em crise, porque a indústria automobilística brasileira representa 24,5% do PIB industrial, tem uma cadeia muito grande. Ontem nós decidimos a mesma política de isenção de impostos e capital de giro para atender à cadeia produtiva na área de alimentos, que também é muito grande. Quando um grande frigorífico quebra, atrás daquele grande frigorífico tem milhares de pequenos produtores, de pequenos criadores



de gado, que são vítimas e não têm financiamento. Então, nós tomamos duas decisões: emprestar recursos às grandes empresas que estão com problemas financeiros muito sérios e, ao mesmo tempo, emprestar capital de giro para que as empresas pequenas possam voltar a funcionar.

Só um último dado aqui, que eu acho importante. Anunciamos um programa de habitação de construção de 1 milhão de casas próprias para reativar a construção civil. Eu acho que para a gente não permitir que haja uma degradação nas conquistas que nós tivemos nos últimos dez anos, é importante que todos nós façamos aquilo que não podíamos fazer em tempo de normalidade. Eu diria, fazer mais investimento público, o máximo que pudermos fazer, para a gente poder tentar reativar o nosso mercado interno e, conseqüentemente, minimizar o sofrimento dos trabalhadores.

Obrigado, Primeiro-Ministro.

(211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Segunda Sessão Plenária da 5ª Cúpula das Américas

Porto de Espanha – Trinidad e Tobago, 18 de abril de 2009

Primeiro, quero cumprimentar e agradecer ao primeiro-ministro Manning, pelo tratamento carinhoso do povo de Trinidad e Tobago.

Segundo, eu estava pleiteando aqui, nada mais nada menos do que o mesmo tempo que o Daniel Ortega teve para falar... Parece que não é possível. Vou falar o mesmo tanto que falou Cristina, Obama e o Primeiro-Ministro de Belize.

Primeiro, eu quero agradecer ao nosso anfitrião, o primeiro-ministro Manning, ao seu governo e ao povo de Trinidad e Tobago pela hospitalidade com que estão nos recebendo.

A agenda original desta reunião foi definida bem antes da inclusão da grave crise econômica e financeira que hoje afeta toda a Humanidade. Uma crise que teve sua origem no mundo desenvolvido, mas se espalhou por todos os continentes.

A América Latina e o Caribe sofrem, hoje, a queda das exportações, a escassez do crédito internacional, a diminuição dos investimentos, a retração do turismo e das remessas.

Nos anos 80 e 90 do século passado, o pensamento conservador, que foi incapaz de prever e prevenir os efeitos das recentes aventuras especulativas do capital financeiro, nos impôs ajustes econômicos retrógrados, discriminatórios e vazios de preocupação social. Aquelas políticas foram ditadas por supostos especialistas que não conheciam nossa região, mas que agiam com o acordo submisso de parte de nossas elites dirigentes. O modelo hegemônico separava o econômico do social, opunha estabilidade ao crescimento, desqualificava a política e a ação do Estado, ridicularizava a



noção de soberania nacional.

O legado desse período foi doloroso, mas reagimos de forma madura. Nossas sociedades buscaram saídas institucionais para atender a aspirações, há tantos anos frustradas. Por meio de eleições democráticas e participativas, fomos forjando projetos alternativos de desenvolvimento. A região vem consolidando avanços sociais e econômicos. Políticas de combate à fome, à pobreza e à exclusão social são, hoje, prioridades.

Mostramos que só há desenvolvimento quando se combina crescimento com distribuição de renda. A região amadureceu coletivamente. Nossas políticas se guiam pelo respeito à diversidade, e estamos corrigindo assimetrias que prejudicam os parceiros menores.

Sica, Caricom e Unasul, da mesma forma que o Mercosul, são exemplos de uma nova concepção de integração. Representam reais opções de governança regional que contribuem para a construção de um mundo multipolar, regido pelos princípios do multilateralismo.

Esta cúpula demonstra que nossa região não admite fórmulas rígidas, pensamento único e imposições unilaterais. A integração das Américas supõe diálogo político e cooperação para o desenvolvimento. O exemplo do Haiti mostra que a segurança coletiva tem que se combinar com o respeito à soberania nacional e com a redução das desigualdades.

Não hesitamos em enfrentar a violência e a criminalidade transnacional. O Conselho de Defesa da Unasul e o Conselho de Combate às Drogas buscarão soluções regionais para essas ameaças.

Amigos e amigas,

A recente cúpula do G-20 foi demonstração de engajamento coletivo para enfrentar uma crise sistêmica. Adotamos decisões, em Londres, que agora precisam ser colocadas em prática. Essas decisões têm, também, as marcas dos países em desenvolvimento, e delas participamos. Era, e é, urgente reformar a arquitetura financeira mundial e os seus organismos.



Precisávamos aumentar os recursos do FMI e do Banco Mundial para ajudar, sem condições, países pobres e em desenvolvimento. Era, e é, necessário criar linhas de crédito mais flexíveis. Sei que, por si só, essas e outras medidas não resolverão a crise, mas o papel dos líderes políticos não é só o de denunciar, mas também de propor e construir alternativas viáveis.

Quero aqui reiterar meu apoio à próxima reunião da Ecosoc, das Nações Unidas, quando serão discutidas e propostas alternativas para a crise atual. Na América Latina e no Caribe estamos fazendo nossa parte para vencer a crise, acelerando o ritmo de nossa integração em infraestrutura e fortalecendo as cooperações em políticas sociais.

O comércio deve ser poderoso indutor de desenvolvimento, funcionando como medida anticíclica na conjuntura atual. Para tanto, ele deve ser justo e equilibrado, preservando a capacidade dos Estados nacionais de formular políticas voltadas para o crescimento e a geração de empregos. A conclusão da Rodada de Doha é, assim, fundamental. Mas é fundamental também restaurar o financiamento para as economias em desenvolvimento, especialmente para os países mais pobres. O aumento do capital do BID, o fortalecimento da CAF e o lançamento definitivo do Banco do Sul ajudarão na retomada do crescimento e na geração de empregos.

Amigos e amigas,

A crise não deve servir de desculpa para retroceder nos compromissos com tecnologias ambientalmente sustentáveis ou abrir mão das fontes renováveis de energia. A sociedade quer e exige combustíveis renováveis limpos e baratos.

A região reúne condições climáticas e de solo para exportar energia sem descuidar de nossa demanda interna, menos ainda de nossa segurança alimentar. Seríamos os primeiros a condenar os biocombustíveis se ameaçassem a oferta de alimentos ou a preservação de nossas florestas. A produção de etanol à base de cana-de-açúcar, respeitada a realidade de cada



país, aumenta a segurança energética e alimentar e gera divisas. Os biocombustíveis são arma eficaz na luta contra o aquecimento global.

O Brasil está pronto a compartilhar as tecnologias que desenvolveu por mais de 30 anos, e a ampliar e fortalecer iniciativas de cooperação triangular. Assumimos compromisso de redução das emissões de carbono, que vão além do estabelecido pelo Protocolo de Quioto. Estamos reduzindo o desmatamento na Floresta Amazônica, e garantindo a preservação dos ecossistemas e o uso sustentável da floresta por seus habitantes.

Amigas e amigos,

Nosso esforço integrador nas Américas será sempre incompleto enquanto persistir, em nossas reuniões, a anômala exclusão de um dos países do continente, que é Cuba. Tive o privilégio de acolher na Bahia, em dezembro do ano passado, a Cúpula da América Latina e do Caribe sobre integração e desenvolvimento. Lá, todos os países latino-americanos e caribenhos declararam, de forma inequívoca, seu apoio ao fim do bloqueio econômico, comercial e financeiro que ainda vigora contra Cuba.

As relações com Cuba serão um sinal importante da disposição nossa e dos Estados Unidos em relacionar-se com a região. As medidas tomadas até agora pelo presidente Obama vão em boa direção, mas todos nós concordamos que é apenas um começo. É importante que sejam ampliadas e venham sem pré-condições, afinal, quem mais sofreu e ainda sofre com as restrições do bloqueio é o povo de Cuba. O diálogo direto entre os dois governos pode abrir o caminho para superar essa situação, com a qual as Américas não querem mais conviver.

Meus amigos e minhas amigas,

Não poderia concluir minhas palavras, sem perguntar-lhes: para que servem reuniões como esta? Elas são um espaço democrático de confronto de ideias e concepções que refletem, na sua diversidade, as distintas situações históricas de nossos países. Essa diversidade é positiva e não devemos temê-



la. Mas este é também um espaço em que devemos buscar construir alternativas, se possível, alternativas comuns. Essa construção não pede que esqueçamos o passado, mas ela deve privilegiar o futuro.

O êxito desta cúpula depende do engajamento pleno de todos os países da região nessa empreitada. Nossos atos e gestos concretos demonstrarão que não há mais lugar em nosso continente para políticas de isolamento. Por meio da solidariedade, da inclusão e do respeito às diferenças poderemos estabelecer as bases para uma nova fase do desenvolvimento das Américas. Vamos tornar realidade o sonho de assegurar a todos os países acesso às oportunidades de crescimento econômico, à educação, à saúde, à segurança e à paz.

Muito obrigado pela paciência.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido pela presidente da Argentina, Cristina Kirchner

Buenos Aires-Argentina, 23 de abril de 2009

[Quero cumprimentar] minha amiga, companheira e presidenta da Argentina, Cristina Kirchner,

Quero cumprimentar os dois ministros que têm contribuído de forma extraordinária para que nossas relações sejam sempre melhores: o ministro Jorge Enrique Taiana, ministro das Relações Exteriores e Culto da Argentina, e o companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil. E, em nome dos dois, quero cumprimentar todos os demais ministros brasileiros, ministros e ministras argentinos.

[Quero] cumprimentar os empresários.

Não se preocupe, Cristina, que eu não vou ler discurso. Apenas para lembrar aos companheiros argentinos que esta é a minha 14ª visita à Argentina, em seis anos.

Quando tomei posse, ou melhor, quando ganhei as eleições, em 2002, eu anunciei que o primeiro país que eu iria visitar seria a Argentina, e cumpri o prometido: visitei a Argentina. A partir daquele momento, estreitamos as nossas relações, e hoje eu posso dizer que não conheço outro momento histórico da Argentina e do Brasil em que as duas nações estiveram tão próximas, se entendendo tão bem, sem abrir mão da diversidade que existe entre nós.

A Argentina é um país de uma burocracia forte e competente, o Brasil é um país de uma burocracia forte e competente. Duas burocracias que funcionam de forma extraordinária, para facilitar e para dificultar, e que nós, aos poucos, estamos quebrando essa divergência de visão, com muita



discussão política.

Eu confesso a vocês, companheiros argentinos, que nós estaremos cada vez mais próximos. Eu não vejo como Argentina e Brasil não compreenderem que do nosso comportamento, das nossas relações, vai depender muito o sucesso do Mercosul, da Unasul e da integração da nossa tão querida América Latina.

Acabou o tempo em que Argentina e Brasil disputavam quem era mais querido pelos Estados Unidos ou pela União Européia. Nós descobrimos, nesses últimos seis anos, que muito mais bonito é fazermos o esforço que for necessário fazer para, a partir da nossa integração e da complementaridade da nossa competência científica, tecnológica, política, cultural, construirmos nos nossos países tudo aquilo que nós precisamos para melhorar a vida do nosso povo.

Eu acho que nós ainda temos que construir muito. De vez em quando eu fico inquieto pela demora dos acordos, de vez em quando a Cristina fica inquieta, na América do Sul, de vez em quando, Chávez fica inquieto, o Evo fica inquieto, o Uribe fica inquieto, o Alan García, todo mundo, porque as coisas demoram mais do que a gente esperava.

Entretanto, se nós imaginarmos o avanço político da nossa integração nesses últimos seis anos, vamos perceber que andamos uma caminhada muito grande para chegar aonde chegamos. Primeiro, tornar os países da América do Sul amigos e um confiar no outro não era uma tarefa fácil. Conseguimos. Segundo, recuperar o prestígio e a importância comercial do Mercosul. Conseguimos. Terceiro, criamos a Unasul. Muita gente cobra de nós porque a Unasul demora tanto para se fortalecer. As pessoas se esquecem de que a União Européia levou 50 anos para ser o que é hoje, e eu acho que nós já andamos de forma extraordinária.

Além do quê, o progresso político e ideológico da América Latina. Não precisa ninguém fazer um grande esforço intelectual para saber o que era o



nosso continente há dez anos. Olhem agora e vejam a mudança extraordinária nos atores sociais e nos segmentos sociais que foram ocupando os cargos de presidente em todo o continente latino-americano. E, com essa mudança, houve a mudança de visão do papel do Estado. Aquela história que se vendeu durante muitos anos, que só era possível melhorar a vida das pessoas se a economia crescesse, e que ela tinha que crescer muito para depois distribuir, nós provamos que as duas coisas podem acontecer concomitantemente: você pode crescer distribuindo renda e pode distribuir renda para crescer.

Inegavelmente, a Argentina vivia um momento de ouro antes dessa crise. Inegavelmente, o Brasil vivia um momento excepcional antes dessa crise. Aliás, acho que é a primeira crise no mundo que pega os países emergentes, e sobretudo os da América Latina, melhores do que os países europeus e do que os próprios Estados Unidos da América do Norte, é a primeira.

Obviamente, eu e Cristina torcemos para que a Europa se recupere logo, e os Estados Unidos, porque eles são grandes países, têm muito conhecimento científico e tecnológico, compram muito os nossos produtos, e nós queremos comercializar com eles. Mas é importante registrar para a história que as pessoas não podem mais tratar a América do Sul, a Argentina e o Brasil como tratavam na década de 80, ou na década de 90, em que qualquer um que viesse do Norte podia chegar aqui dando palpite na nossa vida, dizendo o que a gente tinha que fazer, o que a gente tinha que produzir e qual a política fiscal que nós íamos elaborar. Quantas e quantas vezes as ingerências dos que causaram a crise... Se fossem tão fiscalizadores das finanças mundiais, como foram da Argentina e do Brasil, nós saberíamos da crise três anos antes, dois anos antes. Agora já começam a dizer quando a Argentina vai crescer, o que a Argentina merece, quando o Brasil vai crescer.

Eu não quero ser desrespeitoso com ninguém, mas eu quero dizer em alto e bom som que o Brasil só deu certo quando ele foi dono do seu nariz, quando não aceitava que pessoas de fora dissessem o que a gente tinha que



fazer.

Eu acho, Cristina, que uma coisa importante que está acontecendo, que de vez em quando alguns companheiros não valorizam... Mas vamos ser francos, Taiana, Celso Amorim – vocês que são duas pessoas experientes – não é motivo de orgulho para vocês, saber que Argentina e Brasil estão participando do G-20? Quando é que a gente imaginava um país da América do Sul participar do G-20? Muita gente acha isso pouco. Mas era importante, como disse o Obama... Um dia o Obama disse: “Governar o mundo era fácil, há 60 anos. Churchill e Roosevelt se reuniam, cada um fumando o seu charuto, tomavam as decisões e o mundo acatava”. Eram dois homens que tomavam atitudes... Depois entrou o Stalin, já para repartir. Mas onde nós éramos chamados para alguma coisa? Onde é que nós éramos ouvidos?

Hoje, não. Hoje, a democracia é exercida com um pouco mais de maturidade, porque o sucesso da reunião do G-20 – que eu acho que foi muito importante, muito mais do que eu esperava quando saí do Brasil – se deveu ao fato de que ninguém sabia a solução do problema, de que os Estados Unidos estavam muito humildes, de que a Alemanha estava muito humilde, de que o Reino Unido estava muito humilde. Então, estava todo mundo à espera de que alguém soubesse o que fazer. Todo mundo estava à espera. Também, ninguém sabia o que fazer, cada um sabia cuidar do seu, cada um sabia cuidar do seu país. Mesmo assim, eu nunca vi tanta humildade, simplicidade, e é assim que tem que ser, é assim que precisa ser.

O Celso se lembra, uma vez eu fui convidado para o G-8. Cheguei no G-8... era para tomar [participar de] um almoço, quase que eu chego na hora da sobremesa. Viajar até Berlim para tomar um café! Muito caro esse café. Cheguei lá, levei um documento totalmente contrário ao documento apresentado pelo G-8, um documento feito pela China, Índia, Brasil e África do Sul. Aí, a primeira-ministra Angela Merkel pegou o documento da minha mão e falou: “Eu concordo com o documento”. Eu falei: Angela, não é verdade. O teu



documento é antagônico ao meu, então, como é que você pode adotar os dois? Então, eu disse ao Celso: eu não vou mais ao G-8, não me convide que eu não vou mais. Pode ser chique para alguém, para mim, participar de café. É muito caro o café.

Bem, no Japão eles já mudaram, e agora vão mudar. Agora o G-8 já vale muito pouco diante do G-20, e daqui a pouco o G-20 estará pequeno, na hora em que a ONU assumir a discussão da crise mundial e todos os partidos [países] participarem.

Agora, eu penso – e queria fazer um apelo aos companheiros aqui – que nós precisamos parar de falar em crise. Eu acho que nós precisamos pensar o pós-crise.

Eu tenho consciência de que os Estados Unidos estão numa situação – hoje, falando em crise – pior do que qualquer país menor. Tenho consciência disso. Obviamente que eles, que produzem dólares, têm a vantagem da maquininha de fabricar dólar, e têm a vantagem de serem um país de um PIB de US\$ 17 trilhões, não é pouca coisa. Mas eles estão numa situação complicada, porque têm déficit público muito grande, porque têm déficit comercial muito grande, porque tem a China, que os Estados Unidos têm que responder, a América Latina, que os Estados Unidos têm que responder, sobretudo para os países do Caribe e os países do Caricom.

Mas por que eu acho que a gente não tem que falar em crise? Eu não passo otimismo exagerado. Não me peçam para passar otimismo exagerado. Eu sempre disse que essa crise, metade dela era pânico, e a outra metade era crise real.

No dia 22 de dezembro do ano passado, Cristina, eu fui para a televisão fazer apologia do consumo, para que o povo brasileiro comprasse, para fazer a roda da economia girar. Hoje eu estou convencido de que os Estados Unidos têm que fazer isso, estou convencido de que a Europa tem que fazer isso, e estou convencido de que eles só vão fazer quando restabelecerem o crédito e



a normalidade do crédito. Eu estou convencido.

Tenho a convicção – e quero terminar, Cristina, dizendo a você – de que nós precisamos fazer todo o esforço que for necessário, [para] que não tenha assunto tabu entre nós, [para] que não tenha assunto difícil, [para] que não seja o empresário que pensa que está perdendo um pedaço de mercado, um argentino ou um brasileiro, que demova o governo argentino e o governo brasileiro de firmarem a convicção, cada vez mais, de que a integração é a melhor, a maior e a mais eficaz oportunidade de Brasil e Argentina saírem dessa crise infinitamente mais forte do que entraram.

Os meus adversários políticos, de vez em quando, parece que torcem para a crise ser forte no Brasil, para que eu tome prejuízo. Eu digo sempre, Cristina: eu nunca tive medo de crise. Nunca tive medo de crise. Eu sou de uma região do Brasil tão miserável, que se o menino que for nascer tiver medo de crise, ele já nem nasce. [Não] nasce, porque a mortalidade é muito grande, a mortalidade, antes do primeiro ano de vida, é muito grande.

Eu acho que essa crise é a oportunidade fantástica para a gente fazer, de forma ousada, tudo aquilo que nós não fazíamos antes, porque tinha norma de Basiléia, tinha norma do FMI, tinha norma do Banco Mundial. Essas normas foram boas para um momento. Para alguns países significou quebrar os países. Agora, eu acho que nós temos que criar as nossas normas, porque foi para isso que nós fomos eleitos, e essa crise é uma oportunidade extraordinária.

Por isso, eu quero desejar à minha amiga Cristina e aos companheiros argentinos que estejam certos de que essa crise, nós a venceremos juntos.

Um abraço.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração dos campi dos Institutos Federais de
Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e Mato Grosso**

Itumbiara-GO, 24 de abril de 2009

Meus amigos,

Minhas amigas,

Companheiros e companheiras,

Eu quero – rapidinho, antes que escureça – cumprimentar o governador do estado de Goiás, o companheiro Alcides Rodrigues,

Cumprimentar o ministro da Educação, Fernando Haddad, e o ministro da Comunicação Social, Franklin Martins,

Quero cumprimentar o Ademir de Oliveira Menezes, vice-governador do estado de Goiás,

Quero cumprimentar a senadora Lúcia Vânia,

Os deputados federais Francisco Abreu, Jovair Arantes, Pedro Wilson, Rubens Otoni e Sandro Mabel,

Quero cumprimentar o companheiro José Gomes da Rocha, prefeito de Itumbiara,

Quero cumprimentar o companheiro Íris Rezende, prefeito de Goiânia, e demais prefeitos aqui presentes, inclusive o nosso ex-senador, companheiro Maguito Vilela,

Quero cumprimentar os deputados estaduais e secretários,

Quero cumprimentar o Roberto Balestra e o Joel Braga Filho,

Quero cumprimentar o Paulo César Pereira e o José Pinto Barbosa, reitores dos Institutos Federais de Goiás e Mato Grosso,

Quero cumprimentar o Roberlan Mendonça, diretor desta escola técnica,

Quero cumprimentar os representantes dos alunos em Itumbiara, Celina



Ferreira Gonçalves, e Luciano Silva Júnior, em Campo Novo do Parecis,
Quero cumprimentar o prefeito Mauro Valter Berft,
Quero cumprimentar o secretário de educação do Mato Grosso, senhor
Ságuas Moraes Sousa,
O diretor do campus, senhor Darlan Alves de Almeida,
[Quero] cumprimentar o senhor Alexandre Vidor, da Secretaria de
Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação,
Em Pontes e Lacerda, eu quero cumprimentar o vice-prefeito Hilário
Garbim,
O Orlando Magalhães Cunha, da Secretaria de Educação Profissional e
Tecnológica do Ministério da Educação,
A senhora Gláucia Mara de Barros, diretora da Unidade,
Natalice Priscila Sabino, representante dos alunos, que fez uso da
palavra,
Em Uruaçu, quero cumprimentar o prefeito Lourenço Pereira Filho,
O Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e Tecnológica
do Ministério da Educação,
Quero cumprimentar o José Sérgio Garcia, vice-reitor do Instituto
Federal de Goiás,
O diretor do campus de Uruaçu, senhor João Barbosa da Silva,
Quero cumprimentar alunos, professores, professoras,
Quero cumprimentar os companheiros da imprensa que estão aqui,
cobrindo,
Quero cumprimentar a turma de vermelho aqui, que são as nossas
crianças do Peti,

Quero agradecer ao prefeito por ter colocado o nome da minha mãe, que
está nessa camiseta da meninada que está vestindo a camisa do Peti. Eu fico
sem saber o que falar. Se a minha assessoria me desse meus óculos, seria tão



bom... Mas [há] algumas coisas importantes que eu acho que vocês precisam saber. Eu não vou falar de estradas, não vou falar de pontes. Eu queria falar... não vou falar do Itumbiara, não vou falar do Corinthians. Eu pedi para o Ronaldão jogar aqui, mas pedi para ele não fazer gol.

A primeira coisa, que eu acho que é um aviso importante. Um tempo desses, o companheiro Alcides, governador do estado, foi a Brasília com o seu secretário da Fazenda para me colocar a situação caótica em que estava a empresa de energia do estado de Goiás, que estava devendo mais de R\$ 1 bilhão e que se não ficasse em dia, se não pagasse as suas dívidas, teria pouca capacidade para fazer investimento. Eu tenho um informe aqui da Secretaria do Tesouro Nacional, que autorizou o companheiro Alcides a fazer uma operação de crédito para salvar a Celg, de R\$ 1 bilhão e 350 milhões.

Queria, também, dizer aos prefeitos que estão aqui presentes, que vocês acompanharam o lançamento do programa chamado Minha Casa, Minha Vida, de 1 milhão de casas que nós pretendemos fazer e dando preferência, para essas casas, à população que ganha de zero a três salários mínimos, depois de três a seis, e depois de seis a dez. E por que nós priorizamos a população de zero a três? Porque quando a gente mede o déficit habitacional no Brasil é exatamente essa população mais pobre que não tem casa. E é essa população mais pobre que, muitas vezes, não pode pagar aluguel e vai morar em um barraco na periferia de uma grande cidade.

Muita gente começou a me procurar, a procurar os ministros e a reclamar que nós estávamos priorizando as cidades grandes. Tem uma razão lógica. Por que o Programa foca, de forma prioritária, as grandes regiões metropolitanas? Porque nas regiões metropolitanas... Se você for analisar Goiânia, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, se você for analisar as regiões metropolitanas das grandes cidades brasileiras, é lá onde as pessoas moram em pior qualidade. As pessoas, às vezes, moram em um barraco de três metros quadrados, onde elas dormem,



cozinham, vivem, fazem as suas necessidades fisiológicas, tudo em um quartinho de 3x3. E ali também as pessoas estão mais próximas do crime organizado, do narcotráfico, da violência. É ali onde as pessoas são mais violentas, pela situação em que elas vivem. Por isso é que nós priorizamos as cidades ligadas às regiões metropolitanas.

Certamente, não há como fazer casas e não dar oportunidades para que todas as cidades brasileiras tenham o direito de construir um pouco de casas para resolver o déficit habitacional. Aqui em Itumbiara, quando eu cheguei, o prefeito me falou que já tem praticamente um projeto aprovado de mil casas para serem construídas aqui em Itumbiara, para diminuir, ainda mais, o déficit habitacional.

Na medida em que Itumbiara vai crescendo, vem mais gente de fora para cá, mais gente vai vir sem casa, mais gente vai pagar aluguel. Nós precisamos atacar logo a construção de casas para dar a oportunidade de as pessoas virem para cá e terem uma casa para comprar ou uma casa para alugar, e não terem que construir uma favela, depois duas favelas, depois três favelas. Depois não há mais controle. A cidade fica com o centro bonito e a periferia, pobre. Por isso, prefeito, pode ficar certo de que você vai ter as suas mil casas para construir aqui em Itumbiara.

Por último, a razão [pela qual] eu vim aqui não foi para falar da Celg, não foi para falar das casas, foi para falar da Educação. Eu penso que a juventude brasileira, sobretudo essas meninas e esses meninos que estão fazendo a nossa escola técnica, deve estar compreendendo o significado disso na vida de vocês. Eu queria fazer um apelo, porque eu já tive a idade de vocês, e vocês não tiveram a minha. Por isso eu sei o que um jovem de 15 anos pensa, o que uma jovem ou um jovem de 20 faz, porque eu já fiz. Mas vocês não chegaram a ter 63 anos de idade, portanto eu vou contar para vocês o que pensa o pai ou a mãe de vocês. Não existe nada mais sagrado para um pai ou para uma mãe do que deixar de herança para um filho a sua formação profissional. Não existe



nada mais sagrado. Não é casa, não é carro, não é apartamento, não é nada. O que mais deixa um pai satisfeito é se ele puder formar o seu filho ou a sua filha.

Digo isso porque, embora eu não tenha feito universidade, eu não me esqueço nunca do orgulho que a minha mãe teve quando eu, com 14 anos de idade, ela me pegou no [pelo] braço, andamos mais de oito quilômetros a pé para ela me levar para fazer um teste no Senai. Eu fiz o teste e fiz um curso de torneiro mecânico. Eu vou dizer isso para vocês, porque normalmente quando a gente tem 15 anos ou 20 anos, a gente pensa que a vida não tem problemas. Na dificuldade, o pai ajuda. A gente não pensa nunca que vai precisar, no futuro, ter a nossa própria formação para que ela seja a nossa própria garantia.

Então, às vezes, é normal um menino de 15 [anos] se levantar com preguiça de estudar, com vontade de não ir à escola. É normal a gente passar o ano inteiro sem querer estudar e, [ao] chegar ao final do ano, a gente querer decorar tudo o que a gente não decorou no ano inteiro, para passar de ano. É normal a gente achar que estudar não é a coisa mais sagrada, mas quando a gente se casa, que tem filhos, é que a gente descobre o direito sagrado de estudar. A gente descobre o valor da mãe e do pai quando a gente se casa e tem filhos, porque a gente descobre o trabalho que nós demos para os nossos pais e para os nossos filhos. E não pensem que filho vai ficando adulto, vai deixando de ser problema. Quanto mais ele cresce, mais ele é problema para o pai e para a mãe. O melhor momento de uma criança é quando a gente está segurando ela no colo, porque ela não pode fazer arte, ela não vai a lugar nenhum sozinha. Mas quando tem 14 ou 15 anos, já quer sair de noite sozinha, já quer ir a bares sozinha, já não quer mais prestar contas para o pai, não quer prestar contas para a mãe, se achando dona da vida. É exatamente nessa idade que vocês precisam estudar e se dedicar. É exatamente nessa idade que vocês precisam compreender que vocês terão até a garantia, que muitas vezes o pai ou a mãe precisa na velhice. Se o filho estiver bem de vida, o filho vai



poder ajudar a mãe ou o pai na velhice. Se não estiver bem de vida, não vai ajudar nem o pai nem a mãe, e não vai ajudar a si próprio.

Eu fui ali visitar o laboratório e confesso a vocês que tenho inveja, porque quando eu tinha a idade de vocês, não podia ter uma escola como esta. Mas fico temeroso e fico frustrado em saber que durante muitos anos as pessoas que governaram este país não se preocuparam com a educação do povo brasileiro.

De todos os presidentes da República que o Brasil teve desde a Proclamação da República, uma grande parte deles foi advogado, outra grande parte foi professor. Eu sou o primeiro presidente da República, e o meu vice é o primeiro vice-presidente da República, que nós não temos diploma universitário. Talvez por isso a minha dedicação à Educação, porque eu não quero que vocês passem pelo que eu passei, e não quero que a mãe ou o pai de vocês tenha as frustrações que tiveram mães e pais de pessoas que eram crianças ontem e são adultos hoje. Essas pessoas sabem que se tivessem tido oportunidade de estudar, poderiam estar cuidando melhor dos filhos, poderiam ser a garantia para os próprios netos.

Graças a um curso técnico, eu cheguei aonde cheguei. Graças a um curso técnico, eu pude aprender uma profissão, e a partir dessa profissão eu pude trabalhar em uma fábrica grande. A partir dessa fábrica, eu tive consciência política e fui para o Sindicato. Do Sindicato, eu criei um partido e, do partido, eu cheguei à Presidência da República, o que parecia impossível. Não existia, na Sociologia política – se alguém me ajudar com este microfone aqui é bom – qualquer experiência de um torneiro mecânico chegar à Presidência da República de um país. Aliás, a Presidência não era prevista para pobres, a Presidência não era prevista para pessoas comuns. Era prevista apenas para pessoas que tinham tido oportunidades que a maioria do povo não teve. Lamentavelmente, muitas dessas pessoas, quando chegaram lá em cima, esqueceram que tinham que fazer para o povo pobre aquilo que o Estado



brasileiro tinha feito para o povo rico, que era permitir que ele tivesse escola para estudar.

Obviamente, nós tivemos a sorte de montar uma equipe boa, mas é importante vocês saberem que não faz muito tempo, em 1998, foi feita uma lei... Pasmem, companheiros deputados e prefeitos, em 1998 foi aprovada uma lei no Congresso Nacional, tirando do governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico profissional e passando para convênios com ONGs, com prefeituras, com sindicatos, o que na teoria é muito bonito, mas na prática é preciso dinheiro e responsabilidade para a gente fazer o que nós estamos fazendo. E quero de público agradecer aos prefeitos brasileiros, porque onde nós estamos fazendo escolas... Vocês viram aí Uruaçu. Em Uruaçu, a prefeita saiu da sede da prefeitura e deu a sede da prefeitura para a gente fazer a escola, porque era o melhor prédio da cidade. E nós fizemos lá. Se os prefeitos não contribuírem com terreno, ou com prédio existente, fica muito mais difícil e demora muito.

Por isso, eu gostaria – e agora, falando diretamente para os estudantes – que vocês não jogassem essa oportunidade fora. Deus não dá muita chance a quem não aproveita as chances que ele dá. Estudar agora, sobretudo para as meninas, significa ser independente. Quando vocês, amanhã, se casarem, vocês vão morar com um homem porque o amam e gostam dele. Vocês não vão morar com eles porque eles dão um prato de comida para vocês. Vocês não vão morar com eles... E não vão aguentar desaforo, porque muitas mulheres sofrem neste país porque não trabalham fora, não têm salário e ficam dependendo de o marido levar o salário. Uma mulher independente é outra história, é outra história. Muitas vezes, ela ganha mais do que o marido, e é o marido que fica pedindo dinheiro para ela.

A segunda coisa importante, para os meninos. Vocês sabem que quem não tem uma profissão sai pelo Brasil afora procurando emprego e tem dificuldade de procurar [encontrar] emprego. Quem não tem profissão, vai



ganhar salário mínimo, que nós já aumentamos 57%, mas que é pouco. Com uma profissão, assinada na carteira profissional e com diploma técnico na mão, em qualquer lugar do Brasil que chega um jovem – um homem ou uma mulher – com seu diploma na mão e com a carteira profissional, dizendo que ele é técnico em alguma coisa, a chance do emprego é infinitamente melhor e o salário é infinitamente melhor.

Eu digo sempre para todo mundo: por conta de ter um curso – eu tenho oito irmãos – por conta do meu curso, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu fui o primeiro a ter uma casa própria. Só porque eu tinha um curso e eu ganhava mais do que os meus irmãos. Portanto, vocês precisam aproveitar. Se vocês não sabem ainda, eu posso dizer para vocês: o pai e a mãe de vocês, todos os dias, quando encostam a cabeça no travesseiro para deitar, certamente agradecem a Deus o fato de vocês estarem estudando em uma escola técnica profissional e, em muitas delas, combinando o curso técnico com o curso superior.

Isso é uma coisa sagrada que muita gente no Brasil não teve. E eu não estou dando isso para vocês não. É obrigação. É obrigação do Estado, porque o Estado não produz dinheiro, o Estado arrecada, e o compromisso do Estado é devolver para o povo, em forma de benefício, o dinheiro que ele arrecada da população, da indústria e da economia.

Queria dizer para vocês que era muito difícil a gente cobrar uma educação melhor, tendo professora neste país ganhando R\$ 250 no interior deste país. Uma professora que entrava em uma sala de aula com 40 alunos que, muitas vezes, iam para a escola só para ganhar um prato de comida, que não tinham nenhuma orientação em casa.

Nós conseguimos aprovar o piso salarial de R\$ 950. Deixa eu contar uma coisa para vocês: eu compreendo a situação de muitos prefeitos e de vários governadores, porque não estavam preparados para pagar isso. Agora



todos eles sabem que vão ter que pagar. Tem prefeito pequeno que não estava acostumado, e quando a gente (incompreensível) o salário mínimo para R\$ 450, tem muitos prefeitos que ficam em uma situação difícil, porque pagar R\$ 450, para uma prefeitura pequena, é muito difícil, é muito complicado. Mas eu também não posso deixar de aumentar por conta da conta da prefeitura. É importante que os prefeitos comecem a discutir novas formas de arrecadação de dinheiro para a prefeitura e, mesmo assim, o dinheiro do Fundeb ajuda a pagar o salário que é o piso dos professores.

Nós temos uma decisão de vida, meu filho. Nós temos uma decisão de vida: quem vier governar este país depois de mim, quem vier, o paradigma mudou. Então, quem quiser fazer mais escolas técnicas do que eu, vai ter que fazer mais do que as 214 que eu estou fazendo. Quem quiser fazer casa, vai ter que fazer mais casas do que eu estou fazendo. Eu vou ficar rezando e vou pedindo a Deus, que no final do mandato da pessoa que vai ser eleita... Vou ficar pedindo a Deus que, quando terminar o mandato dela, ela possa me chamar e disser assim: “Lula, eu fiz muito mais do que você. Eu fui muito mais competente do que você. Eu cuidei dos pobres mais do que você, eu paguei salário mais do que você”. Eu vou ficar feliz. Porque é isso que eu acho que tem que acontecer no Brasil.

Sabem por que está acontecendo isso? Porque em uma reunião ministerial, eu proibi de falar em gasto com Educação. Eu proibi de falar em gasto. Educação é investimento, e é um investimento que tem um retorno extraordinário, que tem um retorno mais do que qualquer outro empreendimento. É por isso que neste ano nós vamos inaugurar cem escolas técnicas, no ano que vem vão ter 50 para inaugurar, e aí termina a primeira fase. Mas se a gente abrir um novo edital agora, vão aparecer mais de 500 cidades querendo novas escolas técnicas. Só aqui neste palanque tem uns três prefeitos reivindicando escolas técnicas.



Quando a gente contrata professores, vocês pegam as manchetes dos jornais: “Lula faz gastança com pessoal”. Vocês já viram isso? O que é gastar com pessoal? Se a gente quiser melhorar a vida dos trabalhadores, nós temos que dar aumento de salário para eles; se a gente quiser melhorar a Saúde, tem que contratar médicos, tem que contratar enfermeiras; se a gente quiser melhorar a Polícia Federal, tem que contratar gente; se a gente quiser melhorar o Ibama, tem que contratar gente; e se a gente quiser melhorar a Educação, tem que fazer o quê? Tem que contratar professores e técnicos para trabalhar na Educação. No Brasil, eles nem repunham os aposentados. No Brasil, eles estavam habituados a, se se aposenta um professor, eu não coloco alguém no lugar dele, e vai diminuindo, vai piorando a qualidade. Nós, não. Quem quiser me criticar, que critique. Quem achar que vai fazer campanha contra mim, falando que eu estou contratando gente, pode falar, porque é com muito orgulho que eu vou contratar milhares de professores, milhares de médicos, milhares de assistentes, porque o serviço público federal oferecido à população era de péssima qualidade.

Eu vou contar uma coisa para vocês. Há quanto tempo vocês não ouvem um radialista falar nas filas do INSS? Faz quanto tempo que vocês não ouvem as rádios falarem: “tem fila no INSS, está cheio de filas”. Sabem por quê? Eu trabalhei no Sindicato, cuidando de aposentadoria, de 1972 a 1975. Naquele tempo, eu dava entrada no pedido de aposentadoria de um trabalhador, o trabalhador levava todos os documentos, eu fazia a contagem, ia ao INSS e dava entrada. Às vezes demorava dois anos para o trabalhador receber o primeiro pagamento. Sabem em quanto tempo um trabalhador se aposenta hoje? Em 30 minutos. E a partir de junho todo trabalhador ligado à Previdência Social, Alcides, vai receber um comunicado na casa dele. Ele não tem que apresentar nenhum documento. É a Previdência que vai mandar um recado para ele, dizendo o seguinte: senhor Luiz Inácio Lula da Silva, o senhor já completou o seu tempo de contribuição. O senhor já tem direito à



aposentadoria e o seu salário vai ser de tanto. Se você quiser, procure a agência para você se aposentar. Uma mulher gestante demorava de 90 a 120 dias para receber o auxílio maternidade. Hoje ela recebe em 20 minutos.

Vocês estão lembrados da perícia médica da Previdência Social? A perícia médica... O governo passado, por conta de uma greve dos médicos, acabou com a perícia médica e terceirizou. Aí o trabalhador ia a um médico, precisava de um especialista, demorava, às vezes, oito meses, seis meses. Se a gente pudesse pedir para doente esperar, tudo bem, mas a doença vai comendo a gente, a gente não pode esperar.

Aí nós criamos um sistema, contratamos mais de 3 mil médicos. Sabem quanto tempo demora hoje para marcar uma perícia médica? Cinco dias. Se alguém quiser fazer um teste, quando chegar em casa ligue para o número 135. Ligue para o número 135 para ver quanto tempo vai demorar para marcar. Se vocês forem ligar, vocês vão mentir, porque ninguém aqui está precisando de perícia médica. Mas se alguém quiser fazer a experiência pode chegar em casa e ligar 135. Tem que estar com os documentos na mão, porque eles vão pedir documentos. Se demorar mais de cinco dias, na outra vez que eu vier aqui, vocês venham aqui e digam que eu sou mentiroso. Por que sabem o que significa isso? Respeito ao povo brasileiro, respeito a quem trabalhou a vida inteira e, quando se aposenta, não pode ser tratado como se fosse um cidadão de terceira categoria, como se fosse uma pessoa imprestável. E isso nós queremos fazer com a Educação.

Vocês viram a manchete? Esses dias, eu estava até viajando... quando cheguei, ontem à noite, liguei para o Fernando Haddad. “O Tribunal de Contas pegou um grupo de alunos do ProUni que tem carro de luxo”. E aquilo já fez um escândalo. Primeiro, eu agradeço o fato de a imprensa ter publicado a notícia. Segundo, eu agradeço o fato de o Tribunal de Contas ter feito uma perícia e ter encontrado, porque são quase 400 mil. Se mil errarem, está dentro da margem do admissível em qualquer igreja do mundo.



Agora, pode ser que parte desses jovens, quando entraram no ProUni, há três anos, preenchem as necessidades, e pode ser que esses jovens melhoraram de possibilidade e puderam comprar um carro no ano passado ou este ano. É preciso que a gente não faça acusação sem antes detectar o que aconteceu na vida das pessoas. Se alguém enganou a universidade, ou pensa que está enganando o governo, vai cair do cavalo, porque a gente agora vai investigar. Se tiver alguém que não tem direito de receber uma bolsa, essa pessoa vai ter que perder a bolsa, apesar de eu defender que, seja pobre ou rico, todos teriam obrigação de ter escola garantida pelo Estado. Todos, porque todos pagam impostos neste país. Mas isso nós vamos investigar, porque para nós é uma coisa extremamente importante.

Quando o Fernando Haddad falou para mim: “Presidente, nós vamos ter que cuidar de creche, vamos ter que cuidar de creche também”. Já estamos com quantas creches? Já estamos com 1.500 creches que a gente vai instalar, em parceria com os prefeitos, para que a gente possa cuidar das crianças, sobretudo daquelas mães mais pobres que ganham muito pouco e que não podem pagar alguém para tomar conta. Nós vamos construir as creches nas cidades para que uma criança pobre, quando entrar na escola, saiba o tanto que uma criança mais rica. Nós tínhamos um defeito: a criança mais rica fazia pré-escola. Quando completava sete anos, entrava na escola, sabia mais que um pobrezinho que entrava diretamente, com sete [anos], na escola. A outra já sabia pegar um lápis, já sabia, às vezes, escrever o nome, desenhar alguma coisa. O coitadinho pobre não sabia nada, porque a mãe também não sabia ensinar.

Então, nós resolvemos criar o Plano de Desenvolvimento da Educação, para garantir [que] todos vão entrar na escola a partir dos seis anos de idade e garantir, da creche até o ensino ..., igualdade para todo mundo. É o meu sonho, e o Brasil será justo no dia em que estiverem sentados em um banco de escola a filha da empregada doméstica e a filha da patroa. Aí, este país estará



sendo justo e estará cumprindo... Não porque caiu a qualidade, [mas] porque melhorou a qualidade para todos. É exatamente na Educação onde o governo tem que dizer que todos são iguais. É na Educação onde todos têm que ter igualdade de tratamento. Pode ser preto, pode ser branco, pode ser católico, pode ser evangélico, pode ser ateu, pode ser torcedor do Itumbiara, pode ser do Corinthians, todos têm direito a uma Educação de qualidade.

Eu quero fazer justiça a este moço aqui. Este moço jamais pensou em ser Ministro da Educação. Ele era economista, e economista é doido só para falar em números. Ele foi para o Ministério da Educação, com a saída do Tarso Genro, e eu posso dizer para vocês que eu duvido que um dia um presidente da República teve um ministro da Educação da qualidade que eu tenho: o companheiro Fernando Haddad. Isso nós devemos a ele, o ProUni nós devemos a ele, o Reuni nós devemos a ele. Eu apenas mando fazer, mas a idéia é dele. Então, eu acho que isso nós vamos continuar fazendo, companheiros, porque nós vamos mudar a história deste país definitivamente.

Eu quero me despedir de vocês, dizendo a todos vocês, outra vez: pelo amor de Deus, não percam a oportunidade de estudar. Não traiam, pensando que são espertos – o pai ou a mãe de vocês – saindo de casa “vou para a escola”, e não vão para a escola. Eu, quando deixar a Presidência, vou vir para cá andar com um chinelo para saber quem é que está cabulando aula aqui, porque é sagrado o direito de estudar. Não joguem isso fora, pelo amor de Deus.

Vocês, do Peti, vocês, também, muita dedicação. Muita dedicação, porque eu sei que o prefeito cuida de vocês bem e, para nós, cuidar da criança é cuidar do futuro deste país.

Um abraço. Que Deus abençoe a todos vocês. Parabéns, Prefeito. Parabéns, Governador. Parabéns, deputados. E até a próxima escola técnica que nós vamos inaugurar.

Um abraço, gente.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(S211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Conjunto Habitacional Cidadão**

Manaus-AM, 27 de abril de 2009

Companheiros e companheiras do estado do Amazonas,

Companheiros e companheiras de Manaus,

Meu querido companheiro governador do estado, Eduardo Braga,

Meu querido prefeito de Manaus, Amazonino Mendes,

Companheiros ministros que me acompanham nesta delegação: Alfredo Nascimento, dos Transportes; Marcio Fortes, das Cidades; e a nossa companheira Márcia, que é a secretária executiva do Ministério da Saúde,

Quero cumprimentar o nosso vice-governador,

Quero cumprimentar os deputados estaduais, os deputados federais, os senadores,

E dizer para vocês da alegria imensa de estar outra vez em Manaus. Alegria de poder entregar a chave de uma casa humilde para um trabalhador humilde deste país e desta cidade.

Quando eu estava entregando a chave da casa para o Gilberto... Não sei se vocês perceberam, o Gilberto é portador de deficiência visual. Ele não enxerga. Eu me lembro, Gilberto – eu fui visitar uma casa – da primeira casa que eu adquiri pelo Sistema Financeiro da Habitação. Era uma casa que tinha três quartos de 3x3 metros, mais uma sala e um banheiro. Ao todo, a casa tinha 33 metros quadrados. Foi lá que eu e Marisa compramos a nossa primeira casa e, dessa casa, pelo fato de ela ter um terreno de 123 metros quadrados, eu pude, ao longo de dez anos, ir construindo, tijolo por tijolo... Fiz um sobrado, fiz uma varanda e a minha casa ficou parecendo uma casa chique, que nem era [parecia] uma casa popular de uma pessoa que não podia pagar uma grande prestação.



Estas casas aqui são pequenas, elas têm 38 metros. Mas elas têm um terreno de 116 metros quadrados. Portanto, um terreno igual ao da casa em que eu morava no Jardim Lavínia, lá em São Bernardo do Campo, a mais ou menos 1.500 metros de onde fica a Volkswagen. Lá nasceram todos os meus filhos, e lá eu criei... Nessa casa pequena eu criei meus quatro filhos homens, que nasceram nessa casa.

Eu sei que um ser humano tem algumas paixões. A minha era uma casa, porque a casa é a segurança, a casa é o lugar onde a gente tem certeza que vai criar os filhos da gente. A casa é o abrigo mais nobre que uma mulher e um homem querem para os seus filhos. É a proteção, é a garantia de que as pessoas conquistaram cidadania. É a garantia de que as pessoas vão ter um endereço, vão ter um número de casa, e é a certeza absoluta de que as pessoas não vão ficar peregrinando de vila em vila, de bairro em bairro onde, muitas vezes, o carteiro não consegue nem descobrir onde as pessoas moram.

Queria que vocês compreendessem o que está acontecendo no Brasil neste momento. Durante mais de 20 anos, este país ficou perdido nas mazelas administrativas e econômicas. Este país não crescia, este país não gerava emprego, este país não construía casas, este país não dava tratamento ao saneamento básico, e este país foi ficando atrofiado. O número de pobres foi se espalhando pela periferia, e os ricos foram comprando apartamentos cada vez mais altos, com medo dos pobres que moravam lá embaixo, espalhados pelas regiões metropolitanas dos grandes centros brasileiros. Era preciso colocar um fim nisso, e era preciso construir as bases para que a gente pudesse começar a mudar este país.

Vocês se lembram quando, em 2003, eu cheguei à Presidência da República. Alguns torciam para que nada desse certo, alguns mostravam todo o seu preconceito. Se os doutores não conseguiram salvar este país, como é que um retirante nordestino, que só tem quatro anos de escolaridade e um curso do Senai, vai querer consertar o país que os doutores não conseguiram



governar? Essas pessoas se esqueceram de alguns ingredientes básicos na nossa passagem pela Terra, essas pessoas se esqueceram dos ingredientes mínimos que um ser humano tem que dar para poder vencer na vida. E essas pessoas não percebem: a gente não governa este país e nenhum país do mundo, se a gente tentar utilizar apenas os números que a gente aprende na universidade, se a gente ficar discutindo o “economês do economês”, se a gente ficar teorizando as histórias que a gente ouve. Este país só vai dar certo, e só está dando certo porque a gente não nega os números, a gente não nega os fatos. Este país não pode ser governado apenas com a inteligência da cabeça, mas tem que ser governado com o sentimento do coração dos nossos governantes.

O povo não é um número estatístico. Não basta a gente saber que este país tem pobres, não basta a gente saber que eles passam necessidades. É preciso a gente ir a fundo e conhecer a alma da nossa gente, é preciso ir a fundo e olhar nos olhos de cada mulher, de cada criança. Está escrito na Constituição: todos têm que ser tratados em igualdade de condições, todos têm direito a uma moradia, todo mundo tem direito à educação. Por que isso nunca foi feito? Porque este país sempre foi governado para 35% da população. Este país, durante um século, foi governado apenas para 35% da população, da classe média alta para a classe média rica, da classe média rica para os mais ricos. E o que aconteceu? Os pobres foram ficando mais pobres.

Eu me lembro, meu caro governador do Amazonas, meu caro prefeito, companheiros deputados, que em 1970 São Paulo só tinha duas favelas, duas favelas. Hoje São Paulo tem mais de 2 milhões de habitantes morando em favelas. O Rio de Janeiro era a cidade maravilhosa, e hoje o Rio de Janeiro está cercado por favelas. Manaus construiu a chamada Zona Franca. Poderia ter se transformado na cidade mais extraordinária, mas como não teve desenvolvimento no interior, o povo do interior veio para Manaus, e Manaus também se transformou em uma cidade caótica do ponto de vista



administrativo, porque as pessoas pararam, começaram a ir morar nas encostas dos igarapés, as pessoas passaram a morar em lugares inadequados.

Vamos ser francos: a classe política também tem culpa. Não é apenas o pobre que invadiu. É porque tem vereadores, tem prefeitos, tem deputados que fazem campanha, incentivando as pessoas a morarem em lugares inadequados. Isso vale para cá, vale para São Paulo, vale para Pernambuco. Passou a haver uma relação de desrespeito à dignidade do ser humano, e fomos levando os pobres a viverem um processo de degradação. Mulheres e homens morando com seus filhos em quartos de 3x3 metros. Ali faziam as suas necessidades fisiológicas, ali cozinhavam, ali faziam sexo, ou seja, era a promiscuidade na família por falta de espaço, por falta de respeito.

Eu sei que nós ainda estamos longe de fazer as mudanças que precisam ser feitas, mas se a imprensa quisesse me ajudar e se a imprensa fosse pesquisar, iria perceber que, nesses seis anos de governo, a Caixa Econômica investiu mais em habitação do que em tantas décadas passadas, em que não se construía habitação neste país. Se quiserem pesquisar, para mostrar a verdade, nós vamos ver quanto foi investido para cuidar do esgoto deste país, para coletar o esgoto e fazer saneamento básico. Em 2002 foram liberados apenas R\$ 262 milhões e não tinha continuidade. Em um ano, colocava-se 200 milhões, e passavam-se três anos sem colocar nada. [Para] cuidar de saneamento básico, tem que ter um processo de continuidade, a cada ano colocando um pouco para que a gente não pare nunca mais.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu sei o quanto nos achincalharam quando eu criei o Bolsa Família. Alguns diziam: “O que o Lula está fazendo é assistencialismo, o que o Lula está fazendo é populismo. Para quê dar R\$ 80, R\$ 70?” É verdade. Para um rico, que dá R\$ 100 de gorjeta depois de tomar uísque em um restaurante bom, não vale nada. Mas para uma mãe de família, pobre, da periferia, pegar R\$ 80



e ir ao supermercado, ela vai comprar as calorias e as proteínas necessárias para sustentar o seu filho durante 15 ou 20 dias.

Eu me lembro – e eu estou dizendo aqui porque estou no meio dos pobres – de quando eu criei o ProUni. Quando eu criei o ProUni, alguns diziam: “O Lula está querendo que pobres da periferia entrem na universidade, ele vai rebaixar o nível da Educação, ele vai rebaixar. O nível tem que ser alto.” Conclusão: depois de três anos foi feita uma avaliação. Os melhores alunos, em 15 matérias, eram exatamente os estudantes pobres da periferia deste país, que tiveram a oportunidade de entrar em uma escola.

Quando eu entrei neste governo, o governo gastava R\$ 2 bilhões com a agricultura familiar. Hoje nós gastamos... Gastamos coisa nenhuma, investimos R\$ 13 bilhões. Quando eu entrei neste país, no governo, sabem qual era o crédito disponível para o País inteiro? Sabem quanto o País tinha de crédito, o Brasil inteiro? Trezentos e oitenta bilhões de reais. Hoje, só o Banco do Brasil, tem o tanto que o Brasil tinha há seis anos, e o Brasil hoje tem mais de 1 trilhão e 400 bilhões de crédito.

O dado concreto... Você, também, não pode falar. Você falou que “o cara” era o Eduardo. Agora, eu sou “o cara”? Deixem-me falar. Na verdade, quem são “os caras” são vocês, porque vocês têm paciência, porque vocês aprenderam a esperar e, sobretudo, porque vocês aprenderam a acreditar. Vocês aprenderam a saber quem fala a verdade olhando nos olhos de vocês, e quem mente, descaradamente, às vésperas de cada eleição, prometendo... Quando eu tomei posse, a primeira coisa que eu fiz, a pedido desses companheiros, foi elevar a Zona Franca até 2023, porque ia acabar em 2013. Tem gente que não gosta, porque acha que é fazer favor para o Amazonas. Só não gosta da Zona Franca quem nunca pôs os pés aqui neste estado. Somente assim...

Mais recentemente, este rapaz me telefona e fala: “Presidente, a fábrica de motos está mandando gente embora. Precisamos dar um jeito.” Nós demos



jeito em uma semana. Reduzimos PIS e Cofins das motos para que se venda mais motos, para que em São Paulo, no Rio de Janeiro, lá em Pernambuco, a gente possa andar nas motos e dizer: esta aqui foi feita por um cabra ou uma mulher do estado do Amazonas.

Agora, companheiros e companheiras, hoje eu vim aqui por um motivo muito especial. Há muito tempo eu venho pedindo para o Eduardo, eu queria visitar a Colônia Antônio Aleixo. Na verdade, o Eduardo dizia para mim: “Lula, pelo amor de Deus, não fale hanseníase, porque o pessoal não gosta que fale hanseníase.” Hanseníase, para nós, mais velhos... antigamente era chamada de lepra. Lepra foi a primeira doença que fez com que os donos do poder marginalizassem os leprosos, confinados em ilhas, em guetos, em lugares que ninguém poderia chegar.

Eu vim hoje visitar, abraçar cada mulher e cada homem, dar um beijo em cada um, para eles saberem que quando eu falo que sou presidente de todos é porque eu quero tratar um banqueiro com respeito, quero tratar um grande empresário com respeito, mas a minha prioridade é tratar aquele meu irmão mais necessitado, aquele que teve menos sorte na vida, para ele sentir que o Estado está do lado dele. Ele tem que sentir que o presidente da República, da mesma forma que estica a sua mão para pegar na mão da Rainha da Inglaterra ou do presidente Obama, ele estica a mão para pegar em um companheiro hanseniano, um companheiro que não tem mais os membros, com o mesmo respeito, com a mesma dignidade. É assim que a gente vai criar o mundo justo que todo mundo sonha e que todo mundo quer.

Eu estou aqui hoje – o Eduardo já falou, a Dilma já falou – mas eu estou aqui porque, uns três meses atrás, eu chamei o ministro Guido Mantega, chamei a ministra Dilma e falei: eu quero construir um grande programa habitacional. Aí, fomos conversar, primeiro, com os empresários que sabem fazer. Aí os empresários falaram para a Dilma, não para mim: “Olha, nós temos capacidade de fazer 200 mil casas, e olhe lá”. Eu falei para a Dilma: 200 mil



casas eu não quero. Aí, chamamos o Guido Mantega. O Guido Mantega: “É, Presidente, acho que dá para fazer 500 mil.” Eu falei: nem 200 e nem 500 mil. Nós queremos fazer 1 milhão de casas populares neste país, privilegiando as pessoas que ganham de 0 a 3 salários mínimos, em primeiro lugar. Depois, privilegiando as pessoas que ganham de 3 a 5, depois fazendo casas para os setores médios, de 6 a 10. Aí, chamamos os governadores, para discutir com todos os 27 governadores. Depois chamamos os prefeitos das capitais para discutir com os 27 [governadores]. Depois chamamos as centrais sindicais, depois chamamos os trabalhadores rurais, e depois chamamos os companheiros que cuidam de moradia neste país, todas as centrais do movimento popular, para que a gente possa...

É um desafio. Não é uma coisa fácil construir 1 milhão de casas e dar garantia de que as pessoas vão pagar de R\$ 50 a R\$ 150 de prestação, dar garantia de que um trabalhador que ganha até 3 salários mínimos, se perder o emprego, ele pode ficar até três anos sem pagar a casa, passando a prestação para o final, para não perder a sua casa. Quem ganha acima disso, pode ficar quatro meses e quem ganha até dez [salários mínimos], pode ficar até 12 meses. O mais importante é que enquanto o cidadão não receber a chave da casa, ele não paga nada. Hoje, qual é a dificuldade? A pessoa mora em um barraquinho, paga R\$ 200 ou R\$ 300 de aluguel. Aí ela vai comprar uma casa, são mais R\$ 200 de prestação, e ela não tem como pagar. Então, agora ela só vai pagar quando receber a chave da sua casa para ela entrar.

Isso não vai resolver todos os problemas, porque ainda tem muito mais para a gente fazer. Mas se a gente aprender – e os movimentos de moradia têm um papel importante – junto com os movimentos, junto com os empresários, junto com os governadores, junto com os prefeitos, junto com a Caixa, a fazer 1 milhão de casas em dois anos, podem ficar certos de que quem vier depois de mim vai ser obrigado a fazer 2 milhões de casas ou muito mais.



Eu acho, companheiros e companheiras, que a hora é de trabalhar. Vocês estão vendo uma crise econômica na televisão, de manhã, à tarde e à noite. É a primeira crise que não acontece nos países pobres. Essa crise aconteceu onde? Nos Estados Unidos e na Europa. De vez em quando eu falo que estou rezando mais pelo Obama do que por mim, porque o Obama é presidente do país mais rico do mundo, mais poderoso do mundo, e ele está com um pepino muito maior do que o pepino que eu descasquei em 2003. Eu também não sei se todo mundo gosta de pepino, porque pepino é pouco digestivo. Como muitas vezes eu não tinha o que comer e pepino era uma solução, eu aprendi a digerir pepino. Eu estou pedindo a Deus que o Obama digira os pepinos dele, para que o Brasil possa [ficar] melhor. Uma coisa eu vou assegurar para vocês - eu, este companheiro, os meus ministros: é que o povo pobre não pagará por essa crise. Essa crise não foi causada pelos pobres do mundo, essa crise foi causada pelos ricos, pelos banqueiros. É por isso que nós estamos fazendo todo o esforço do mundo, é por isso que a gente está reduzindo impostos, é por isso que a gente está incentivando a produção. É porque nós queremos garantir empregos, porque o emprego garante o salário, porque o salário garante o poder de consumo e porque tudo isso faz a roda da economia funcionar e não parar nunca.

É por isso que eu estou feliz, porque eu vim hoje aqui ver a ponte lá no rio Negro. Aquela ponte que tem 2 mil trabalhadores trabalhando ali para fazê-la funcionar, e estão trabalhando em mais de um turno. É por isso que nós vamos visitar o porto, onde está [sendo feito] também um porto decente para receber as balsas que vêm das outras cidades. É por isso que viemos aqui, há pouco, visitar um hospital que está com cheiro de tinta, novinho, e vai começar a funcionar. Deus queira que nunca tenha um doente para ir lá, Deus queira que nunca tenha, mas se tiver, que tenha médicos preparados para cuidar dele.

É por isso, meus companheiros, que eu estou aqui agora entregando



duzentas e poucas casas, 500 casas. Eu fui ali numa casa, tinha até um café gostoso, e eu falei: como é que eu posso tomar café, se o povo está lá, sem tomar café? Como é que eu vou encher o meu bucho, se o povo está de bucho vazio? O Eduardo, não, o Eduardo comeu em algum lugar, antes de chegar aqui.

Agora, companheiros, hoje é um dia feliz para mim, é um dia feliz. Primeiro, porque eu sou um homem que tem muita fé em Deus, eu sou um homem que acredita. E tem uma razão para eu acreditar em Deus, é que de vez em quando eu fico procurando explicação de como é que o Lula chegou à Presidência da República do Brasil. Eu fico pensando: eu nasci no Nordeste, não tive grandes estudos. Eu [fico] pensando: este país era governado por advogados, por médicos, por empresários, por fazendeiros. De repente, chega um torneiro mecânico, que perdeu três eleições, e ganha! Eu só posso dizer, Eduardo: tem o dedo de Deus nessa coisa, tem. E ainda eu posso dizer, sem medo de errar: o Amazonino foi governador por três mandatos. Você conviveu com Collor, você conviveu com quem quer que você tenha convivido. Eu duvido, e falo sem medo de errar, que tenha tido na história do estado do Amazonas, algum governador que tivesse a relação com o governo federal, que tem esse companheiro, duvido. E não é apenas o Eduardo Braga, são todos os governadores do país, porque eu não trato o povo por conta do governador, não trato. E não trato o povo por conta do prefeito. O prefeito pode ser de qualquer partido, não me importa. Se eu tiver que fazer um acordo com ele, eu faço, porque eu não quero dar vantagem ao prefeito ou ao governador. O que nós queremos é que esse povo saia da miséria em que ele foi (incompreensível) durante um século e meio.

Por isso, meu querido Eduardo, meu querido ministro Alfredo... O Alfredo, agora, tem um compromisso conosco, que é fazer a BR-319. E não é um compromisso dele, é um compromisso nosso. É uma questão de honra para nós poder ir de carro daqui para Porto Velho, sem precisar ficar dias, de



barco.

Então, meus queridos e queridas companheiras, eu quero me despedir porque as pessoas... eu não vou nem falar do gol do Ronaldão, ontem, não vou falar. Mas eu vou falar uma coisa para vocês: eu fui pego pela televisão, no sábado à noite, [com] esta moça aqui - no Jornal Nacional, no Hospital das Clínicas de São Paulo - dizendo que ela vai ter que fazer um processo de quimioterapia para evitar uma futura doença mais grave, no futuro. Eu não vou entrar em detalhes. A única coisa, Dilma, que eu te peço, que você olhe com atenção: olhe na cara deste povo. Este povo não perde a esperança nunca. Se você não rezava toda noite, você agora trate de começar a rezar, porque este povo vai precisar muito de você daqui para a frente e você vai ter que fazer muita coisa por este povo. Portanto, eu quero dizer para vocês, para dizer para a Dilma na frente de vocês: Dilma, não há nada que te faça esmorecer. Se a gente tiver fé em Deus e se a gente acreditar nos ideais, qualquer que seja a doença, a gente leva ela aos trancos e barrancos e a gente consegue derrotá-la. E este povo merece te ajudar a derrotar essa doença.

Meu querido companheiro, um grande abraço, um grande beijo, que Deus abençoe todos vocês, e até a próxima visita ao Amazonas e a Manaus.

Um abraço.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de entrega de títulos de regularização fundiária, lançamento do Plano das Cadeias da Sociobiodiversidade e assinatura do Compromisso Mais Amazônia pela Cidadania com os governadores da Amazônia Legal

Manaus-AM, 27 de abril de 2009

Meu caro companheiro, governador do estado do Amazonas, governador Eduardo Braga,

Companheiros ministros que me acompanham,

Companheira Dilma Rousseff, da Casa Civil,

Alfredo Nascimento, dos Transportes,

A Márcia Bassit, interina da Saúde,

A Izabella Teixeira, interina do Meio Ambiente,

O Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

O Marcio Fortes, das Cidades,

O companheiro Mangabeira Unger, da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

O companheiro Paulo Vannuchi, da Secretaria de Direitos Humanos,

Quero cumprimentar o Omar Aziz, vice-governador do Amazonas,

Quero cumprimentar o deputado Belarmino Lins, presidente da Assembléia Legislativa do Amazonas,

Quero cumprimentar a nossa querida governadora Ana Júlia Carepa, do Pará,

Ivo Cassol, de Rondônia,

Marcelo Miranda – que teve que sair – do estado de Tocantins,

Waldez Góes, do estado do Amapá,



José Anchieta, do estado de Roraima,

Quero cumprimentar os vice-governadores César Messias, do Acre, e João Alberto Souza, do Maranhão,

Quero cumprimentar os senadores Jefferson Praia e o companheiro João Pedro, e Alberto [Augusto] Botelho,

Quero cumprimentar os deputados federais Átila Lins, Dalva Figueiredo, Gladson Cameli, Lupércio Ramos e Rebecca Garcia,

[Quero] cumprimentar, também, a companheira Vanessa Grazziotin,

Quero cumprimentar o prefeito da capital, Amazonino Mendes,

Quero cumprimentar o ministro Gilson Dipp, Corregedor Nacional de Justiça,

Quero cumprimentar o embaixador, presidente do Conselho de Direitos Humanos da ONU,

Quero cumprimentar o presidente do Incra,

Quero cumprimentar os presidentes de associações estaduais de municípios da Amazônia Legal,

Quero cumprimentar a nossa querida Flávia Grosso, superintendente da Suframa,

Quero cumprimentar o companheiro Manoel Cunha, presidente do Conselho Nacional de Seringueiros,

Quero cumprimentar os trabalhadores, as trabalhadoras e todos aqueles que trabalham com extrativismo na região da Amazônia,

Minhas amigas, meus amigos,

Companheiros da imprensa,

Companheiros prefeitos, deputados estaduais, secretários,

Todos os demais que eu puder cumprimentar, porque eu vou falar um pouco com vocês agora.

Toda vez que vou falar, que eu vejo dois microfones, é porque um deles



não está bom. Bom mesmo é falar apenas em um microfone, que as pessoas podem ouvir com uma certa nitidez.

Eu queria fazer alguns agradecimentos. O dia de hoje não é um dia pouco importante, não é um dia qualquer. É o dia em que nós começamos a mostrar que a virada para o povo da Amazônia começou, de forma irrevogável, não tem mais retrocesso.

Tudo isso começou há muito tempo, há muito tempo. Possivelmente, antes de nós, muitos outros companheiros brigaram, em toda a Amazônia, para que a gente pudesse garantir um pouco de legalidade a esta região.

Eu mesmo, já em 1979, era processado no estado do Acre pela morte do companheiro Wilson Pinheiro de Souza. Pelo fato de ter ido a uma assembléia, na cidade de Brasiléia, lá no Acre, em solidariedade ao Wilson de Souza, que tinha sido assassinado pelos latifundiários daquela época, eu fui condenado aqui no Tribunal de Manaus, a três anos e meio de cadeia, pela Lei de Segurança Nacional.

Pois bem, depois eu voltei outra vez. E aí, eu passei a visitar vários estados da região. Eu cheguei a usar até a poranga, que o seringueiro usa para entrar na floresta à noite. Eu tive contato com a nossa companheira Raimundinha, lá de São Miguel do Tocantins, companheira que, certamente, não veio hoje aqui porque parece que está doente, mas a companheira Raimundinha era o símbolo das quebradeiras de coco de babaçu da região. Eu me lembro de quantas vezes a gente discursava, defendendo a Amazônia e, muitas vezes, a nossa voz era tida como se fosse uma voz sem nenhum valor, sem nenhuma importância, porque estávamos falando aquilo que não sabíamos.

Até que um dia o companheiro Chico Mendes foi assassinado. Se o Chico Mendes não tivesse saído na imprensa americana, se ele não tivesse ganhado um prêmio da ONU, e a morte dele não tivesse sido publicada no *New York Times*, certamente ele teria morrido e passado despercebido por todos



nós, porque só quem ia dar uma notinha talvez fosse a Gazeta de Xapuri. Nenhum jornal de Rio Branco daria a matéria. Mas como ele ganhou importância internacional pela luta contra o desmatamento na Amazônia, então teve uma repercussão muito grande, o companheiro Chico Mendes, que foi assassinado no dia 22 de dezembro, ou 21 de dezembro de 1988. Vinte e dois de dezembro de 1988. Eu me lembro que estava no Rio de Janeiro e fui para o enterro do Chico Mendes. Eu estava de férias com a minha família, deixei a Marisa lá e fui para o enterro do Chico Mendes.

Eu acho que a morte dele simbolizou o começo de uma coisa nova neste país. Muito mais gente passou a ouvir falar dos seringueiros, as pessoas passaram a dar mais importância ao trabalho de um cidadão que comprava um burrico, que comprava um litro de querosene, que comprava um pouco de sal, um pouco de açúcar, um pouco de farinha e se metia no meio do mato por meses, às vezes, para quando voltar trazer a borracha que não dava nem para pagar o que ele tinha produzido. Mais grave: às vezes passava o dono da balsa vendendo produtos para ele comer, tomava todo o produto que ele tinha produzido, e ele voltava mais pobre do que tinha ido. Essas coisas aconteceram durante décadas e décadas neste país. O seringueiro parecia uma peça de museu, para quem as pessoas olhavam e falavam: “Esses não sabem o que estão fazendo”.

A história da humanidade está cheia de exemplos em que as coisas demoram a serem resolvidas muito mais tempo do que a gente gostaria, porque há todo um processo cultural, há um processo legislativo, há lei que tem que ser feita, há mudança que tem que ser feita para a gente poder ir consertando as coisas que estão erradas no Brasil.

Vejam vocês, não faz muito tempo, a gente começou a discutir a questão da Amazônia. Primeiro, começou com um projeto apresentado pela companheira Marina Silva, quando ministra do Meio Ambiente. Depois, eu constituí um grupo de trabalho que envolveu muitos Ministérios, envolveu o



Mangabeira, envolveu o nosso companheiro Guilherme, envolveu a Casa Civil, envolveu o Meio Ambiente, envolveu... não sei se os Direitos Humanos, mas envolveu muita gente. Depois que o pessoal preparou o primeiro projeto, eu escolhi um coordenador, que foi o companheiro Mangabeira. Depois ele conversou com todos os governadores da região da Amazônia e conseguiram produzir um documento que leva em conta o desenvolvimento da Amazônia. O desenvolvimento da Amazônia não pode ser visto por entidades do exterior como se a Amazônia fosse o santuário da humanidade, que é intocável, não se pode fazer nada.

Ao mesmo tempo, se nós não quisermos ter a Amazônia como santuário da humanidade, [onde] não se pode fazer nada, a gente não pode esquecer que aqui moram entre 24 e 26 milhões de pessoas, que vivem da Amazônia, que vivem da pesca, que vivem da floresta, que vivem da castanha, e que vivem de tudo o que se produz aqui. Nós não podemos nos esquecer. Então, isso aqui não pode ser um santuário.

Mas se é verdade que não pode ser um santuário, também não pode a Amazônia ser vítima de pessoas que tocam fogo em milhares e milhares de hectares de terra sem produzir nada, apenas para aumentar a sua propriedade. Não é possível! Então, não são corretos os dois extremos. Nesse projeto, nós apresentamos aquilo que é o caminho do meio, aquilo que é o bom senso, aquilo que querem os pobres, aquilo que querem os políticos sérios, aquilo que querem os intelectuais, aquilo que quer a imprensa, aquilo que querem as pessoas de responsabilidade.

Eu me lembro, na época da Constituinte, a guerra aqui neste estado, na televisão. Tinha até um jornalista de São Paulo, chamado Ferreira Neto, que trazia o programa dele para cá, e aqui, todos os dias era um debate: quem quer matar jacaré, quem não quer matar jacaré, quem quer matar jacaré... Era todos os dias: acaba com o jacaré, não acaba com o jacaré, acaba com o jacaré... Está lembrado, Amazonino? Era a discussão mais absurda do mundo. Mas,



durante todo o funcionamento da Assembléia Nacional Constituinte, esse debate aconteceu aqui neste estado. No Pará, se debatia o búfalo: mata o búfalo ou não mata o búfalo; o búfalo acaba com as florestas ou não acaba com as florestas. Eram invenções de meia dúzia de pessoas que perpassavam na cabeça de toda a sociedade brasileira, sem levar em conta o sentido da responsabilidade.

Então, o que fizeram esses companheiros na apresentação deste Plano? A coisa mais importante... Um dia, o Mangabeira entrou na minha sala e falou: “Presidente, nós temos a saída para a Amazônia acertada com os outros ministros, acertada com os governadores, mas tem uma condição, Presidente, tem uma condição sem a qual as outras não acontecerão. A condição é a regularização fundiária em toda a região da Amazônia”.

Eu vou dar um exemplo para vocês: outro dia, eu fui entregar títulos lá no Amapá. Está aqui o Valdez... O povo, em nenhum estado, era dono da terra. Noutro dia eu entreguei os títulos para Roraima. Em Roraima, nem a sede do governo era de Roraima. Não se podia plantar nada porque as terras eram da União. Oh, diabos! Se a União não mora lá, por que a União tinha que ser dona da terra e não passar as terras para o setor produtivo, para quem quisesse trabalhar e aí nós começamos a regularizar?

Vocês viram que eu assinei decretos aqui hoje dando poderes para este baixinho aqui, que é o ministro do Desenvolvimento Agrário, montar a equipe que quiser montar. Eu não quero mais desculpa. A partir de agora, os nossos prefeitos, os nossos trabalhadores rurais vão ter as terras regularizadas no município. Um cidadão que não tem um título, ele não pode sequer pegar dinheiro emprestado, ele não pode. O cidadão que não tem um título não é dono de nada. Ele pode plantar um pé de macaxeira e ver o cidadão falar: “Essa terra não é sua, vai embora”. Então, nós vamos regularizar, nós vamos legalizar a Amazônia, que era chamada de Amazônia Legal apenas para efeitos de mapa geográfico, mas do ponto de vista da propriedade, não era. E



nós agora queremos que cada um se sinta mais cidadão e cidadã aqui nesta região. Depois que a gente fizer isso, a gente vai estabelecer que não é proibido indústria de madeira na Amazônia, se o cara trabalhar com a madeira certificada, se o cara fizer o manejo correto da floresta.

Eu estou cansado de viajar o mundo e [ouvir] um monte de gringos dando palpite sobre a Amazônia. Nós temos que afirmar, cada vez mais, que isso aqui é nosso. Se eles já acabaram com a floresta deles, por favor, deixem a gente cuidar da nossa, à nossa maneira.

Então, o que nós fizemos aqui hoje é uma coisa muito sagrada. Primeiro porque nós vamos entregar títulos. Eu prometo a vocês uma coisa: nós, até o ano que vem... Podem gravar e anotar, podem gravar para me cobrar, porque eu vou vir muitas vezes aqui no ano que vem. No ano que vem eu estarei governando, mas também estarei ajudando algumas companheiras e alguns companheiros aqui neste estado. Pois bem, escrevam aí: nós vamos assentar, nesses próximos dois anos, o que não foi regularizado nos últimos 50 anos aqui. Nós vamos regularizar. Eu não sei se é possível a gente acabar. Os governadores estão todos de acordo, com exceção do Maranhão, que estava naquele processo de transição, que não foi possível pactuar com o governo, mas agora vamos pactuar. Mas o governo do estado, os prefeitos e o governo federal trabalhando juntos, nós vamos ter possibilidade de dar a cada pessoa o direito de ter a sua terra. O cidadão vai colocar o jumentinho na sua propriedade, e ele vai saber que ninguém vai cortar o rabo do jumento porque (falha na gravação) numa propriedade alheia. É dele a propriedade.

A segunda coisa: nós temos que aproveitar a riqueza da biodiversidade da Amazônia para fazer este estado e esta região, todos os estados amazônicos, ricos. Eu vi ali agora... como chama aquele perfume francês? Chanel. Meninas, Chanel é chique. Não sei quantos homens já conseguiram comprar um Chanel para dar de presente para suas esposas, mas é um perfume francês chique. Hoje tem melhores. Mas o Chanel é chique. Eu lembro



que quando eu viajava nos anos 80, ai de mim se não trouxesse um Chanel para a dona Marisa, ai de mim. Pois bem, esse Chanel é feito com essência de coisas aqui da Amazônia.

Quantos remédios são produzidos no mundo com coisas que nós temos aqui na biodiversidade amazônica? Quantas madeiras boas nós temos aqui, que se a gente fizer o manejo correto – corta uma e planta dez – a gente pode utilizar e ter madeira para o resto da vida, sem permitir que haja nenhum transtorno à Amazônia?

Ao mesmo tempo, este cheque que estas pessoas receberam aqui é muito importante, gente. Eu vou contar um número para vocês, para vocês caírem de costas: quando eu tomei posse na Presidência em 2003, Paulinho Vannuchi, todo crédito que o Brasil tinha, todo o crédito dentro do Brasil era de R\$ 380 bilhões. Hoje, o Banco do Brasil sozinho, tem todo o crédito que o Brasil tinha há seis anos, e hoje o crédito no Brasil já ultrapassou R\$ 1,4 trilhão. Não pensem que é emprestando dinheiro só para empresários. Vocês viram aqui, esse último companheiro pegou um cheque de 22 mil contos, R\$ 22 mil. Por quê? Porque nós dobramos o Pronaf de 2 bilhões para R\$ 13 bilhões. Perguntem para o governador quanto é que o Basa está emprestando aqui. O Basa estava quebrado. O BNB, do Nordeste, emprestou, em 2002, 262 milhões. Este ano vai emprestar R\$ 13 bilhões. Nós queremos mais crédito para mais gente pequena, para mais pequenos produtores, para cooperativas urbanas, e vamos regularizar também a terra urbana.

Meu companheiro Rolf está aqui do meu lado. Eu fui, esses dias, a Rondônia, fui lá em uma vila pobre. Cheguei lá e descobri que tem mais de 40 mil propriedades dentro da cidade, em terras da União, que as pessoas não têm o título. Se as pessoas não têm o título de sua casa aqui em Manaus, elas não podem tomar R\$ 10,00 emprestados na Caixa, porque não é delas o título. Nós também vamos resolver a questão do título urbano, porque sabem os nossos companheiros que nós temos que trabalhar linear – o nosso Ministério



do Planejamento mais a Secretaria de Patrimônio da União – para resolver esse problema de título, gente. Uma mulher ou um homem com um título de propriedade dos seus dez (falha na gravação) quadrados, vira gente (falha na gravação), vira proprietário.

Este país (falha na gravação) que veio aqui um homem da Justiça conosco. Como é que pode ter criança na vida que não é registrada, gente? Como é que pode? Nós também não queremos que uma pessoa, que tem que andar dez dias de barco para cá, seja responsável. Se o pobre não pode vir até o governador, até o prefeito, até o juiz, nós precisamos criar vergonha e ir até onde eles estão, para poder atender a essa gente.

Então, este ato aqui, meu querido companheiro Eduardo Braga, este ato, para mim, é um ato muito significativo, porque a partir de hoje, verdadeiramente, nós começamos a dar o pontapé para finalmente a gente resolver a questão fundiária em toda a região da Amazônia. Ninguém pode mais assistir a um ser humano deitado em um caixão porque um grileiro o matou pela disputa da terra. Vamos dar o título, porque assim a pessoa não tem mais que ser vítima.

Tem uma pessoa com uma plaquinha ali: “Cadê a BR-319?”. Foi o Alfredo que trouxe ela para (incompreensível): “319”. Olhe, essa rodovia é imprescindível. Nós vamos fazer essa rodovia, ela está em fase de acabamento no Ministério do Meio Ambiente. Ela já tem um pedaço feito, de Manaus para lá, e um pedaço feito, de Porto Velho para cá. Ela está apenas com o meio “meio entrouxado”, mas nós vamos “desentrouxar” esse pedaço e vamos fazer.

Se Deus quiser, daqui a alguns anos eu venho aqui e o Alfredo vai me convidar para me levar de carro até Porto Velho, passeando por essa estrada, tomando cuidado: não vamos pisar em nenhum calango, nenhuma perereca, nenhuma cobra. Tudo o que vier, a gente vai desviar. Mas o Brasil não pode deixar de se desenvolver por ignorância nossa. Nós queremos preservar, nós



queremos cuidar, mas todos nós temos o direito de fazer isso melhorando de vida, melhorando, tornando a vida da gente menos sofrível, menos judiada. Se não for essa estrada, quanto tempo o cara vai demorar para chegar até aqui? Três vezes mais, e vai ter que vir de barco. Só sabe o quanto é bom andar de barco porque nós, que moramos no Sul... Em Brasília, nós sabemos andar de barco lá no Lago Paranoá, que liga o motor e já atravessou. Mas eles não sabem o que é vir em um barquinho: toc, toc, toc, toc, toc... Eu sei porque fui de Belém a Cametá e fui de Belém a Baião, para fundar o PT. Eu sei porque peguei um barco aqui e fui até Belém, passando em dezenas de cidades. Eu sei disso, e eu sei o quanto custa vir a remo. Eu sei. Às vezes são 14, 15 dias, dona Dilma, para uma pessoa sair de uma cidade e vir para cá. E tem gente que não quer que faça uma “estradazinha”. Oh, meu Deus do Céu! Nós vamos fazer, pelo bem da Amazônia, pelo bem do povo e pelo bem do progresso.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês, e boa vitória.

(211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração do novo terminal de passageiros do aeroporto de Cruzeiro do Sul e cerimônia de assinatura de ordem de serviço de início das obras sobre a ponte do rio Juruá

Rio Branco - AC, 28 de abril de 2009

Eu, agora, tenho uma desculpa quando chegar em casa às duas horas da manhã. Quando a dona Marisa reclamar por que eu cheguei tão tarde, eu falo: foi o Binho Marques que falou bastante. Então, quando você encontrar com ele, desconte no Binho e não em mim.

Eu vou ser curto. Eu já prometi trazer o Ronaldão aqui e eu nem sei se ele vai estar no Corinthians quando nós construirmos o campo. Do jeito que ele está jogando, Jobim, o que vai acontecer? O Dunga já está pensando em quem vai contratar, convocar para centroavante para a Copa de 2010. Se o Ronaldão continuar jogando assim, certamente vai vir um time estrangeiro... Eu espero que seja um time, quem sabe, brasileiro, que possa ficar com o Ronaldão. De qualquer forma, se ele não puder vir jogar aqui, como eu fui quase profissional, posso vir aqui e mostrar para vocês como se joga bola.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Binho Marques, governador do estado do Acre, e sua companheira Simony D'Ávila,

Quero cumprimentar o ex-governador Jorge Viana,

Quero cumprimentar o ministro da Defesa, Nelson Jobim,

Quero cumprimentar o vice-governador, César Messias,

Quero cumprimentar o deputado Edvaldo Magalhães, presidente da Assembléia Legislativa do Acre,

Quero cumprimentar o senhor Pedro Ranzi, presidente do Tribunal de Justiça do estado do Acre,

Quero cumprimentar o senador Tião Viana,



Os deputados federais Fernando Melo, Gladson Cameli, Iderlei Cordeiro e Perpétua Almeida,

Quero cumprimentar o senhor Jorge Velásquez, presidente regional de Ucayali, no Peru,

Quero cumprimentar o presidente da Infraero, brigadeiro-do-ar Cleonilson Nicácio,

Quero cumprimentar o prefeito de Cruzeiro [do Sul], Vagner Sales,

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Sérgio, secretário executivo do Ministro dos Transportes,

Quero cumprimentar cada companheiro, cada companheira de Cruzeiro do Sul e do estado do Acre,

Na verdade, eu não vou precisar do discurso, recolha aqui. Eu vou apenas dizer poucas palavras. Vou ficar aqui do lado do Tião. Se eu falar demais, ele puxa a minha camisa e eu sei que está na hora de parar e ir embora.

Eu queria... Binho, possivelmente, em 1979, 1980, você devia ser muito menino, porque na fotografia que eu tirei quando vim aqui, que a sua esposa estava, também menina, você nem aparecia na foto.

Tem algumas coisas que a gente vai aprendendo na vida, e eu queria falar sobre isso, sobretudo porque tem muita gente jovem aqui. Eu descobri, na campanha de 1989, quando eu perdi as eleições, que o Brasil era tão grande, que não era possível alguém que não conhecesse o Brasil, governar o Brasil. Eu me lembrava de que nos anos 80, quando eu viajava pelo Brasil, só tinha um presidente da República que as pessoas se lembravam que ele tinha viajado muito com um aviãozinho que pousava na água, que era o presidente Juscelino Kubitschek. Às vezes eu chegava em Oriximiná, no Pará, e as pessoas diziam: “Sabe quem pousou aqui uma vez? O Juscelino Kubitschek”.

Eu descobri que era preciso conhecer o Brasil. Vocês, jovens, vocês,



deputados estaduais, vocês que são representantes da Justiça, os nossos companheiros das comunidades indígenas, os professores, precisam compreender que é muito difícil alguém de São Paulo, alguém do Rio, alguém de Brasília, alguém do Rio Grande do Sul, alguém da Paraíba, alguém de Pernambuco, alguém que só conhece a sua região ganhar uma Presidência, assumir Brasília e imaginar que essa pessoa vai ter uma preocupação com os estados mais longínquos. Às vezes não é nem má-fé, às vezes não é nem falta de vontade, às vezes é desconhecimento da realidade existente neste país. E como os governantes trabalham cedendo aos grupos de pressão, que fazem pressão todo santo dia, normalmente a gente vai cedendo, para fazer as coisas, [a] quem tem mais força, sobretudo os estados maiores populacionalmente e os estados mais ricos deste país.

Essa é uma coisa muito verdadeira. Se uma bancada de São Paulo chega junto com uma bancada do Rio Grande do Sul ou junto com uma bancada de Minas Gerais, para reivindicar um dinheirinho que está no fundo do tacho, o último... a rapa do tacho, podem ficar certos de que esses estados irão levar o dinheiro e não o Acre, Rondônia ou o Amazonas, porque esses estados grandes têm mais deputados e esses estados grandes, portanto, têm mais força política. Esse é um dado concreto. Isso vale para o prefeito – os vereadores de uma região maior fazem mais pressão –, isso vale para um sindicato – os trabalhadores de uma fábrica maior têm mais ascendência dentro do sindicato – e assim por diante.

Eu tive a sorte de perder muitas eleições. Eu poderia estar aqui reclamando, que perdi muitas eleições. Mas eu tive sorte, e hoje eu agradeço a Deus por ter perdido tantas eleições, porque a cada eleição que eu perdia, em vez de desanimar, eu saía às ruas com mais vontade para encontrar explicações de por que eu tinha perdido as eleições, e tentar renovar os meus conhecimentos para ver se na próxima eu ganhava.

Ao mesmo tempo, eu resolvi participar de algumas coisas que marcaram



a minha vida. Aqui deve ter muita gente, Binho, que em 1978 não era nascido. Eu estou falando de 31 anos atrás. Há 31 anos eu vim aqui por conta da morte do companheiro, em 1980, Wilson Pinheiro de Souza. Era um dirigente sindical lá de Brasília que tinha sido eleito no Sindicato e, num conflito de terras, ele apareceu morto na porta da casa dele. Deram um tiro nele dentro da casa dele. Eu vim fazer um ato de protesto. Era uma noite muito nervosa, muitos policiais nas ruas, muitos boatos, muita gente armada. Até os companheiros não queriam que eu fosse àquele ato. E lá estava eu, o Chico Mendes, o João Maia, o Jorge Viana e tantos outros companheiros aqui, lá naquele caminhão, protestando. Lá eu disse uma frase, eu disse uma frase que me custou um processo. Esse processo me levou a Manaus e eu fui condenado a três anos e meio de cadeia. Por quê? Porque naquele ato eu disse que eu estava cansado de participar de velórios de companheiros trabalhadores assassinados, e que era preciso que a gente pensasse, porque estava chegando a hora da onça beber água. Eu falei isso, Jobim, e fui embora. Quando eu chego em São Paulo, os trabalhadores mataram um fazendeiro, que supostamente eles desconfiavam que era o assassino do dirigente sindical. Eis que a acusação contra mim é que a frase “tá chegando a hora da onça beber água” era a senha para os trabalhadores matarem o cara que tinha matado o dirigente sindical. Não tinha nada a ver, mas por conta disso eu fui condenado.

O juiz que proferiu a sentença contra mim disse o seguinte - o meu advogado era o nosso companheiro Sepúlveda Pertence e o Luiz Eduardo Greenhalgh. O Chico Mendes não tinha advogado, porque a Contag não contratou advogado para ele. Nós emprestamos um advogado para o companheiro Chico Mendes, e um companheiro do Acre também defendeu ele - naquele dia, o juiz falou o seguinte: “Nós precisamos condenar o senhor Luiz Inácio Lula da Silva, não porque ele anda armado de revólver, não porque ele anda armado de rifle, não porque ele usa metralhadora, nós temos que condenar o senhor Luiz Inácio Lula da Silva porque ele tem uma língua muito



[ferina], e por isso ele precisa ser condenado”. Eu acho que foi a primeira pessoa condenada por causa da língua, a primeira pessoa condenada por causa da língua. Graças a Deus, graças a Deus, passados dois anos – obviamente que eu não fui preso porque eu era réu primário – eu fui julgado no Superior Tribunal Militar, em Brasília, e eu fui absolvido pelo Superior Tribunal Militar, em Brasília.

Depois de passados dois anos desse episódio, eu estava no Rio de Janeiro de férias com a minha mulher, em Cabo Frio, dia 22 de dezembro, quando eu recebi a notícia: acabaram de assassinar o Chico Mendes. Eu estava com a Marisa e com as crianças. Eu falei: espera aí, como é que eu vou dizer para a dona Marisa que eu vou acabar com as minhas férias para ir lá em Xapuri, ela não sabia onde era Xapuri. Mas eu já tinha ido várias vezes de carro, de Rio Branco até Xapuri, no tempo que era uma poeira desgraçada, que a gente ia assoar o nariz e saía um tijolo, vocês estão lembrados da quantidade de poeira que tinha naquela estrada.

Pois bem, eu vim a Xapuri, nós viemos em cinco companheiros, chegamos em Rio Branco, pegamos o monomotor. Chegamos em Xapuri, não tinha campo de aviação, era quase como se fosse um campo de futebol cheio de água. E aquele piloto sozinho dentro do aviãozinho, chovendo para desgraça, a gente não enxergava nada, e ele falava: “Pode deixar que eu conheço”. A gente falava: “mas quem gosta das nossas vidas somos nós, meu filho”. Bem, aí fiquei lá... cheguei lá, tinha um movimento protestando contra quem tinha matado o Chico Mendes. Cheguei lá, fiz um discurso e voltei imediatamente. No caminho, a chuva aumentou. Pela primeira vez, Jobim, eu vi pessoas dentro do avião, junto comigo, que eram ateus, mas no medo todo mundo vira católico, vira cristão. Eu sei que era só o piloto que a gente não deixava rezar porque ele tinha que estar segurando no negócio do avião, mas eram cinco marmanjos agarrados, uns na mão do outro, rezando Pai Nosso e Ave Maria para não cair no meio daquela mata, que a gente não enxergava um



metro quadrado. Quando nós chegamos de Rio Branco, que nós conseguimos ver a pista... tem gente pagando promessa até hoje porque o medo foi muito grande.

Eu estou contando isso apenas para dizer para vocês que eu tenho uma identificação com este estado pela história deste estado. Este estado aqui, Jobim, e o seu estado, o Rio Grande do Sul, são os dois únicos estados em que o povo é capaz de cantar o hino do estado em praça pública. Eu sempre me emocionei quando vinha ao Acre ou quando eu ia ao Rio Grande do Sul e via o povo cantar o Hino Nacional. Eu nunca vi isso em nenhum outro estado da Federação, nunca vi, só nesses dois estados: Rio Grande do Sul e o estado do Acre. Porque eu acho que foram os dois estados que tiveram mais embates, este aqui porque foi conquistado com muita luta, e o Rio Grande do Sul porque teve muita batalha para se transformar em um estado considerado o mais politizado do País.

Então, eu aprendi a gostar de vocês, aprendi ... tem uma história que eu não contei para vocês. Eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, em 1979, e no Sindicato eu saía todos os dias às 8h e um belo dia, a minha secretária fala assim para mim: “Lula, tem duas pessoas que querem conversar com você aí”. Era mais ou menos seis horas da tarde. Aí eu falei: o que eles querem? Abri a porta e perguntei: o que vocês querem? Tinha um matuto de bigode, baixinho, feinho, e tinha outro meio galego. Eu falei: esperem aí. O que vocês querem? “Queremos conversar sobre o partido, sobre o PT”. O PT era um movimento ainda, nem era partido. Aí eu falei: olha, eu não converso sobre política no Sindicato. Naquele tempo eu tinha muito medo que fosse a Polícia Federal que estava lá. E eu falei: olha, eu não converso sobre partido aqui. Vocês me esperem, depois das oito, quando eu sair, nós vamos ao bar do Gordo. O bar do Gordo era o lugar em que a gente tomava alguma coisa. Ora tomava uma 51 com limão, ora tomava uma cervejinha, naquele tempo em que eu era jovem.



Então, terminou o expediente, eu fui lá, conversei com os dois companheiros, eles pediram umas fichinhas, eu dei as fichinhas, e marcamos uma vinda minha. Eu descobri que aqueles dois, um era o companheiro João Maia e o outro era o companheiro Chico Mendes. O João Maia era advogado da Contag e o Chico Mendes era o nosso companheiro dirigente sindical, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Xapuri.

A partir daí, acho que quase todos os anos eu vim ao estado do Acre. Acho que todos os anos ou a cada um ano e meio, eu vim ao estado do Acre. Mas não apenas ao Acre. Eu passei a visitar os estados, e se vocês pegarem o mapa do Brasil, pegarem o mapa do Peru, pegarem o mapa de qualquer país, vocês vão perceber uma deficiência dos governantes que governaram este país. De vez em quando apareciam pessoas magistras, como o Marechal Rondon que, na tarefa de fazer correio neste país, ele percorreu e conheceu coisas que muitos governantes não conheceram. Peguem o mapa do Brasil quando chegarem em casa, e vocês vão analisar o quê? Em 500 anos de história, o Brasil só cresceu a parte marítima, a costa marítima. Isso vale para a aviação. O Jobim, esses dias, levou um mapa para a gente discutir a aviação regional. Também a aviação regional é pela costa marítima, é de capital em capital. Somente o Juscelino, em 1955 é que foi para Brasília, levar para o Centro-Oeste, e o Brasil começou a se desenvolver no meio. Mas as fronteiras estavam esquecidas. O Peru também – aqui tem um governador do Peru – só cresceu na costa marítima. Então, as pessoas que moram nas fronteiras foram ficando esquecidas, e o País foi enricando na beira do mar e empobrecendo nas suas fronteiras. O Brasil tem quase 16 mil quilômetros de fronteira. Vejam o absurdo, companheiros: em 500 anos de existência do Brasil, a primeira ponte entre Brasil e Bolívia, fomos nós que fizemos aqui no Acre, na cidade de Brasiléia. E vejam que absurdo: em 500 anos de existência de Brasil e Peru, a primeira ponte fomos nós que fizemos, aqui também no estado do Acre. As pessoas não se importavam com as nossas fronteiras.



Nós agora resolvemos que é preciso integrar o Brasil e integrar a América do Sul. Nós temos um estado como o Acre, que está mais perto de Lima, no Peru, do que de Brasília ou do que de São Paulo. O Peru produz tomate aqui perto do Acre, que poderia vender para cá, cebola. Mas ela sai daqui, Jobim, vai até São Paulo para, de São Paulo, voltar para o Acre. Volta muito caro, volta muito caro. Então, nós precisamos fazer essa integração para que a gente possa vender aos estados peruanos perto do Acre aquilo que a gente produz no Acre, e a gente comprar dos estados peruanos aquilo que eles produzem. Gera mais empregos, gera riqueza, gera desenvolvimento e vai gerar crescimento econômico para o Peru e para o Brasil, para o Brasil e para a Bolívia, para a Bolívia e para os outros países com quem nós fazemos fronteira.

Nós estamos fazendo essa integração. Quero ver se antes de terminar o meu mandato, eu venho a Assis Brasil. Quero pegar um carro e me encontrar com o presidente Alan García lá em Lima – de carro – porque aí está garantida a integração. Estamos fazendo uma ligação da Bolívia, também pela Interoceânica, para que a Bolívia também possa se integrar nisso. Aí, a gente pode pegar um carro, sair de Cruzeiro do Sul, atravessar o estado do Acre sem nenhum problema. São 600 quilômetros de Rio Branco até aqui. Não é possível que a gente não respeite estas pessoas que moram aqui, e isto aqui ter que ser tratado como se fosse o fim do mundo.

Eu queria pegar aqui o Ministro dos Transportes. O que ele tem de pequeno, tem de inteligência e tem uma mulher que é uma cantora extraordinária. Um dia eu recebi o Binho lá no Palácio do Planalto. Aí o Binho me leva um projeto de cinco pontes, e o Binho fala assim para mim: “Presidente, veja o que fizeram conosco. Eu apresentei a proposta da estrada. Agora, a estrada... tem cinco rios aqui”. Eu já vi os nomes aqui, que o Binho falou. “Tem o rio Juruá, que é este aqui; tem o Tarauacá, tem o Envira e tem o Purus. Agora, Presidente, o asfalto chega à beira do rio, pára e começa do



outro lado. É como se Deus fizesse a coxa, fizesse a perna e não fizesse o joelho. Não valia nada a nossa perna. Ia ser uma perna que não ia permitir que a gente andasse”.

Aí, este menino aqui teve a compreensão de que a gente não pode exigir, muitas vezes, aquilo que o Tribunal de Contas exige da gente, que acha que um metro de pedra no Acre custa igual a um metro de pedra no Rio Grande do Sul ou em Brasília. Eles têm que perceber que um saco de cimento comprado em Manaus, para chegar aqui leva muito tempo, custa mais caro. Então, se essas pessoas não andarem pelo Brasil, elas vão pensar que é tudo em São Paulo, vão pensar que é tudo em Minas, tudo no Rio ou tudo lá em Brasília. Não é. É preciso conhecer a realidade deste país.

Eu falei: Paulinho... Aí inventaram que a ponte era estaiada. “Para que ponte estaiada nesse rio?” Ponte estaiada só em São Paulo, só em Brasília, aquelas pontes bonitas, com um monte de arcos para cima, levantados. Ora, por que não pode ter, aqui neste rio, uma ponte estaiada? Por que não pode ter? Por que não pode ter um aeroporto bonito como este? Por que não pode ter um hospital de qualidade?

Então, eu falei: Paulinho, é preciso colocar dinheiro para fazer o joelho da [BR] 364, só perna e coxa não dá certo. Agora eu chamei o Paulinho aqui para dizer o seguinte: o Binho ficou naquela: “É, porque se chover, a gente não vai inaugurar”. Eu queria dizer para você meu querido e para o Binho: eu termino o meu mandato no dia 31 de dezembro do ano que vem, e eu quero inaugurar essas obras antes de deixar o meu mandato. Quero porque...

As coisas no Brasil são muito demoradas. O Jobim foi deputado constituinte comigo, o Jobim foi constituinte comigo. A verdade é que o Brasil passou muito tempo sem crescer a economia e a gente foi criando instrumentos de fiscalização, nós fomos criando regras e leis para dificultar quem estava governando governar, porque isso é um defeito desgraçado de quem é oposição. Quem é oposição pensa somente em fazer leis para dificultar



quem está governando. Se Juscelino Kubitschek resolvesse construir Brasília hoje – ele construiu em cinco anos, na verdade em três anos – se ele resolvesse construir Brasília hoje, ele não teria conseguido licença ambiental para fazer a primeira pista para pousar o aviãozinho que levou ele lá. Mas a culpa não é do meio ambiente, como a gente fala, a culpa... somos nós. Eu fui deputado, a culpa é do perfeccionismo que nós fazemos [quando] fazemos a lei. E depois nós temos o Tribunal de Contas, que também cria uma série de problemas, até certo ou errado, pode estar até certo, mas não pode ficar oito ou nove meses para dar um parecer. Se está errado manda parar, fazer nova licitação e acabou. Mas às vezes demora dois anos.

Eu vou contar uma coisa para vocês que é triste. Esses dias... a gente está fazendo um grande viaduto no Rio Grande do Sul, ligando a BR-101, que vai trazer muita gente da Argentina para o Brasil e muita gente do Brasil para a Argentina, de Osório à Palhoça, em Santa Catarina. Esse túnel tem mil e poucos metros, e encontraram do lado do túnel uma perereca. Todo mundo aqui sabe o que é uma perereca. Pois bem, e aí resolveram fazer um estudo para saber se aquela perereca estava em extinção. Aí teve que contratar gente para procurar perereca, e procure perereca, e procure perereca... Sabem quantos meses demorou para descobrir que a perereca não estava em extinção? Sete meses, a obra parada. Eu espero que aqui no Acre não apareça nenhuma perereca na ponte do rio Juruá. Não é possível. A gente tem São Pedro que, de vez em quando, faz chover pouco, e a gente reclama. Aí, de vez em quando, faz chover demais, e a gente reclama. Ele também deve estar cansado porque a gente nunca se conforma com nada. Se está frio, a gente reclama; se está calor, a gente reclama; se chove, a gente reclama; se não chove, a gente reclama. Ele fica meio pirado: o que esse povo quer? Então, eu vou pedir aqui, de público, a São Pedro que, pelo amor de Deus, não faça chover muito para a gente acabar a nossa ponte, São Pedro, e acabar a nossa estrada. São Pedro, eu acho que é meio acreano e meio corinthiano. Eu acho



que ele vai ajudar nessa história da ponte.

Nós estamos aqui anunciando um monte de obras, um monte de coisas. Eu desci no aeroporto agora. Amanhã tenho uma reunião com o ministro Jobim, e nós já percebemos que o aeroporto de Rio Branco, a pista, está um “bagacito”, está um “bagaço”. É até bom o Brigadeiro, o Presidente da Infraero estar aí – nós vamos levantar voo juntos – para ele perceber que nós vamos ter que fazer algumas coisas para melhorar aquele aeroporto. Agora, vejam a humilhação: o aeroporto de Cruzeiro do Sul está melhor do que o aeroporto da capital. Essa é uma realidade, que nós vamos ter que consertar. E, assim mesmo, a gente conserta uma coisa, atrapalha outra, a gente conserta...

O importante é que a gente está fazendo a integração deste país, ligando a Amazônia, ligando o Acre, ligando todos os estados. Agora vamos fazer a BR-119. A BR-119 foi feita em 1970 – BR-319 – ela foi feita em 1970. É uma estrada que liga Porto Velho a Manaus. Essa estrada já foi asfaltada. Agora esqueceram, por desleixo, o mato comeu e agora o Meio Ambiente está aqui dando uma confusão desgraçada para dar a licença para a gente fazer uma estrada que já existia. Eu já falei: se for preciso fazer ponte com jacaré, nós fazemos; se for preciso fazer escadinha rolante para o bichinho que sobe, nós fazemos; se for preciso colocar placa para onça, para quem quiser, nós fazemos. O que nós precisamos é fazer a estrada para ligar Manaus a Porto Velho.

Por isso, meu querido Binho, eu estou feliz de estar aqui, porque este aeroporto... Eu quero uma fotografia dele de cima e uma fotografia de frente. É lógico que ele não é maior do que o aeroporto de Frankfurt, não é maior do que o aeroporto de Miami, mas eu tenho certeza de que não tem nenhum aeroporto que retrate a cara da região como este aeroporto, representando uma oca indígena, representando aquilo em que mora o povo que era dono deste país. Portanto, eu quero uma fotografia para utilizar como cartão postal onde eu estiver.



No mais, é o seguinte. Na outra vez em que eu vim aqui, em 2004, eu prometi fazer o campo. Nós passamos o dinheiro para cá. A prefeitura teve dificuldades... O prefeito era este companheiro aqui, que hoje é vice-governador. Nós tivemos problemas porque teve problemas no terreno, então não pôde feito o campo. Quando eu desci no aeroporto, agora, perguntei: cadê o campo? Agora o Binho prometeu que vai fazer o campo, porque eu senti, da outra vez que eu vim aqui, que falta espaço para a juventude brasileira jogar bola aqui em Cruzeiro do Sul. Este aqui é um couro vegetal, gente. Não é uma bola qualquer. Isto aqui eu vou levar para o Ricardo Teixeira e falar: imagine se o Ronaldão jogasse com uma bola dessas, quantos gols ele não faria no Campeonato Paulista. Eu acho que o campo... Se a gente não acabar o campo, Jorge, como é que o Acre vai querer ser sede da Copa do Mundo? Por isso é que nós temos que fazer o campo aqui, meu filho. Joga em Rio Branco e treina aqui em Cruzeiro do Sul. Depois, se a gente não fizer o campo aqui, qual é a chance que a gente tem de ver um menino destes ir para a Seleção brasileira? Ou uma menina destas ir para a Seleção brasileira?

Portanto, meus queridos companheiros e queridas companheiras, meus queridos companheiros empresários aqui presentes, eu já enchi demais. Muito obrigado. Que Deus abençoe vocês, e parabéns pela conquista de vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do crachá do trabalhador número 30 mil do Complexo Siderúrgico da ThyssenKrupp CSA
Rio de Janeiro-RJ, 30 de abril de 2009**

Eu vou ser muito breve, porque vocês sabem que saco vazio não pára de pé, e eu estou com uma fome aqui que... Pensei que a Thyssen iria oferecer umas coisinhas para eu comer mas, por orientação do Roger Agnelli, da Vale do Rio Doce, que é mão-de-vaca, [que] pediu para a Thyssen não gastar nenhum centavo para poder terminar de construir a Siderúrgica aqui...

Cumprimentando o nosso querido companheiro Sérgio Cabral, governador, e cumprimentando a direção da ThyssenKrupp, eu quero cumprimentar todos os companheiros, e vou ser breve realmente.

Vocês ouviram o discurso do nosso companheiro agora, e esse discurso, por si só, já valia o ato. Além de ele ter um emprego, além de ter orgulho de a mãe dele ser empregada doméstica, além de ter orgulho de trabalhar com a camisa da empresa e depois passear com ela, a verdade, Sérgio, é que isto que a gente está vendo aqui é o mais eficaz ingrediente para a gente acabar com a violência no nosso país e com a criminalidade. Se todos tiverem a oportunidade que este menino teve nós, certamente, seremos vitoriosos contra o crime organizado e contra o narcotráfico neste país.

Eu tenho consciência de que a mãe deste menino deve ter tido o mesmo orgulho que a minha mãe teve quando, com 14 anos, eu fui para o Senai. Ele disse que a vida dele mudou, e muda mesmo. É importante... Eu digo sempre e não me canso de dizer isso, que em uma família de oito irmãos, por conta de um curso no Senai, eu fui o primeiro a ganhar mais do que o salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro e eu fui o primeiro a ter uma casa própria, por conta de



uma profissão. Com uma profissão e uma fábrica boa para trabalhar, você não só dá garantia à sua família, como você dá garantia à sociedade.

Eu não tinha uma camisa bonita como esta, porque eu trabalhava em uma fábrica pequena, chamada Fábrica de Parafusos Marte, e a minha mãe teve que pegar o macacão de um irmão meu que trabalhava em outra empresa, cortar e fazer eu andar dentro desse macacãozinho para ir trabalhar. Eu andava dois quilômetros, mas eu ia trabalhar com um orgulho com aquele macacão, com um orgulho, como se eu fosse o dono da cocada. Eu nem sabia o que era ser torneiro mecânico. Eu metia a mão no óleo preto e sujava todo o macacão porque eu queria que a minha mãe ficasse impressionada com o caçula dela sendo mecânico.

Por conta disso, eu cheguei à Presidência da República. Veja que você já fez o principal: já fez a formação profissional, já tem um bom emprego. Daqui para a frente vai ser mais fácil do que para mim, porque os trabalhadores que tinham medo de eleger um trabalhador para a Presidência, certamente no futuro não terão mais medo, e qualquer companheiro pode se preparar e ocupar esse cargo importante no País.

A vida da gente é muito engraçada. É o primeiro 1º de Maio na minha vida que eu comemoro dentro de uma fábrica, e é o primeiro 1º de Maio da minha vida que eu não estou em um ato para protestar. Desde 1969, portanto há 40 anos, a minha vida era participar de 1º de Maio xingando alguém, falando mal de alguém ou falando mal dos governos. Como hoje eu sou governo, eu não vou falar mal de mim. Então, eu estou hoje neste 1º de Maio antecipado, para agradecer por este momento extraordinário.

Primeiro, [quero] agradecer à ThyssenKrupp por ter tido a coragem de vir fazer esse investimento no nosso querido país e escolher o estado do Rio de Janeiro para que esse investimento aqui fosse realizado. O Rio de Janeiro, que tem todas as belezas que a gente imagina que tenha, um estado que foi durante muitos anos capital deste país desde que aqui chegou o Rei de



Portugal, este estado passou a ser muito sofrido. Eu dizia para o Sérgio Cabral que era preciso que nós fizéssemos um esforço muito grande para ajudar o Rio de Janeiro a se desenvolver, para que o Rio de Janeiro começasse a aparecer nas páginas dos jornais, não apenas com manchetes de mortes, de violência ou de bala perdida. Mas que ele pudesse aparecer nas páginas dos jornais com a cara do povo do Rio de Janeiro, porque a maioria é trabalhadora, a maioria quer viver em paz com a sua família, a maioria quer construir a sua família e cuidar dela com carinho. Eu acho que somente o desenvolvimento permite que essas coisas aconteçam.

É por isso que nós temos, em parceria com o governador do estado do Rio, grandes investimentos aqui, não apenas de projetos de fábricas, de estaleiro, de pólo petroquímico, de rodovias, mas também cuidando da parte mais pobre da população. Os investimentos que nós estamos fazendo junto com o governo do estado nas favelas do Rio de Janeiro, são porque um dia eu quero estar vivo para que a gente não utilize mais a palavra favela e a gente diga “eu vou àquele bairro”, e não àquela favela. Nós queremos que as pessoas...

Logo, logo estarei indo com o Sérgio Cabral inaugurar uma piscina lá na favela de Manguinhos, uma piscina grande, junto com um grande conjunto habitacional, porque não é justo que os filhos das pessoas mais pobres não tenham o direito de ter o mesmo lazer que têm os outros. A praia, que foi feita por Deus para todo mundo, a cada dia que passa vai ficando ocupada por menos gente, e os pobres vão sendo cada vez mais escoraçados para longe da praia.

Tudo isso a gente está fazendo porque eu acredito que o Rio de Janeiro merece uma atenção especial do governo federal. Quero dizer de público aqui, mais uma vez, o que eu disse no primeiro comício que eu fiz junto com o Sérgio Cabral. Eu disse ao Sérgio: Sérgio, se acontecer o que eu estou pensando que vai acontecer, você vai ter a chance de ser o governador e eu a



chance de ser o presidente que estabeleceram a mais extraordinária harmonia administrativa, para que a gente possa jogar todo o nosso dinheiro e toda a nossa energia para criar coisas boas para o estado do Rio de Janeiro, porque eu tive muita dificuldade, outros presidentes tiveram muita dificuldade, e outros governadores tiveram muita dificuldade. Nós, agora, construímos essa harmonia, e eu acho que daqui para a frente a coisa só tende a melhorar.

A segunda coisa que me deixa feliz hoje é saber que o Brasil, que sempre viveu cercado de desconfiança, hoje é considerado um país da mais alta credibilidade por todos os governantes do mundo. Se eu fosse ficar convencido, [quisesse] que o ego tomasse conta de mim a cada vez que eu recebesse um elogio, eu não caberia mais neste salão aqui. É muito fácil a gente receber elogios, mas foi muito difícil a gente construir este momento que o Brasil está vivendo.

Por que eu estou orgulhoso? Porque hoje nem a minha amiga Angela Merkel, primeira-ministra da Alemanha, nem o meu amigo Obama, presidente dos Estados Unidos, nem o meu amigo primeiro-ministro do Japão, nem o presidente da França, meu amigo Nicolas Sarkozy, nem o presidente da Itália ou o primeiro-ministro da Inglaterra tem o orgulho de estar dentro de uma fábrica entregando o crachá número 30 mil para um trabalhador.

Pela primeira vez, uma crise econômica não começa em um país pobre. A crise começou nos países ricos e está afetando os países ricos muito mais do que os países pobres. É lógico que nós sofremos as consequências dessa crise porque diminuem as exportações e isso provoca redução na nossa balança comercial. Sabe a diretoria da Thyssen, sabe a diretoria da Vale do Rio Doce e sabem os empresários que estão aqui, que não existe hoje no mundo nenhum país mais preparado para enfrentar a crise do que o nosso querido Brasil. Não existe. Possivelmente, a China esteja em condições tão boas quanto o Brasil, mas a China também tem outras vantagens, que eu acho desvantagens. Lá um partido pode muito. Lá, quando um partido decide,



acontece. Aqui nós temos que ouvir muitas coisas. Aqui nós temos um Congresso livre, aqui nós temos imprensa livre, aqui nós temos sindicatos livres, além das outras coisas que nós criamos para criar dificuldades para nós mesmos.

O dado concreto é que nós fizemos a lição de casa, preparamos o País e hoje, quando a crise vem, em vez de a gente evitar fazer investimentos, nós estamos investindo mais de US\$ 300 bilhões, mais de R\$ 600 bilhões em obras públicas: estradas, ferrovias, pontes, urbanização de favelas, saneamento básico. E agora acabamos de anunciar um projeto de construção de 1 milhão de casas próprias para o povo brasileiro. De preferência, desse 1 milhão de casas, 400 mil casas serão, prioritariamente, para as pessoas que ganham de 0 a 3 salários mínimos. Outras 400 [mil] serão para quem ganha de 3 a 6 salários mínimos, e outras serão para quem ganha até 10 salários mínimos. Fizemos mais. Hoje um trabalhador não pode comprar uma casa, porque se ele pagar aluguel, ele não tem como pagar aluguel e pagar a prestação da casa. O que nós fizemos? Ele só vai pagar a primeira prestação da casa quando receber a chave da casa para se mudar. Ele não vai ter que pagar antes.

Segundo, no programa da casa, o trabalhador que ganha de 0 a 3 salários mínimos, se perder o emprego e ficar desempregado, até 36 meses ele não vai correr [ter] nenhum problema. Essas prestações irão para o final da dívida, 20 anos depois. O que nós não podemos é ver um trabalhador perder o emprego e, no dia seguinte, perder a sua casa. A casa é a garantia que a gente tem que dar para ele cuidar da sua família. Um trabalhador que ganha de 3 a 6 [salários mínimos], se ficar 24 meses desempregado, ele não precisa pagar a prestação da casa, porque quem está desempregado não tem como pagar a casa. Para quem ganha 10 salários mínimos, pode ficar até 12 meses sem pagar a prestação da casa própria.

Mais importante ainda é que nós... Esse programa de 1 milhão de casas é uma coisa ousada, não é uma coisa simples. O Brasil não estava preparado



para isso. A gente fazia 200 mil, 300 mil. Esse programa é de 1 milhão de casas, e aqui – a quantas o estado do Rio de Janeiro tem direito? – só o Rio de Janeiro vai ter direito a mais de 100 mil casas. Eu estou desafiando os empresários, os nossos amigos prefeitos, para que a gente possa construir. Eu não sei se já abriram as inscrições aqui, mas vocês podem procurar a prefeitura, a Caixa Econômica, e se inscrever, quem não tiver casa, obviamente. Quem tiver, que Deus mantenha a sua casa em dia.

Pois bem, a decisão do governo foi a decisão de que essa crise nós temos que combater com investimento. Nós não vamos reduzir um centavo de nenhum investimento que a gente está fazendo. Nenhum. E vamos, se necessário, fazer mais investimentos, porque o meu desejo é que quando terminar essa crise, o Brasil esteja muito mais preparado do que estava quando a crise começou.

É por isso que nós tomamos uma decisão no G-20, na reunião que fizemos em Londres, para que a gente comece a trabalhar, para que os bancos estejam subordinados à produção e não à especulação. Que os bancos contribuam com investimentos para gerar empregos e não apenas vendendo papel e especulando, como fizeram, o que levou a economia mais rica do mundo, os Estados Unidos, a quebrar; o que levou um país como a Alemanha, que é um dos países que mais exportam tecnologia no mundo, a ter uma situação econômica e um desemprego que há muito tempo não tinha.

Então, eu quero agradecer à Thyssen, porque mesmo com essa crise forte na Alemanha eles não tiveram, em nenhum momento, nenhuma vacilação em manter os investimentos deles aqui no Brasil. E tudo aquilo que o governo do estado e o governo federal puderem fazer para ajudar que esse empreendimento continue com força total, podem ficar certos de que nós vamos fazer, porque cada centavo que a gente colocar, é um centavo que a gente vai colocar no bolso do trabalhador brasileiro, porque não tem nada que dê mais dignidade a um homem ou a uma mulher do que o direito de trabalhar.



O discurso deste menino aqui, e aquele crachá que eu entreguei... aquele outro, quando chegou perto de mim, eu pensei que era um piloto da Ferrari. Eu não sei se ele vai trabalhar com esse uniforme bonito o tempo inteiro, porque jovem, bonito, com um uniforme desse jeito aí, que se cuidem as funcionárias da Thyssen, que se cuidem.

Isso, para mim, não poderia ser mais gratificante. Eu posso te dizer, Sergio, que eu nunca tive um 1º de Maio destes – nunca tive – em que a gente pode ver um operário, filho de uma empregada doméstica, se sentir realizado porque teve uma oportunidade. E a gente ver um jovem de 20 anos, por conta de um convênio feito entre a Firjan e a Thyssen, também se formar e ser contratado no emprego.

Eu aprendi, na minha vida, que não tem nada mais sagrado, que não tem nada que dê mais orgulho do que o ser humano ganhar o seu salário com o seu suor e, no final do mês, colocar dentro de casa o dinheiro na mão da companheira, para ela comprar comida para os nossos filhos, o mês inteiro. É isso que vale a vida humana.

Portanto, eu quero agradecer à direção da ThyssenKrupp, mais uma vez, e sobretudo quero agradecer aos parceiros da Thyssen. Quero agradecer ao companheiro Sergio Cabral, que tem sido um entusiasta enorme deste projeto e de outros projetos aqui no Rio de Janeiro. E quero dizer para vocês que saio daqui gratificado e com a imagem mais extraordinária que um presidente da República (falha na gravação) o seu povo vestido com a roupa de trabalho e o seu povo com uma cara feliz de quem conquistou a dignidade.

Parabéns a todos os trabalhadores da Thyssen, parabéns à Direção da Thyssen.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração do laboratório de ensaios não destrutivos, corrosão e soldagem

Rio de Janeiro-RJ, 30 de abril de 2009

Eu quero cumprimentar o Sérgio Cabral e sua companheira, Adriana,
Minha companheira Marisa,
Quero cumprimentar o Sergio Rezende, nosso ministro da Ciência e
Tecnologia,
Nosso querido Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,
Senador Marcelo Crivella,
Deputado federal Afonso Hamm,
Secretários estaduais,
Professor Aloisio Teixeira – eu adoro falar esta palavra –, magnífico
reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Nosso querido companheiro Gabrielli, presidente da Petrobras,
Nosso querido companheiro Pinguelli, diretor da Coppe,
Professor Oscar Rosa Mattos, coordenador do Laboratório de Ensaios
Não Destrutivos, Corrosão e Soldagem da Coppe,
[Quero] cumprimentar os companheiros e companheiras pesquisadores,
acadêmicos, professores, estudantes, funcionários, jornalistas, torcedores do
Botafogo, do Flamengo, do Vasco, do Corinthians,
[Quero] cumprimentar todo mundo aqui.

É que o Vasco não está na final, meu filho. Eu só posso falar de quem
está na final.

Vocês me viram desmanchando o meu discurso aqui, porque o meu
discurso tinha cinco assuntos, cinco. Todos eles repetitivos porque as pessoas



já tinham falado antes de mim.

Eu queria apenas prestar uma homenagem à pessoa que tem responsabilidade por isto aqui, e mostrar um pouco a diferença do que é [entre] uma visão progressista nacionalista e uma visão neoliberal ou uma visão conservadora.

Aqui, eu vou falar do professor Alberto Luiz Galvão Coimbra, para mostrar o lado progressista de um homem que, se pensasse de forma conservadora, iria entender que investir em pesquisa não é coisa do Estado, é coisa do mercado. O mercado decide os investimentos em pesquisa deste país e de qualquer outro país. O Alberto Luiz Galvão Coimbra que, orgulhosamente, pertenceu à geração de nacionalistas das décadas de 40 e de 50 forjados na era de Getúlio Vargas - que alguns tentaram acabar há pouco tempo – apostaram em um Brasil desenvolvido por mestres, doutores e técnicos capazes de criar a tecnologia que impulsionaria o processo de industrialização do nosso país. Ele foi o primeiro administrador de um curso de mestrado em Engenharia Química da então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A instituição iniciou as atividades em 1º de março de 1963 e foi o embrião que criou a Coppe. Para reforçar o corpo docente, Coimbra enviou missões de recrutamento de alunos às cidades onde havia cursos de Engenharia. Os recrutadores punham anúncios em jornais, rádios, convidando os formandos para entrevistas em hotéis. A eles era explicado o sentido do mestrado e, ali mesmo, os interessados eram avaliados. Cada selecionado recebia a informação de que receberia uma bolsa de estudos do CNPq ou da Capes, o que na época era uma extraordinária novidade.

Com isso, receberam alunos das principais capitais brasileiras e do México, do Chile, do Uruguai, da Colômbia e da Argentina. Poucos anos depois, a nossa querida Coppe se transformou em referência nacional na área de pesquisa tecnológica e no maior centro de ensino e pesquisa em



Engenharia da América Latina.

Por que eu fiz questão de ler este texto sobre o professor Alberto Luiz Galvão Coimbra? É porque muitas vezes a gente encontra o prato pronto e não tem o cuidado de saber como foi [para] preparar o prato para a gente comer. Aí, a gente passa a não valorizar as pessoas que vieram antes de nós e que fizeram coisas que nós, hoje, usufruímos. Isso acontece na vida política, na vida acadêmica, entre os cientistas, [entre] os pesquisadores, entre os sindicalistas. Normalmente, todos nós achamos que a história começa a partir de nós quando, na verdade, nós somos resultado da história feita por outros.

Eu fiz questão de ler este texto aqui para a gente acreditar que neste país, algum tempo atrás, tinha gente que pensava mais seriamente no País, tinha gente que pensava em soberania nacional, tinha gente que pensava em independência na área do conhecimento, tinha gente que queria que o Brasil fosse um país respeitado, e o professor Aloisio [Alberto Luiz] era um desses.

Obviamente nós temos, ao longo da história, milhares de pessoas que também seguiram essa trajetória. Mas tivemos outros que acharam que “o mercado vai resolver o problema”. É com muita tristeza que a gente olha para a Educação deste país, e percebe que em um estado rico chega a ter 82% dos estudantes em universidades públicas (falha na gravação) universidades, em universidades privadas. Nada contra as universidades privadas, mas tudo favorável à universidade pública.

Às vezes eu me pergunto, meu companheiro Reitor, meu caro Governador, por que durante tantas décadas se investiu tão pouco em pesquisa e em universidade neste país? Não há explicação. Este país só teve governantes com curso superior. Até os nossos militares todos que governaram, tinham curso superior. Eu e o José Alencar – não sei se tivemos a sorte ou o azar – de ser os únicos dois, presidente e vice, que nenhum dos dois tem diploma universitário. Talvez explique... Eu não falo isso com orgulho, não, porque vocês não sabem o quanto eu gostaria de ser economista. Eu acho



fantástico ser economista, da oposição, porque a gente sabe tudo quando é economista, a gente fala, tem resultado para tudo. Depois, quando a gente assume, percebe que é mais difícil fazer do que achar, quando a gente está apenas discutindo teorias. Mas eu tinha loucura para fazer Economia. Eu não consegui fazer... Obviamente, eu acho que foi um prejuízo, mas acho que se eu fosse economista, não sei se eu seria presidente da República.

De qualquer forma, tem uma coisa importante nessa história, Sérgio, que é o seguinte: possivelmente, o fato de eu não ter o conhecimento acadêmico que muitos tiveram, facilita à gente fazer as coisas, porque não tem preconceito, porque não tem disputa acadêmica. A única coisa que eu tenho claro é que este país não será nunca uma grande nação se ele não investir em educação, ciência e pesquisa. É a única coisa de que eu tenho clareza, como eu tenho clareza de que os pesquisadores não podem fazer pesquisa, fazer sua tese acadêmica e trancarem em uma gaveta para o debate intelectual. É preciso transformar o resultado daquela pesquisa em um produto que possa ser produzido por empresas e gerar oportunidade de riqueza para quem quer trabalhar neste país. Também tivemos essa deficiência: as pessoas gostavam apenas de ser acadêmicas, e não [de] transformar o seu produto acadêmico, vindo da sua inteligência, em um produto capaz de ser consumido, capaz de ser utilizado pelos brasileiros. Isso começa a mudar.

Por isso que quando o companheiro Sergio Rezende propôs... Quando nós fizemos o PAC, no dia 22 de janeiro, que deu certo, nós começamos a fazer PAC para tudo quanto é coisa. Eu falei: Serginho, vamos fazer um PAC da Ciência e Tecnologia. [É] um PAC que vai exigir um investimento do governo de R\$ 41 bilhões, até 2010. Imediatamente nós criamos um conselho para poder acompanhar o PAC. Qual era a minha preocupação? No Brasil, não basta ter dinheiro. Com a quantidade de regras que nós criamos para dificultar a utilização do dinheiro, às vezes você vê a galinha cantando, pensa que ela botou ovo e ela não vai botar ovo nunca. É mais ou menos assim que



acontece. O que você contou do Tribunal de Contas... Eu não vou te contar da perereca do viaduto, porque...

É o seguinte: o País passou mais de 25 anos sem fazer investimentos em nada, e nós fomos criando uma poderosa máquina de fiscalização... porque agora a máquina de fiscalização é superior à máquina da produção. Esse é o dado concreto. Se você pegar uma instituição como a Caixa Econômica Federal, como o Banco do Brasil, como o BNDES, agora, depois de algum tempo, é que a máquina voltou a aprender a investir. O BNDES, um banco que é modelo de exemplo para nós, de orgulho, como a Petrobras é... O BNDES é motivo de orgulho para nós, mas ele passou parte do seu tempo aprendendo a sanear empresas para serem privatizadas, e desaprendeu a discutir investimento. Eu me lembro que uma vez eu perguntei a um cidadão: quanto tempo você leva entre receber um projeto e aprovar um projeto? Duzentos e setenta e cinco dias. Não é possível! E, assim, vale para outras coisas.

Hoje, no Brasil, nenhum governante consegue fazer uma obra estruturante em quatro anos. Juscelino Kubitschek, se fosse eleito presidente hoje, se não existisse Brasília e se ele quisesse fazer Brasília hoje, ele ia terminar o mandato dele sem conseguir licença para fazer a pista para descer o aviãozinho dele, para começar a estudar o Planalto Central.

Quando a gente chega aqui, que a gente percebe que este país tem uma obra-prima como a Coppe, que tem cento e poucos laboratórios, que já formou mais de 9 mil doutores, que tem outros 340, 350 trabalhando aqui, a gente tem que ter orgulho do Brasil. O Brasil não tinha orgulho de si mesmo, porque o Brasil estava acostumado a respeitar os outros. Tudo o que era de fora era mais bonito do que [o daqui] de dentro, melhor. Tudo. Eu aprendi na vida, muito cedo, que não existe possibilidade de um interlocutor respeitar outro interlocutor que não se respeita. Não existe possibilidade. Se você não se respeitar, ninguém vai te respeitar, nem dentro de casa, nem na sala de aula, nem no serviço, e muito menos nas relações internacionais, onde cada um



quer exercer a supremacia de ser mais importante.

O Brasil, portanto, vive um momento ímpar na sua história. Os que virão depois de nós, certamente terão outro paradigma para começar a fazer as coisas. Não é o paradigma da nulidade, não é o paradigma de um país de cabeça baixa, de um país grande que pensava pequeno, de um país grande que não se respeitava, de autoridades voltadas apenas para as suas relações com os Estados Unidos e com a União Européia. Nada para a África, nada para a América do Sul, nada para a América Latina. [É o paradigma de] um país que acredita hoje que é possível a gente fazer, em poucos anos, mais do que foi feito em séculos. Eu digo sempre: se a gente pegar a primeira escola federal construída na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, por Nilo Peçanha, se não me falha a memória, em 1909... De 1909 até 2003 foram criadas 140 escolas técnicas. Em quase 100 anos, 140 escolas técnicas. Em 1998 fizeram uma lei, tirando da responsabilidade do governo federal o ensino profissional. Nós mudamos a lei, e em 8 anos nós vamos fazer uma vez e meia o que foi feito em 100 anos de existência de escolas técnicas neste país.

Vocês viram que esses dias fizeram uma crítica mortal ao ProUni. Disseram que tinha estudantes com carro novo, sendo do ProUni. Primeiro, eu defendo o direito de que todos pudessem estudar de graça, até porque é obrigação do Estado garantir o ensino para as pessoas, e eu sei que isso não é possível de uma hora para outra. Eu me lembro que quando nós criamos o ProUni, alguns diziam: “O governo está nivelando a Educação por baixo, porque está colocando jovens pobres da periferia para fazer universidade privada, com bolsas de estudo”. Passados dois anos, nas 13 matérias pesquisadas, os melhores alunos eram os pobres da periferia, do ProUni. Em 13 matérias. Quando nós fomos criar o Reuni – o Aloisio sabe. Não sei se o seu gabinete foi invadido porque a pequena burguesia que estuda de graça aqui ou em qualquer lugar do mundo é contra que se sentem mais que 12 alunos em uma sala de aula. Doze já uma superpopulação. De preferência,



para eles, seria um aluno por professor. O que nós queríamos? Apenas copiar o modelo francês: colocar, em média, 18 alunos por professor. O que isso está possibilitando hoje? Desde que foi feita a primeira universidade federal neste país até 2003, o máximo que a gente conseguiu renovar de alunos, nas escolas federais, foi 113 mil. Este ano, por causa do Reuni, já foram 227 mil alunos novos inscritos nas universidades federais.

Vocês aqui do Rio de Janeiro e de São Paulo, quando viajarem o Brasil, vão ver coisas diferentes. Quando vocês pegarem um avião, em 2011, e forem para o interior, vão perceber 14 universidades federais novas, vão perceber 98 extensões universitárias por este país afora - Quantas tem em Sergipe? - É preciso acabar com a história de que a universidade tem que ser na capital. Em vez de se ficar querendo que os jovens do mundo inteiro se transfiram para o Rio de Janeiro ou para São Paulo, é muito mais barato, muito mais cômodo e socialmente muito mais justo – até do ponto de vista da família, é muito mais justo – levar braços das universidades para o interior do país, para que esses jovens possam... e levar doutores dos grandes centros para darem aulas lá, porque é assim que a gente vai tornar o Brasil mais igual. Antes era tudo [em] São Paulo ou Rio, era o eixo: São Paulo-Rio-Minas. É preciso destensionar o País para que a gente possa criar um pouco mais de justiça, de igualdade. Nós sabemos...

Outro dia eu encontrei um professor, que foi presidente da SBPC, dando aulas em Manaus. Eu achei aquilo extraordinário, o cidadão da elite intelectual de um centro desenvolvido fez uma escolha preferencial de ir para a universidade de Manaus dar aulas. Um professor de Medicina, o titular da academia, trocou Manaus para ir dar aulas em Coari, na universidade que nós fizemos lá. Então, é assim que a gente vai acreditando que daqui a 15 ou 20 anos os nossos filhos – eu espero estar vivo daqui a 15 ou 20 anos – que a gente tenha um país, eu diria, muito mais bem formado, muito mais bem preparado, e com as nossas pesquisas fazendo as nossas empresas se



transformarem em grandes empresas de qualidade.

Nós sabemos que ainda falta fazer muita coisa neste país. Mas eu duvido que tenha tido um presidente deste país que tenha participado de uma reunião da Comissão Nacional de Ciência e Tecnologia e, depois, ir à sede da SBPC e não ouvir uma crítica. Eu duvido que já tenha tido alguém... até estranhei: como é que eu estou aqui na casa da SBPC e ninguém está descendo o porrete no governo? É exatamente porque agora todos têm a responsabilidade de fazer com que o ministro não trate o Plano como se fosse um Plano do ministro que, quando ele sai, acaba. O Plano não é do ministro, o Plano é da sociedade, porque foram vocês que construíram o nosso PAC de Ciência e Tecnologia. Então, se vocês pariram, cuidem. Não permitam que morra de inanição. Nós estamos convencidos de que vamos cumprir a meta.

Agora, dizia o meu amigo Pinguelli que poderiam ter colocado um robzinho mais bonito ali, para eu ver, não é? (incompreensível) coisa que... Achei que era um robô... até pensei que era uma pessoa parecida comigo.

Bem, no mais, a alegria de estar aqui, gente. Eu acho que o Brasil entrou em um outro patamar. Quem tem viajado o Brasil tem percebido. Esses dias eu fiquei feliz porque eu fui comunicado de que, do ponto de vista da produção de artigos, o Brasil já passou a Rússia, o que era impensável a gente imaginar cinco anos atrás.

Eu participei da Olimpíada de Matemática e acho que o que o Impa está fazendo neste país é motivo de orgulho para qualquer brasileiro. É uma pena que as pessoas não conhecem. Mas eu participei da Olimpíada de Matemática e é motivo para qualquer brasileiro ficar orgulhoso. Aquele famoso moleque do Ceará, aquele que ia para a escola em um carrinho de pedreiro, com o pai levando ele, ganhou a terceira medalha de ouro consecutiva. E um menino de São Paulo, de escola pública, é o único tetracampeão, de medalha de ouro, na Olimpíada. Essa molecada é gênio, [para os quais] o Ministério vai dar uma bolsa - a Capes vai dar uma bolsa? CNPq. Mas aí é o seguinte: nós vamos



agora começar um trabalho para que as empresas brasileiras contratem esses meninos, pagando bolsa de estudo para eles, para que esses meninos... ora, se você pega um jogador de futebol, com 8 anos de idade, e já começa a tratá-lo para ir jogar na Europa, por que uma empresa como a Petrobras, a nossa querida Petrobras, não pega uns 100 moleques desses e investe neles para o futuro da Petrobras? Por que não pode fazer isso? – ele já falou que vai fazer, está regateando o quanto, mas vai fazer – Não, mas os governos dos estados podem pegar um pouco e criar planos específicos. Imaginem: se um time italiano manda vir para cá uma equipe técnica para ir ao berçário ver se o cidadão tem o pezinho bom para chutar a bola, e já começa a querer cuidar, por que nós não cuidamos da nossa inteligência, oferecendo oportunidades desde pequenos?

Eu acho que esse é um desafio, Sergio, para nós. É um desafio. É procurar onde está a inteligência deste país, fazê-la aflorar, dar oportunidade, porque o que falta para um ser humano desmotivado é apenas uma palavra mágica chamada “oportunidade”. E vocês, aqui, com esse embrião que vocês começaram em 1945, estão provando o que significa oportunidade. Portanto, vocês e a Coppe são exemplos de que este país não deve nada a nenhum país do mundo. A diferença que nós temos é que este país passou muitas décadas sem dar chance ao povo brasileiro.

Muito obrigado.

(\$211A)